

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



**Betty Carakushansky Wainstock**

**Filhos que vão, pais que ficam: A web como  
recurso de comunicação durante o luto**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da PUC-Rio como parte dos requisitos parciais para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica.

Orientadora: Profa. Ana Maria Nicolaci-da-Costa

Rio de Janeiro

Março de 2013



**Betty Carakushansky Wainstock**

**Filhos que vão, pais que ficam: A web como  
recurso de comunicação durante o luto**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Profa. Ana Maria Nicolaci-da-Costa**

Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

**Profa. Maria Inês Garcia de Freitas Bittencourt**

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

**Profa. Daniela Romão Barbuto Dias**

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

**Profa. Ilana Strozenberg**

Escola de Comunicação – UFRJ

**Prof. Julio Sergio Verztman**

Instituto de Psiquiatria - UFRJ

**Profa. Denise Berruezo Portinari**

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação  
e Pesquisa do Centro de Teologia  
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 08 de março de 2013.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da autora, da orientadora e da universidade.

### **Betty Carakushansky Wainstock**

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É professora da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e especializou-se em pesquisa de mercado, realizando pesquisas qualitativas e quantitativas para diversas categorias.

#### Ficha Catalográfica

Wainstock, Betty Carakushansky

Filhos que vão, pais que ficam : a web como recurso de comunicação durante o luto / Betty Carakushansky Wainstock ; orientadora: Ana Maria Nicolaci-da-Costa. – 2013.

136 f. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2013.

Inclui bibliografia.

1. Psicologia – Teses. 2. Morte. 3. Pais enlutados. 4. Luto. 5. Orkut. 6. Internet. 7. Comunidades. 8. Redes sociais. 9. Sites de relacionamento. 10. Desabafo. I. Nicolaci-da-Costa, Ana Maria. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Serviço Social. III. Título.

CDD: 150

## Dedicatória

Dedico esta tese ao meu pai Gerson, à minha mãe Mina e, ao Zé Paulo, meus modelos e mentores de vida, que sempre valorizaram o meu percurso por esta jornada acadêmica e sempre me inspiraram a dar o melhor de mim. Obrigada pelo amor que vocês demonstram a cada dia.

Ao meu marido Mauro e aos meus filhos Aline e Daniel, meus três amores, com quem somo, multiplico e divido tudo em minha vida. Agradeço a Deus por vocês existirem e por eu estar concretizando este projeto junto com vocês, que acompanharam cada passo, comemorando comigo o início de tudo e, agora, o final.

Ao Mauri, meu irmão e amigo, que embora more tão longe, está sempre por perto, vibrando, torcendo e fazendo parte dos momentos mais importantes da minha vida.

## **Agradecimentos especiais**

À minha orientadora Ana Maria Nicolaci da Costa, agradeço por ter me acompanhado e incentivado de forma instigante e inteligente ao longo destes anos. Aprendi muito com sua seriedade e formas de se aprofundar em um tema. Muito obrigada pela sua orientação, parceria, dedicação e envolvimento.

Aos meus colegas Mariana, Raphael, Érika, Isabel e Pedro por tornar nossas reuniões agradáveis, com alto astral, otimismo e bom humor. Um agradecimento especial à querida Mari pela permanente disposição em me ajudar, dando sugestões pertinentes e contribuições muito enriquecedoras.

À Vicky, pelas relevantes colaborações que muito me inspiraram.

A todos os familiares e amigos queridos que torceram por mim ao longo deste período. Há aqueles que deram o “empurrão inicial” para que tudo acontecesse no lugar certo e no momento certo, aqueles que “seguraram as pontas” para que eu pudesse ter tempo para percorrer com tranquilidade esta estrada, aqueles que me emprestaram livros, agregaram valor a este estudo e demonstraram todo o seu carinho, me perguntando inúmeras vezes, ao longo de todos estes anos: “Como vai o seu Doutorado?”.

Aos renomados professores da banca por quem tenho grande admiração.

À CAPES pelo apoio financeiro concedido para a realização deste trabalho.

## **Homenagem**

Aos pais enlutados entrevistados nesta pesquisa e seus filhos falecidos.

Em memória de Thays\* e Ercílio\*\*.

---

\*Thays, uma menina que faleceu de câncer aos nove anos de idade e que fez com que eu sonhasse em escrever esta tese.

\*\*Ercílio, pai de Thays.

## Resumo

Wainstock, Betty Carakushansky; Nicolaci-da-Costa, Ana Maria (Orientadora). **Filhos que vão, pais que ficam: a web como recurso de comunicação durante o luto.** Rio de Janeiro, 2013. 136p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Uma parcela significativa das transformações na sociedade que ocorreram nos últimos anos pode ser atribuída à difusão da Internet. Com o surgimento dos *chats*, *emails*, *sites*, *blogs* e redes sociais, as pessoas encontraram novas formas de se comunicar, sem limitações geográficas, interagindo com rapidez e facilidade com aqueles com quem possuem interesses em comum. Embora as redes sociais tenham sido inicialmente idealizadas com o intuito de gerar a aproximação entre amigos e propiciar a criação de novas amizades, um novo e interessante fenômeno começou a surgir: o "luto virtual". Esta tese tem como foco estudar especificamente este tipo de manifestação nas comunidades do Orkut, criadas por pais enlutados que sentiram a necessidade de compartilhar a sua dor com outros que passaram por experiências semelhantes. Para realizar uma análise consistente e aprofundada sobre a utilização do "luto virtual", foi imprescindível recorrer a uma ampla bibliografia sobre o papel do filho dentro de uma família e investigar a visão de diversos especialistas no processo psicológico de elaboração do luto, especialmente no que concerne às fases que um indivíduo atravessa ao perder um ente querido. Também foi necessário levantar informações através de uma pesquisa de campo que contemplou uma amostra de vinte pais enlutados que participam de comunidades no Orkut voltadas para este segmento. Embora a dor de perder um filho possa parecer insuportável e eterna para quem a vivencia, este trabalho revela o importante papel que as comunidades virtuais desempenham junto a este público. A pesquisa indicou que os pais enlutados acreditam que mitigar a dor, e não sucumbir, parece ser um objetivo inalcançável. Se a dor de perder um filho parece se assemelhar a uma sensação de "cair em um abismo", as comunidades virtuais para pais enlutados funcionam como "cordas de resgate". De acordo com os entrevistados, entre os benefícios de participar destes grupos destacam-se a possibilidade de dividir o peso deste sentimento com os demais membros, aprender como aqueles que "deram a volta por cima", ter a oportunidade de ler, escrever ou receber depoimentos similares; ter a chance de desabafar sem ser interrompido ou recriminado e receber palavras de carinho, incentivo e apoio sem que estas frases sejam insensíveis, ofensivas ou invasivas, justamente porque foram expressas por alguém que viveu o mesmo drama. Esta percepção é compartilhada por pais de diversas faixas etárias e classes sociais, em distintas fases de elaboração do luto e com filhos falecidos em diferentes idades. Nesse sentido, ter a sensação de proximidade com outros pais enlutados de qualquer lugar, a qualquer hora, faz com que a solidão seja minimizada porque passa a ser compartilhada com aqueles que sofreram o mesmo impacto.

## Palavras-chave

Morte; pais enlutados; luto; Orkut; Internet; comunidades; redes sociais; sites de relacionamento; desabafo.

## Abstract

Wainstock, Betty Carakushansky; Nicolaci-da-Costa, Ana Maria (Advisor). **Children who leave, parents who stay: The web as a communication resource during mourning**. Rio de Janeiro, 2013. 136p. PhD Thesis - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A significant number of the changes occurred in society in recent years can be attributed to the diffusion of the Internet. With the emergence of chats, emails, websites, blogs and social networks, people have found new ways to communicate without geographical limitations, interacting with speed and ease with those who share common interests. Although social networks were originally devised to generate closeness among friends and foster the creation of new friendships, a new and interesting phenomenon began to emerge: the "virtual mourning." This thesis focuses specifically on this type of manifestation in ORKUT communities, established by bereaved parents who felt the need to share their grief with other parents who have had similar experiences. It was essential to resort to a wide literature on the role of the child within a family and investigate the vision of several experts regarding the psychological process of elaboration of mourning in order to perform a consistent and thorough analysis on the use of "virtual mourning", especially those concerning the stages an individual goes through when losing a loved one. It was also necessary to gather information through field research that included a sample of twenty bereaved parents participating in ORKUT communities focused on this segment. Although the pain of losing a child may seem unbearable and eternal for those who experience it, this work reveals the important role that virtual communities have to this public. The survey indicated that bereaved parents believe to be an impossible and even unattainable goal to mitigate their pain, and not succumb. If the pain of losing a child seems to resemble a feeling of "falling into an abyss," virtual communities for bereaved parents act as "rescue ropes." According to respondents, among the benefits of participating in such groups emerge the possibility of dividing the weight of their feelings with other members, learn from those who were able "stand up again on their own feet", have the opportunity to read, write or receive similar statements; have the chance to vent without being stopped or reproached and receive words of affection, encouragement and support and even phrases which when said by others would seem insensitive, offensive or intrusive, but not in this specific case because they were expressed by someone who lived the same drama. This perception is shared by parents of different ages and social classes, in different stages of elaboration of mourning for deceased children at different ages. In this regard, to have a sense of closeness with other bereaved parents from anywhere, at any time, minimizes loneliness because it is shared with those who have suffered the same impact.

## Keywords

Death, bereaved parents, grief, Orkut, Internet, communities, social networks, social networking sites; outburst.

1. Introdução	12
2. O significado da morte de um filho	16
2.1. A desvalorização da criança	16
2.2. A valorização da criança	19
2.3. O grau de valorização da criança no Brasil	21
3. O processo de luto	26
3.1. Os estados de luto na visão de Freud	26
3.2. As fases do luto segundo autores contemporâneos	28
3.3. A cobrança da sociedade para o término do luto	34
3.4. O luto complicado	34
3.5. O luto por um filho	35
4. Expressões virtuais do luto	39
4.1. Histórico do surgimento da expressão do luto na Internet	40
4.1.1. O luto virtual em <i>sites</i>	40
4.1.2. O luto virtual em <i>blogs</i>	41
4.1.3. O luto virtual nas redes sociais	42
4.1.3.1. O luto virtual no Facebook	42
4.1.3.2. O luto virtual no Orkut	47
5. Pesquisa de Campo	51
5.1. Objetivos	53
5.2. Metodologia	54
5.2.1. Participantes da pesquisa	54
5.2.1.1. Critérios de seleção dos entrevistados	54
5.2.1.2. Critérios de seleção das comunidades para pais enlutados	55
5.2.2. Considerações sobre o anonimato dos participantes	55
5.2.3. Como cheguei aos entrevistados	56
5.2.4. Coleta de dados	57
5.2.4.1. A marcação das entrevistas	58
5.2.4.2. Interrupções	58
5.2.4.3. Registro das entrevistas	58
5.2.4.4. A construção do roteiro de entrevistas	59
5.2.5. Análise dos dados	60
6. Resultados da análise das entrevistas realizadas com pais enlutados que frequentam as comunidades do Orkut	62
6.1. Apresentando os pais enlutados	62
6.2. Apresentando os filhos falecidos	62
6.2.1. Meu filho, meu melhor amigo	62
6.2.2. Meu filho, um herói	63
6.3. Nada mais importa	65
6.3.1. Não vivo, sobrevivo	66
6.3.2. Morri com meu filho	67
6.3.3. Dor ioiô: uma instabilidade permanente	68
6.4. A tábua de salvação	69
6.4.1. Fé	70
6.4.2. Terapia	71

6.4.3. Trabalho e Passatempos	71
6.4.4. Falar, falar, falar...	72
6.4.4.1. Eu preciso contar...	73
6.5. Dores que se somam ao luto	75
6.5.1. A culpa	75
6.5.2. A cobrança “dos outros”	76
6.6. As relações com “os outros”	80
6.6.1. Casais mascarados	80
6.6.2. Filhos distanciados	82
6.7. Isso eu não faço mais	84
6.8. Objetos sagrados	85
6.9. A entrada na Internet como saída	86
6.9.1. Razões para participar	86
6.9.1.1. Não sou o único	88
6.9.1.2. A dor que era minha, virou nossa	90
6.9.1.3. Sinto meu filho mais perto	91
6.9.1.4. Encontrei conselheiros “com aval”	93
6.9.1.5. Encontrei liberdade para ser autêntico	94
6.9.1.6. Meu sofrimento pode ser compartilhado	95
6.9.1.7. Fortaleci relacionamentos	96
6.9.1.8. Posso ser útil	96
6.10. Meu conselho é...	97
6.11. Despedida	100
7. Discussão	102
7.1. Primeira consideração: Na percepção dos pais enlutados, o luto por um filho é o mais difícil de todos	103
7.1.1. É o luto mais difícil de todos porque a sociedade atual determina que o filho é o membro mais importante de uma família	104
7.1.2. É o luto mais difícil de todos e por isso sequer tem nome	104
7.1.3. É o luto mais difícil de todos porque subverte a ordem natural da vida	105
7.1.4. É o luto mais difícil de todos porque, de tão forte, gera intensa sensação de dor, não apenas emocional, mas física	106
7.1.5. É o luto mais difícil de todos e por isso gera o desejo de morrer	107
7.2. Segunda consideração: O tempo de recuperação do luto por um filho é demorado	107
7.3. Terceira consideração: Os pais enlutados conseguem elaborar o luto, mas a intensidade da dor os faz pensar que nunca conseguirão	110
7.3.1. A elaboração do luto se manifesta na retomada das atividades profissionais e de lazer	113
7.3.2. A elaboração do luto se manifesta na rarefação das visitas às comunidades virtuais	114
7.4. quarta consideração: Os pais enlutados precisam desabafar para expressar o tamanho de sua dor	115
7.5. Quinta consideração: Os pais enlutados encontram nas comunidades virtuais um espaço para desabafar e sentir apoio	116
7.5.1. Escrever é reconfortante por ser uma forma eficiente de desabafar	117
7.5.2. Escrever é reconfortante por ser uma maneira de sentir o falecido mais perto	118

7.5.3. Escrever para outras pessoas que vivem uma situação similar é reconfortante porque é possível encontrar apoio e compreensão	118
8. Conclusão	120
9. Referências Bibliográficas	124
ANEXO 1	132
ANEXO 2	134

## CANÇÃO AMIGA

Eu preparo uma canção  
em que minha mãe se reconheça,  
todas as mães se reconheçam,  
e que fale como dois olhos.  
Caminho por uma rua  
que passa em muitos países.  
Se não me vêem, eu vejo  
e saúdo velhos amigos.  
Eu distribuo um segredo  
como quem ama ou sorri.  
No jeito mais natural  
dois carinhos se procuram.  
Minha vida, nossas vidas  
formam um só diamante.  
Aprendi novas palavras  
e tornei outras mais belas.  
Eu preparo uma canção  
que faça acordar os homens  
e adormecer as crianças.

Carlos Drummond de Andrade (pai enlutado)

(ANDRADE, Canção amiga [*Novos poemas*], 1973, p. 154).

# 1

## Introdução

"Tudo se torna irrelevante diante da perda de um filho".

Martha Medeiros

Apesar de ser um fenômeno recente, que se difundiu em meados da década de 1990, a Internet se incorporou à sociedade moderna e gerou mudanças de comportamento em diversas áreas. A rede viabilizou a possibilidade de compartilhar informações em fração de segundos, inclusive entre aqueles que residem em continentes diferentes. Com a heterogeneidade de informações disponibilizadas entre tanta diversidade de usuários, as mais variadas manifestações culturais começaram a ser propagadas. Com a convergência de mídias, passou a ser possível assistir televisão, ver filmes, ouvir rádio e ler vários jornais e revistas, inclusive de outros países. As tendências de saúde, gastronomia, moda, educação, curiosidades, humor e notícias de qualquer natureza passaram a ser compartilhadas em tempo real e atualizadas segundo a segundo. Tornou-se comum usar a Internet para efetuar transações financeiras, fazer compras, procurar imóveis, pesquisar tratamentos médicos, assistir palestras, explorar possibilidades de emprego, ouvir músicas em diversos idiomas, ler livros, visitar museus do mundo inteiro e conversar, em tempo real. As pessoas se deslumbraram com a criação dos *chats*, *emails*, *sites* e *blogs* e, tempos depois, aderiram às redes sociais como o Orkut, Facebook e My Space, entre outras. Elas foram criadas com o objetivo de fortalecer laços de amizade e estimular novas conexões e relacionamentos amorosos. Estes encontros se desdobraram de tal maneira que hoje em dia são comuns os casos de casamentos decorrentes de encontros virtuais na rede. A questão interessante que apresento a seguir, e que é precisamente o tema de minha tese, é o fato de que uma rede social como o Orkut, idealmente criada em torno de temas prazerosos, leves e divertidos, acabou por se transformar também em um espaço que permitiu aflorar um fenômeno completamente novo: o "luto virtual". Em minha pesquisa, abordo especificamente a manifestação do luto

por um filho nas comunidades criadas nesta rede social. Sendo o Orkut um site com um visual alegre e descontraído e que dá liberdade a qualquer usuário para criar sua própria comunidade, com o tema de seu interesse, não são raras as comunidades que possuem títulos engraçados e criativos como, por exemplo: “Já acordo com vontade de dormir”, “Odeio esquecer o que ia falar!” e “Deus me disse: desce e arrasa!”. Mas, o que realmente me chamou a atenção, é que percebi que, entre tantas comunidades de temas fúteis, começaram a surgir outras cujo foco eram assuntos sérios e delicados, como doenças e morte. Ao começar a me aprofundar neste assunto, encontrei no Orkut centenas de comunidades criadas por pais enlutados para homenagear seus filhos falecidos e promover a troca de mensagens entre pessoas que passaram por experiências similares. Pelo menos dez delas já possuem atualmente mais de dois mil membros, sendo que uma das comunidades já superou a marca dos sete mil inscritos.

Ao observar estas comunidades pela primeira vez, fui impactada por uma multiplicidade de relatos dos mais variados tipos. Entre eles, lamentos em relação à pressão da sociedade para que a dor do luto seja reprimida, como exemplifico nestes depoimentos textuais extraídos destes espaços:

“a verdade é q [que] agte [a gente] parece q [que] perde o direito de sofrer por isso....”

“eu estou mto mal, precisando desabafar...”

Também observei inúmeras manifestações de revolta em relação às “frases clichês” de consolo:

“Tenho escutado tantas coisa que me dá até raiva... Coisas do tipo: Deus tem um propósito [propósito] na sua vida...ele só dá o fardo que podemos carregar e por aí vai...”

“dizem que temos que superar, mas apenas continuamos a sobreviver”

Igualmente encontrei frases abundantes indicando um menosprezo pela vida:

“minha vontade é de não viver mais”

E também pude ler frases de lembranças que os pais enlutados têm de seus filhos:

“lembro-me, quando ele chegava perto de mim, pegava meus cabelos, começava a cheirar, e dizia, hum mae [mãe] como seu cabelo e [é] cheiroso... todas as vezes, que passo a mao [mão] pelos meus cabelos, parece que eu ouço ele me dizendo estas palavras, ah, como doi [dói] a saudade”

Poderia citar aqui muitos outros exemplos, mas deixarei este aprofundamento para mais adiante. Diante destas expressões de tristeza, dor, desespero, saudade e solidão, me motivei a entender por que os pais enlutados participam destas comunidades e que efeitos são gerados por esta participação. Para encontrar estas respostas, realizei um levantamento bibliográfico para adquirir respaldo teórico e, paralelamente, desenvolvi uma pesquisa qualitativa com vinte membros que participam de comunidades virtuais criadas para pais enlutados no Orkut. Esta tese está dividida em oito capítulos, incluindo esta introdução. A seguir apresentarei o conteúdo dos próximos capítulos.

No capítulo 2, “O significado da morte de um filho”, me transporto à Idade Média por meio das descobertas de Ariès (1978, 1989), Shorter (1975), Tucker (1982), Badinter (1985) e Lebrun (1985) e constato que antigamente prevalecia o sentimento de indiferença diante do falecimento de um filho, principalmente quando criança. O tratamento distante dado às crianças nesta época fazia com que a morte de um filho pequeno fosse percebida como algo natural. Até mesmo o infanticídio era tolerado. Ainda no capítulo 2, menciono como ocorreu o processo de distinção e valorização da criança após o século XVIII. Desta forma, a constituição da nova família passa a ter como prioridade a criança e a maior valorização dos filhos pelos pais. Transformações ocorridas tais como a diminuição da mortalidade infantil, o surgimento dos colégios e da pedagogia com suas diferentes correntes teóricas, a pediatria como uma nova área médica, entre outras, fizeram com que o sentimento da família para com a criança também se transformasse. Apresento referências do trabalho de alguns autores que me permitiram ilustrar como ocorriam os cerimoniais fúnebres de crianças no Brasil nos séculos passados.

No capítulo 3, “O processo de luto”, falo a respeito da visão de alguns autores sobre a manifestação de diversas etapas caracterizadas por estados de

choque, entorpecimento, descrença, ansiedade, depressão, recuperação, entre outras. Apresento as visões de Freud (1917/1988), Bowlby (1981), Worden (1998) e Bromberg (2000), assim como menciono as contribuições de Kóvacs (1992), Cassorla (1998) e Kübler-Ross (2000). Introduzo também as ideias de autores que tratam especificamente do luto por um filho como Viorst (1998), Walsh e McGoldrick (1998), Stearns (1990), Vovelle (1991), Freitas (2000) e Roitman, Armuse Szwarc (2002).

No capítulo 4, “Expressões virtuais do luto”, apresento um histórico do surgimento deste tipo de manifestação na Internet e explico como funcionam as comunidades de apoio mútuo na web. Pelo fato de tratar-se de um fenômeno recente, encontrei escassa literatura sobre este tema. No entanto, enfatizo as valiosas contribuições de Matos-Silva (2011). Também faço referência aos estudos de Silvestre e Aguilera (2006), Albuquerque (2007), Negrini (2009), Peruzzo, Jung, Soares (2007) e Tomasi (2012).

Após finalizar a revisão bibliográfica, descrevo, no capítulo 5, “Pesquisa de campo”, os objetivos da minha pesquisa e detalhes da metodologia qualitativa, explicando como entrei em contato com os entrevistados, como aconteceram as entrevistas e que perguntas inseri no roteiro.

No capítulo 6, “Resultados da análise das entrevistas realizadas com pais enlutados que frequentam as comunidades do Orkut”, analiso todas as respostas dadas nas entrevistas, classificando os resultados em categorias que me permitiram visualizar com nitidez os aspectos mais relevantes do estudo.

Finalmente, no capítulo 7, “Discussão”, analiso os resultados da minha pesquisa tendo como base de sustentação minha revisão bibliográfica. Neste capítulo, enumero cinco considerações que resumem minhas principais descobertas. No capítulo 8, “Conclusão”, encerro a tese destacando os pontos prioritários deste estudo.

## 2

### O significado da morte de um filho

Sabemos que nos dias de hoje enfrentar a perda de um filho representa uma das experiências mais dolorosas que um ser humano pode enfrentar. Existem palavras como viúvo ou viúva que designam aquele ou aquela que sobrevive ao seu cônjuge; e há palavras como órfão para nomear a perda precoce de um dos genitores. Mas Roitman, Armus e Szwarc (2002) observam que, no caso de quem perdeu um filho, não existe denominação alguma.

Para Walsh e McGoldrick (1998), quando se enfrenta a morte de um filho, perdem-se as perspectivas de futuro e os sonhos e projetos são brutalmente interrompidos. A morte de um filho é vivenciada pelos pais como uma “perda de um pedaço” de si mesmos. Estes autores resumem esta afirmativa em uma frase: “quando seus pais morrem perde-se o passado; quando seus filhos morrem, perde-se o futuro”. Viorst (1998) também afirma o mesmo: diante de uma perda desta magnitude, os pais sentem como se tivessem perdido um pedaço de si.

Ao entrar em contato com a dor que tantos pais enlutados expressam, perguntei-me como, ao longo da história, havia se dado o processo de luto frente à perda de um filho. Ao estudar o grau de importância atribuído ao filho dentro do seio familiar, descobri que na Idade Média existia uma acentuada desvalorização da criança e que, a valorização da mesma, só ocorreu após o século XVIII.

#### 2.1

##### A desvalorização da criança

O tratamento dado às crianças na Idade Média era muito diferente do atual, razão pela qual as manifestações diante da morte também ocorriam de forma radicalmente diferente. Ariès (1978, 1989) resgata da história um fato que hoje pode nos causar espanto: quando morriam crianças, não se realizava um ritual funerário. Até o século XVI, não se acham registros de túmulos e epitáfios que lembrem a morte de crianças. Consideradas substituíveis e com escassas chances

de sobrevivência, as crianças nasciam e morriam sem provocar demasiada aflição. Elas não tinham papel relevante na sociedade e os filhos dos ricos, que faleciam ainda pequenos, tinham o mesmo tratamento dado aos pobres.

Shorter (1975) oferece a seguinte interpretação para a morte das crianças na época: “a elevada taxa de perda de bebês não constitui explicação suficiente para a falta de amor maternal tradicional precisamente porque era esta falta de cuidados a responsável pela mortalidade elevada” (p.219-220). Badinter (1985) pensa como Shorter (1975) e também alega que “não era porque as crianças morriam como moscas que as mães se interessavam pouco por elas. Mas era, em grande parte, porque as mães não se interessavam pelos seus filhos que estes morriam em tão grande número”. (p.83).

Lebrun (1985) corrobora este raciocínio quando comenta que, até cerca de 1750, a morte de uma criança não era motivo de escândalo. De fato, uma em cada duas crianças estava condenada a morrer antes dos quinze anos. Segundo este autor, os índices de mortalidade infantil eram altos até o século XVIII, especialmente entre crianças até cinco anos de idade. Entre as razões para tantas mortes podem-se citar a falta de condições básicas necessárias à saúde; a falta de conhecimento técnico das parteiras; a malformação endógena dos fetos; a negligência dos pais e das amas; o abandono de crianças, o enfaixamento dos bebês e as doenças como a varíola e a desintéria. A crença fundamental, de ordem religiosa, que estava atrelada aos altos índices de mortalidade que predominaram até o século XVIII era a de que as crianças seriam “salvas do mundo dos pecados”. Assim sendo, a atitude da família e da sociedade não poderia ser “a tristeza, ainda menos a revolta ou o desespero, mas a alegria e a ação de graças” (p. 228).

A indiferença de antigamente diante do falecimento de uma criança chega a causar espanto e ser pouco crível quando se pensa na enorme dor que ocasiona esse tipo de morte ocasiona nos dias de hoje. Nos diários de família, os falecimentos dos filhos vinham sem comentários. Alguns pais nem compareciam ao enterro de seu filho menor de cinco anos. Quanto às crianças que viviam com as amas, os pais só sabiam de sua morte algum tempo depois. Eles não se empenhavam muito em ter informações sobre a saúde do filho e a criança era um estorvo para o núcleo familiar.

Mesmo atos de infanticídio eram tolerados até fins do século XVII, pois não havia leis que os proibissem. O infanticídio era provocado pelo descaso ou desleixo em relação à criação da criança e também por torturas. Para ilustrar esta questão, Tucker (1982) descreve um levantamento feito no século XVI, do qual constam as seguintes causas das mortes de 30 crianças:

Estranguladas, cinco; sufocadas, duas; asfixiadas com uma almofada, uma; no forno, uma; em uma valeta, três; em um celeiro, uma; afogadas em um pântano, quatro (uma nascida morta); em um poço, uma; enterradas em um buraco, uma; desnucadas, três; encerradas em uma arca e depois enterradas em um monte de esterco, uma; degoladas, duas (uma foi depois afogada); jogada contra o pilar da cama, uma; golpeada por um homem, uma; causa não especificada, três. (p. 275).

Ainda em relação ao infanticídio, Illick (1982) nos dá outro exemplo ao assinalar que

[...] a entrega da criança a uma ama-de-leite era uma forma de infanticídio e o fato de que ‘asfixia e inanição durante a lactância’ fora a causa declarada da morte de 529 crianças no registro de falecimentos de Londres no período 1639-1659 sustenta tal afirmação. (p. 342)

Antes da invenção da infância como um lugar social (Ariès, 1978), a desvalorização da criança pode ser notada não apenas a partir desse descaso em relação à sua integridade física, mas também a partir da origem dessas duas palavras: infância e criança.

O Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda (Ferreira, 1989) indica que o termo *infância*, de origem latina *infans*, *infantis*, significa aqueles que não falam, ou seja, aqueles que não têm voz ativa, desejo ou importância. A palavra *infantia* representa a falta de eloquência, dificuldade em explicar-se, e infância se diz do período de crescimento do ser humano que vai do nascimento até a puberdade, meninice, mas também, ingenuidade, simplicidade. Para definir o verbete *criança*, de origem latina, *creantia*, o sinônimo aponta: ser humano de pouca idade, menino ou menina, párvulo; pessoa ingênua, infantil. Para o verbete *párvulo* o significado advém do latim *parvulu*, pequenino, que na sua forma adjetiva significaria além de pequenino, idiota, tolo, parvo. Para o termo *parvo* encontramos pequeno, limitado, apoucado.

É importante notar o quanto a palavra “pequeno” não se refere somente ao tamanho do ser humano enquanto é criança, mas sim ao seu tamanho como pessoa, como ser ativo na sociedade. Hoje as crianças representam em nossa sociedade um papel extremamente relevante. Elas têm voz, têm direitos, são respeitadas. A seguir descrevo o percurso desta valorização.

## 2.2

### A valorização da criança

Com o desenvolvimento das cidades e as mudanças que começam a acontecer na Europa no final do século XIV, dá-se o início de uma lenta transformação no sentimento em relação à criança (Gélis, 1991). É, contudo, apenas a partir do século XVIII que de fato há uma alteração nessa mentalidade. Segundo Stelin (1994), a partir do século XVII a família sofre uma reestruturação, havendo uma recodificação dos papéis e dos lugares familiares. Nesta época, foi possível pensar na inserção da criança no contexto familiar. A criança deixa de ser *Parvulo*, para ocupar um papel como um indivíduo em desenvolvimento e com necessidades específicas.

Enquanto Shorter (1975) e Badinter (1980) veem na invenção do amor maternal a chave do processo de modernização da infância, Ariès (1978) destaca a nova visão que se adquire sobre a criança enquanto sujeito a educar. Para este autor, o século XVII determinou o começo de um maior respeito pela infância.

Como resultado dos investimentos feitos nas áreas da saúde, da prevenção social e da educação, aparece, em fins do século XIX e início do XX (1880-1918), uma nova concepção de criança – a criança bem-estar, em relação à qual se organizam serviços especializados no sentido de atender às suas necessidades específicas. Foi com as escolas, como representantes de uma nova forma de educação, que as crianças delimitaram seu “novo lugar” na sociedade: elas saíram de suas casas e se tornaram objeto de uma nova ciência, a Pedagogia. A valorização da educação e da aprendizagem fez com que as famílias desenvolvessem maior afeição por seus filhos. Segundo Ariès (1978), tratava-se de um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos de

seus filhos e os acompanhavam. A família começou então a se organizar em torno da criança e a lhe dar tal importância.

Assim, de “pequeno adulto” da Idade Média, a criança gradativamente passa a ser valorizada em si mesma. A criança deixa de ocupar seu lugar de resíduo da vida comunitária, como parte de um grande corpo coletivo e começa a ser percebida como um ser inacabado, carente e, portanto, individualizado, produto de um recorte que conhece nela a necessidade de resguardo e proteção. (Narodowski, 2001).

A partir do século XIX, a criança passa a ser percebida como definitivamente distinta dos adultos (Ariès,1978). Essa mudança ocorre por consequência do capitalismo, quando o Estado moderno começa a associar o aumento da população com o aumento das riquezas, aumento do contingente militar e aumento populacional para povoamento das colônias. Desta forma, a constituição da nova família passa a ter como prioridade a criança e a maior valorização dos filhos pelos pais.

Na afetividade, também se observaram alterações com relação à população infantil. Isso foi registrado nas transformações ocorridas na postura dos pais em relação à saúde dos filhos como as tentativas de encontrar a cura de uma doença ou salvar as crianças da morte prematura. Um novo pensar dos médicos, especialmente a partir do século XVII, voltou-se para a vontade e a necessidade de curar. Como consequência da importância adquirida pela criança, a morte de um filho passou a ter um novo significado para seus pais: passou a ser classificada como “a mais intolerável das mortes” (Vovelle, 1991).

As transformações ocorridas, como a diminuição da mortalidade infantil, a invenção da tipografia, o surgimento dos colégios e da pedagogia com suas diferentes correntes teóricas, a pediatria como uma nova área médica, entre outras, fizeram com que o sentimento da família para com a criança também fosse se modificando. De acordo com Badinter (1980), o sentimento de amor das mães para com seus filhos também é decorrente dessas transformações sociais, culturais e religiosas.

## 2.3

### O grau de valorização da criança no Brasil

O cenário da infância no Brasil, até o final do século XIX, em muito se aproxima da descrição feita por Ariès e Badinter da situação da criança na França do Antigo Regime (Badinter, 1985). A tendência da época consistia em comparar a criança morta a um anjo e esta correlação procurava minimizar a repercussão de sua morte. De acordo com Civiletti (1991), a morte de um filho não era vivenciada com muito sofrimento, mas até como certa credencial divina "devido à identificação da criança morta ao 'anjinho', puro e ainda intocado pelo pecado".

Vailati (2006/2012) dedicou-se ao estudo do cotidiano no Brasil, durante o período colonial e do Império, fazendo uso dos relatos e memórias de viagem escritos naquelas épocas. Analisando-os profundamente, Vailati (2006/2012) estudou o tema da morte e da infância no Brasil, já que descobriu, nesse material coletado, inúmeras descrições sobre os funerais de “anjinho”. A partir das interpretações de viajantes estrangeiros sobre as práticas dos enterros de crianças brasileiras, Vailati (2006/2012) detecta que as mesmas estavam muito distantes dos costumes mortuários que estes viajantes haviam experimentado em seus lugares de origem. Primeiramente, o que para esses estrangeiros sobressaía como diferente era o aspecto comemorativo que tinham os enterros de criança. No entanto, essa comemoração não tinha caráter de desprezo como alguns estrangeiros percebiam, mas sim de cuidado e estima com a criança falecida.

Vailati (2006/2012) revela que o pesquisador Ewbank (1976) demonstrou particular interesse pelos cerimoniais fúnebres de crianças no Brasil. As crianças com menos de onze anos eram vestidas de frades, freiras, santos e anjos. Era muito comum que se vestissem as crianças com o hábito do santo de seu nome. Assim, seu protetor em vida não lhe faltaria na morte, ou seja, os pais acreditavam que cobrindo a criança com as roupas de um santo, seu filho não ficaria desamparado no outro mundo, estando guardado sob os cuidados da entidade espiritual. Além disso, na visão dos adultos, a criança falecida estaria em contato mais direto com os santos e, conseqüentemente, teria em suas mãos o poder de intermediação entre os homens e as entidades celestiais. Portanto, escolher a mortalha de um santo em particular significava a possibilidade de aproveitar esse

poder para a realização de um objetivo particular, já que se acreditava que cada santo é "especialista" em determinado tipo de providências.

Quando se vestia o cadáver de um menino de São João, colocava-se uma pena em uma das mãos e um livro na outra. Quando a criança era enterrada como São José, um bordão coroado de flores tomava o lugar da pena. Quando a criança tinha o mesmo nome que São Francisco ou Santo Antônio, usava como mortalha um hábito de monge e capuz. No caso de São Miguel Arcanjo, vestia-se o pequeno falecido com uma túnica, uma saia curta presa por um cinto, um capacete dourado feito de papelão dourado e botas vermelhas, com a mão direita apoiada sobre o punho de uma espada. As meninas representavam "madonas" e outras figuras populares (Vailati, 2006/2012). O interessante é que algumas das vestes tinham o significado de trazer aos pais da criança falecida o "poder" de procriação, já que a manutenção da linhagem ficava comprometida com a perda filial, gerando nos pais o desejo de se ter outro filho. O "caminho mágico" para concretizar este desejo muitas vezes consistia em enviar o filho falecido, "vestido a caráter", ao encontro desses santos. Com a morte da criança, a associação do falecido com a figura do anjo (ou "anjinho") era imediatamente feita e verbalizada.

Segundo Vailati (2006/2012), outros viajantes que visitaram o Brasil registraram em seus diários os rituais da associação da criança falecida com a figura de anjinho: Ebel (1972), Debret (1978) e Kidder (1980). Essa associação com os anjos reafirma uma série de valores agregados à criança morta, como seu estado de pureza.

Um dos fatos que mais chamou a atenção dos estrangeiros que registraram suas impressões sobre estes rituais foi o investimento nessas cerimônias, qualificado por alguns como enterro com "pompa real". Além da maquiagem, as crianças falecidas recebiam outros adereços como fitas coloridas, flores artificiais e pedras preciosas (Vailati, 2006/2012).

A figura 1 ilustra o luxo das vestimentas providenciadas para o momento do enterro, as crianças eram enterradas como "príncipes" ou "princesas". Interessante notar nesta foto que um cuidado da época era o de arrumar o cadáver de forma a lhe restituir o aspecto que tinha quando vivo, por intermédio da maquiagem.



Figura 1 – Sem título. 1870. Fotografia de Militão Augusto de Azevedo. Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Gendrin (1856) fala que os cadáveres eram apresentados com lábios e faces avermelhadas e cabelos empoados. É o caso da fotografia de Hortência Marcondes de Matos (Figura 2) produzida pelo estúdio de De Nicola, em 1895. Utilizaram-se na ocasião fitas que prendiam o corpo da criança a uma cadeira para, desta forma, parecesse naturalmente sentada. Soma-se a isso o cuidado que se teve em fotografá-la com os olhos abertos. É como se o cadáver pudesse representar uma materialização simbólica do novo estatuto espiritual da criança, recuperando o seu aspecto de quando ainda estava viva.

Com efeito, essas imagens testemunham uma nova sensibilidade: trata-se de celebrar e reverenciar os sentimentos familiares, manifestados, nesse caso, na dor pela perda prematura do filho.



Figura 2 – Hortência Marcondes de Matos. 1895. Fotografia de De Nicola. Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

A importância dada aos funerais de crianças nesta época decorria da crença de que morrer ainda criança era garantia de salvação – como também nos poderes das crianças mortas junto às autoridades celestes em favor dos seus. É a partir deste fato que se compreende o número relevante de imagens de crianças mortas. A fotografia eternizava as crianças como “anjos”. Na época, o funeral era uma das principais ou a única oportunidade em que a criança era fotografada. Era como se a fotografia permitisse eternizar a visão dos pequenos defuntos (Vailati,

2006/2012). As fotografias em vida eram raras devido ao seu elevado custo. Visitar os estúdios de um fotógrafo profissional era equivalente ao valor de um par de sapatos, razão pela qual era um hábito limitado às famílias de renda média. A redução do custo das fotografias com o passar do tempo pode ser uma explicação para o desaparecimento do ritual de fotografar crianças mortas já que se começa a introduzir o hábito de fotografar os filhos ainda com vida, desde o seu nascimento.

A presença – nos cemitérios paulistanos e cariocas, em túmulos de crianças das primeiras décadas do século XX – de fotografias destas quando vivas e nas mais variadas idades, representam um indício para esta constatação.

### 3

## O processo de luto

Após ter analisado rituais e explicado que o significado da morte de um filho sofreu significativas transformações ao longo do tempo, acredito que seja importante discutir, agora, como, a partir do século XX, alguns autores passaram a entender o processo de luto, época em que a morte passa a ser percebida como uma ruptura inoportuna, que desperta uma dor intolerável (Ariès, 1977). Na visão deste pensador, a morte passou a ser um tabu, deixando de ser aceita como uma transição natural e passando a ser algo temido. Ao invés de morrerem em suas casas, como ocorria no passado, os doentes passaram a viver seus momentos finais nos hospitais. Após o falecimento, os rituais fúnebres se tornaram mais breves e o enlutado passou a ficar mais tempo sozinho. Uma curiosidade: o autor acrescenta que, antigamente, o sexo era um tema ocultado das crianças. Elas aprendiam que o nascimento ocorria dentro de um repolho. Mas, curiosamente, nestes tempos, eram convidadas para participar da grande cena da despedida no quarto do moribundo. Entretanto, hoje em dia, as crianças recebem desde cedo uma detalhada educação sexual, mas, diante da morte de um ente querido, as explicações não são tão claras e diretas. Na França, é comum dizer que o falecido viajou para muito longe, e, na Inglaterra, que descansa em um lindo jardim. O autor complementa seu raciocínio fazendo a seguinte analogia: já não são as crianças que nascem dentro de repolhos, mas os mortos que desaparecem por entre as flores.

Antes de mencionar a visão que alguns autores contemporâneos têm sobre o processo de luto, parece-me relevante citar algumas ideias contidas na respeitada obra “Luto e melancolia”, publicada por Freud em 1917.

### 3.1

#### Os estados de luto na visão de Freud

Em sua obra “Luto e melancolia” (1917/1988), Freud analisa os efeitos que a perda de um ente querido provoca em um indivíduo. Segundo o autor, o

enlutado pode experimentar dois estados: o luto e a melancolia. Ele explica que as características manifestadas pelo enlutado em ambos os estados são bastante similares e a diferenciação entre eles está no fato de que, no caso de melancolia, a autoestima do enlutado fica significativamente afetada. Assim, o luto, ao contrário da melancolia, não deveria ser considerado patológico. Falando especificamente do luto, Freud (1917/1988) o descreve como um processo psíquico não-patológico vivido pelo enlutado diante da perda de alguém que é muito significativo para ele. Segundo o autor, quanto mais forte é o laço emocional com o falecido, maior é a quantidade de energia (que o autor define como libido) investida nesta pessoa. Com a morte, o enlutado precisaria retirar a libido deste objeto que se foi para redirecioná-la a outros interesses, novas relações ou atividades. Ele pontua algumas manifestações que o indivíduo apresenta no período de luto: estado de ânimo caracterizado por sofrimento, desinteresse pelo mundo exterior, perda da capacidade e do desejo de dar amor ao outro e diminuição das tarefas e atividades. Embora o mundo do enlutado se torne, aos seus olhos, vazio e carente de interesses, para Freud estas reações à perda sofrida são esperadas, desaparecendo naturalmente com o passar do tempo. Em relação à melancolia, a falta de ânimo e interesse pelas tarefas, assim como a apatia e sensação de incapacidade de amar também aparecem. No entanto, surgem duas características que a diferenciam do luto: a depreciação de si mesmo e o prolongamento do tempo destas manifestações, a ponto de se tornarem crônicas. Embora o luto e a melancolia tenham em comum a dor, nesta última, é notória a dificuldade de substituir o objeto perdido por outro e o enlutado se vê impossibilitado de realizar tarefas que não estejam diretamente ligadas à perda. Se no luto o mundo torna-se insignificante, na melancolia o enlutado considera que ele mesmo torna-se insignificante; a pessoa se auto-recrimina, como se ela não fosse boa ou importante o suficiente. Para Freud, isso poderia ocorrer em função de uma relação ambivalente e conflituosa entre o ego e o objeto que se foi. Diante do desaparecimento do objeto, o ego se identifica com o objeto perdido e o internaliza. Quando a pessoa se auto-recrimina, ela estaria recriminando, na realidade, o objeto internalizado. Com o ego desprovido de valor, o indivíduo sente-se incapaz de qualquer realização. São comuns neste estado a insônia e a recusa em se alimentar.

Ainda para Freud (1917/1988), outra característica que define a melancolia é o suicídio. O enlutado direciona hostilidades para o próprio Eu, de modo que este passa a ser o objeto ao qual toda violência é destinada. Se no luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego. A melancolia é, na realidade, uma patologia que nos dias de hoje seria classificada como um tipo de depressão. Freud suspeita que as diferentes reações das pessoas ao passarem pela mesma situação de perda têm relação com uma disposição patológica do indivíduo, umas vivem o luto, enquanto outras produzem melancolia.

O autor comenta que tanto o estado de luto, quanto de melancolia, podem desaparecer com o passar do tempo.

### 3.2

#### **As fases do luto segundo autores contemporâneos**

Diversos autores que se dedicaram a estudar o luto após a publicação dos trabalhos de Freud estão de acordo com o fato de que a ruptura do vínculo causado pela morte de um ente querido provoca no enlutado reações de tristeza e dor que são consideradas normais (não-patológicas) e que fazem parte do processo natural de luto, fundamental para a reorganização interna e a aceitação da nova realidade. Apesar de este pensamento ser similar entre eles, recebe nomes diferenciados, como fases, etapas ou tarefas.

Bowlby (1985) foi pioneiro na descrição das fases do luto. Na visão deste autor, a primeira fase é caracterizada por uma sensação de entorpecimento. Nela, o sujeito experimenta o choque sem ser capaz de aceitar a notícia da morte. Em seguida, vem a fase de ansiedade e a procura pela pessoa que faleceu. Este momento é caracterizado pelos sentimentos da presença concreta do ser falecido e também de raiva por não conseguir reconectar a relação. Posteriormente, tem lugar a fase de desorganização e de desespero e a consciência de que é inviável retomar o contato com o falecido. Ao vivenciar isso, o enlutado pode sentir depressão ou apatia. Finalmente, surge a fase de reorganização, quando a aceitação gradual da perda começa a tomar forma e torna-se mais nítida a consciência de que é importante iniciar a reconstrução da vida.

Para que o enlutado elabore da melhor forma possível essa perda, Bowlby (1985) enfatiza o quanto é necessário que as pessoas que convivem com ele compreendam o seu abatimento e todas as reações geradas pelo luto, contribuindo para criar uma atmosfera adequada. A duração de cada fase depende de inúmeros fatores, entre eles: o tipo de apego da pessoa enlutada com o falecido e a história de vida dessa pessoa.

Já Bromberg (2000) faz observações muito similares às de Bowlby (1985) e, tal como este, argumenta que o luto é um processo que está dividido em fases. A inicial é a de entorpecimento, caracterizada por um estado de choque e descrença. A segunda fase é a de protesto ou ansiedade, marcada por emoções fortes, com muito sofrimento psicológico e agitação física, anseio por reencontrar a pessoa morta, crises de dor profunda e espasmos incontroláveis de choro. Em seguida, vem a fase do desespero, que ocorre aproximadamente após a passagem do primeiro ano de luto. O enlutado deixa de procurar pela pessoa perdida e reconhece a imutabilidade da perda. Segundo o autor, esta fase é muito mais difícil do que as anteriores. Tempos depois, vem a recuperação e restituição, quando a depressão começa a dar lugar a sentimentos mais positivos e menos devastadores.

Assim como Bowlby (1985) e Bromberg (2000), Worden (1998) também descreve sentimentos e comportamentos que caracterizam o processo de luto mas, ao invés de falar de “fases do luto”, ele preferiu utilizar o termo “tarefas” para enfatizar que o enlutado tem um papel ativo no processo de elaboração. Apresentarei a seguir a descrição que o autor faz do processo de luto.

Worden (1998) sustenta que a tristeza é o sentimento mais comum durante o luto e a forma que o enlutado encontra de expressá-la é, na maioria das vezes, por meio do choro. A raiva é outro sentimento que se manifesta neste período e pode surgir por duas razões: pela sensação de frustração que o enlutado sente por não ter encontrado formas de prevenir a morte de alguém muito próximo e pela experiência regressiva que ocorre após a perda, quando ele passa a se sentir indefeso, incapaz de existir sem a pessoa que morreu. Segundo o autor, as formas ineficazes que o enlutado tem de lidar com a raiva são direcioná-la erradamente para os demais, depositando a culpa a ele próprio ou a terceiros, podendo, em casos mais acentuados, desenvolver comportamentos suicidas. Outro sentimento

comum é o da culpa e da autocensura pelo fato de o enlutado acreditar que não se dedicou o suficiente ao falecido, no sentido de ter feito mais atividades que pudessem agradá-lo ou, ainda, por não ter levado a pessoa mais cedo para o hospital ou por não ter avaliado outras formas de tratamento que pudessem evitar a sua morte. O autor prossegue dizendo que, na maior parte das vezes, esta culpa é irracional e irá desaparecer pelo teste com a realidade. Outro sentimento característico do enlutado é o da ansiedade, que pode oscilar entre uma leve sensação de insegurança até um forte ataque de pânico. Esta ansiedade é proveniente de duas fontes: da dúvida que o enlutado tem a respeito de ser capaz de tomar conta dele próprio ou de uma conscientização de sua própria mortalidade. Outros sentimentos descritos pelo autor são a solidão, a fadiga, o desamparo (presente principalmente na fase inicial da perda), o choque (que se manifesta mais frequentemente no caso de morte inesperada, mas que também pode ocorrer em casos de morte previsível); o torpor (caracterizado por uma ausência de sentimentos, comum logo após a perda); o anseio pela pessoa falecida, desejando fortemente que ela volte, a emancipação (ocorre geralmente nos casos em que o falecido era alguém que oprimia o enlutado) e o alívio (ocorre nos casos em que o falecido sofria de doença prolongada ou dolorosa; este sentimento normalmente vem acompanhado de culpa). Algumas sensações físicas podem ser percebidas como boca seca, nó na garganta, vazio no estômago, aperto no peito, falta de fôlego, falta de ar, fraqueza muscular, falta de energia, hipersensibilidade ao barulho, insônia, distúrbios do apetite (redução ou aumento), entre outras. Finalmente, o autor especifica quais são quatro tarefas essenciais que o enlutado deve assumir para restabelecer o equilíbrio e completar o processo de luto: aceitar a realidade da perda; trabalhar a dor; ajustar-se a um ambiente em que o falecido está ausente; transferir emocionalmente o falecido e prosseguir com a vida. Ele mesmo comenta que a primeira tarefa é sempre muito difícil, inclusive nos casos em que a morte é previsível. É nesta fase em que se torna muito comum o comportamento de chamar o falecido ou ter alucinações. Negar a perda ou forçar-se a considerá-la menos importante são comportamentos que podem ocorrer para evitar aceitar o quanto a realidade é difícil. O autor sustenta que a crença e a descrença se alternam nesta tarefa e que os rituais tradicionais, como o funeral, ajudam os enlutados a avançarem esta etapa. A segunda tarefa consiste

em trabalhar a dor da perda e a dor que surge pode ser física, além da emocional. Porém, o autor sinaliza que não se deve evitar sentir esta dor viajando para muitos lugares ou utilizando substâncias como álcool ou drogas. Assim como alerta Worden, Bowlby (1985) também faz menção a estes casos de fuga e afirma que, em algum momento, o enlutado vai se deparar com a realidade e então a reação à dor será ainda mais forte, através da manifestação de algum tipo de depressão.

A terceira tarefa, que é a de ajustar-se a um ambiente em que morto está ausente, consiste em readaptar a vida realizando as atividades sem o falecido. Trata-se de uma fase não apenas de ajustes externos (funcionamento diário no mundo), como também de mudanças internas (valores, crenças, considerações sobre o mundo e sobre si mesmo). Significa que o enlutado precisa desenvolver as competências necessárias para viver no mundo de forma diferente, sem isolar-se e sem deixar de enfrentar as exigências que o rodeiam. Finalmente, a quarta tarefa é a de transferir emocionalmente o falecido e prosseguir com a vida, sem que exista uma necessidade de reativar a representação do ente querido com uma intensidade exagerada no cotidiano. Aqueles que não se permitem manifestar amor por outras pessoas, não conseguem concluir esta tarefa. O enlutado agarra-se ao vínculo que tem com o passado ao invés de tentar estabelecer novas relações afetivas. Alguns sentem a perda de uma forma tão dolorosa que fazem um pacto interno de nunca mais amarem. Para muitas pessoas, esta é a tarefa mais difícil de alcançar por não conseguirem sair do período de estagnação após a perda. De acordo com Walsh e McGoldrick (1998), a extrema idealização da pessoa falecida, um sentimento de deslealdade por amar outros ou o medo catastrófico de uma nova perda podem bloquear a formação de novas vinculações e compromissos. No entanto, quando esta tarefa é alcançada, a pessoa percebe que pode voltar a amar sem deixar de amar a pessoa que perdeu. Segundo o autor, o processo de luto termina quando as tarefas descritas são completadas. Quanto à sua duração, não existe uma resposta conclusiva, sendo impossível definir um tempo preciso. Embora cada um tenha o próprio período de elaboração que pode durar um, três ou vários anos, a cada nova estação, feriado, férias ou aniversário, as perdas são lembradas (Walsh e McGoldrick, 1998). Por sua vez, Cassorla (1998) denomina reações que acontecem em datas significativas como sendo “reações de aniversário”. E Rando (1993) dá a estas reações o nome de “Subsequent Temporary Upsurges of Grief”

(ou STUG Reactions). Estes autores coincidem ao afirmar que o luto não é um processo que progride de forma linear, podendo reaparecer para ser novamente trabalhado, sem que isso signifique que haja qualquer tipo de patologia.

Sanders (1999) pensa da mesma maneira em relação ao fato de que as regressões de uma fase para outra são inevitáveis ao longo do processo de elaboração do luto. Segundo ela, até mesmo quando o enlutado já passou claramente para uma fase seguinte, pode regressar a padrões anteriores durante períodos estressantes ou de extrema fadiga. Um sinal de uma reação de sofrimento finalizada é quando a pessoa consegue pensar no falecido sem dor e quando consegue reinvestir as suas emoções na vida e nos vivos. Ela também descreve o processo de luto em fases, totalizando cinco: choque; consciência da perda; conservação-retirada; cura e renovação. Na visão desta autora, cada uma das forças psicológicas que operam durante o processo de luto tem um correspondente biológico que determina o bem-estar físico do indivíduo. Desta forma, na primeira fase, em que ocorre o choque, o enlutado movimenta-se em um estado confuso de descrença e está em alarme. As emanções de adrenalina proporcionam a resistência física necessária para levar a cabo os requerimentos ritualizados que se seguem à perda. Esta fase também proporciona um torpor, ou seja, uma espécie de anestesia dos sentimentos, que protege o enlutado de experimentar a dor intensa que virá a seguir. Na fase seguinte, há consciência da perda, ou seja, à medida que o torpor começa a desaparecer, o enlutado confronta-se com a perda que ocorreu e se vê obrigado a enfrentar a agonia física e mental sem o apoio adicional de um agente biológico de entorpecimento. A ansiedade de separação torna-se predominante enquanto o enlutado prepara-se para o que sente, com um esgotamento nervoso. Os sentimentos de perigo predominam e parece não haver um lugar seguro. Na fase da conservação-retirada, uma grande fadiga oprime o enlutado e ele sente dificuldade em executar até a mais simples das tarefas. Apesar de este período ser debilitante, ele também tem um valor libertador pelo fato do enlutado ter a oportunidade para fazer o trabalho de luto necessário, ou seja, a preocupação com o falecido. O enlutado percebe que não há quantidade suficiente de anseio ou concentração que possam trazer de volta a pessoa perdida. Desta forma, ele começa a perceber que são necessárias novas abordagens, novas relações estabelecidas e uma nova vida a ser construída. Em uma análise final, o

trabalho do luto depende da aceitação da perda e das conseqüentes mudanças na vida do enlutado. A força começa a regressar até alcançar um ponto de transformação, marcado pela ideia de seguir em frente e deixar ir o passado ou de permanecer no estado atual das coisas, comportando-se como se o falecido estivesse apenas temporariamente fora, podendo regressar um dia. Há uma terceira escolha, raramente discutida como alternativa, que é a decisão, normalmente inconsciente, de desistir, de morrer. A quarta fase, a cura, representa o estado em que o enlutado reúne forças que lhe dão o impulso para seguir em frente com uma nova vida. Há uma mudança gradual de atitude e o ganho de controle e confiança vem aos poucos. Esta fase é também um período de perdoar e esquecer. Perdoar-se a si mesmo pode ser uma tarefa difícil, ao mesmo tempo que a pessoa tenta lidar com a auto-eliminação da culpa, vergonha e raiva por ter sido deixada sozinha. Por outro lado, esquecer implica "deixar ir", não sugerindo que as memórias sejam apagadas, mas sim que os pensamentos e sentimentos sejam guardados apropriadamente no "coração" da pessoa. A motivação para seguir em frente, apesar de possíveis decepções, paradas e recomeços, faz a diferença. Na última fase, a renovação, a dor diminui em grande parte. Obviamente, os aniversários e outras datas especiais irão continuar a ser difíceis, porém o enlutado não é a mesma pessoa que a anterior à perda. Um sentimento de competência, derivado da aceitação de responsabilidade para o próprio, dá a força necessária para tentar novas coisas, encontrar novos amigos e começar a criar um estilo de vida em que as necessidades pessoais são satisfeitas. No entanto, esta fase é tão longa e difícil como as anteriores. Esta visão é coincidente com as teorias de Bowlby (1985), de Worden (1998) e de Freud (1917/1988) que sustentam que o luto é elaborado quando a libido consegue ser retirada do objeto perdido e passa a ser redistribuída em outros interesses.

Por sua vez, Kübler-Ross (2000) também acredita que o luto pode ser classificado em fases como a negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Na primeira delas, o enlutado procura não acreditar que a morte de um ser querido ocorreu; é como se ainda estivesse pensando que se trata de um pesadelo. A fase da revolta chega quando já não é mais possível negar o ocorrido e o sentimento se transforma em ressentimento e raiva. Na fase da barganha, o enlutado procura conectar-se a Deus por meio de promessas e buscas de milagres por um

acontecimento que neutralize o pesadelo. Na depressão, as lamentações tornam-se frequentes e predomina um desinteresse pela vida assim como a necessidade de um isolamento social. Na fase da aceitação, o indivíduo passa a entender com maior clareza que a vida é finita e se sente mais preparado para enfrentar a perda.

### 3.3

#### **A cobrança da sociedade para o término do luto**

Para Kóvacs (1992), o processo de luto só estará finalizado quando o enlutado vivenciar o seu sentimento de perda e quando puder externalizar a sua dor. Quando o enlutado se abre para novos vínculos, para um espaço onde pode falar daquele que se foi, trata-se da retomada de sua vida, ao lado das recordações da pessoa perdida.

Assim como Worden (1998), Cassorla (1998) também aborda o fenômeno que atinge alguns enlutados que denomina de “negação da morte”. Este processo ocorre não apenas por parte do próprio enlutado, mas também com as pessoas próximas de seu entorno que ficam sem saber como agir, não lhe dando os pêsames, evitando ir ao velório ou conversando socialmente durante o enterro. Atitudes como essas parecem colaborar para a percepção errônea de que tudo está bem, de que nada aconteceu, para evitar vivenciar o sentimento de dor e de sofrimento pela perda. É como se fosse uma forma de evitar entrar em contato com a própria finitude.

Para Bowlby (1985), expressar tristeza representa um sinal de saúde frente à infelicidade e a não-vivência desta tristeza é vista como uma atitude “mal-adaptativa” que pode gerar danos para a saúde do enlutado.

### 3.4

#### **O luto complicado**

Alguns autores falam a respeito de fatores que podem dificultar o processo de elaboração do luto. Parkes (1998), por exemplo, descreve alguns casos onde o luto pode ter desdobramentos complexos quando a perda é repentina ou prematura. Para ele, outro caso complicador ocorre quando a relação com o

falecido foi marcada por rivalidades. Inicialmente a pessoa reage à perda com uma sensação de alívio mas, com o passar do tempo, experimenta sentimentos punitivos e a vontade de alterar o passado. Finalmente, o autor fala da síndrome do luto crônico, quando as manifestações permanecem na vida da pessoa por tempo indeterminado e a desesperança é a característica mais acentuada desta síndrome. Não apenas Parkes (1998), mas também Bowlby (1985) e Rando (1993) opinam que o luto complicado depende de fatores como o tipo de relacionamento que se mantinha com a pessoa falecida; a idade do enlutado, as circunstâncias da perda e a rede de apoio com a qual o enlutado conta ao seu redor. Em relação a este último aspecto, Parkes (1998), Bromberg (2000) e Kóvacs (2007) concordam que pessoas que vivem sozinhas, não possuem familiares próximos ou amigos que ofereçam uma base de sustentação emocional, podem apresentar um maior risco de desenvolver um luto complicado. Kóvacs (2007) complementa que existem algumas atividades que podem contribuir para a elaboração do luto, como ir ao cemitério, escrever cartas para o falecido, olhar os álbuns de fotografias e conversar com amigos e familiares sobre os sentimentos. Parkes (1998) sugere a criação de instituições com *expertise* para auxiliar os enlutados neste processo. Nesta mesma linha, Rebelo (2005) fala a respeito da eficiência dos grupos de entreajuda (conhecidos como EA) que se caracterizam pela intervenção comunitária para dar o apoio necessário ao enlutado. Segundo o autor, este tipo de intervenção gerou bons resultados com pais enlutados. Vejamos as características que marcam o luto por um filho.

### 3.5

#### **O luto por um filho**

Se na Idade Média as crianças morriam sem gerar impacto emocional em seus pais, nos dias de hoje o que temos em nossa sociedade é uma visão muito diferente. Ao perder sua filha, o escritor norte-americano Mark Twain fez um relato, expressando que vivenciar este tipo de luto representa uma dor indescritivelmente cruel.

[...] é um dos mistérios da nossa natureza que um homem, estando completamente despreparado, possa receber um golpe como esse e continuar vivendo. [...] A mente fica imobilizada com o choque e com dificuldade compreende o sentido das palavras. A capacidade de compreender o significado completo misericordiosamente nos abandona. A mente tem a vaga sensação de uma imensa perda – isso é tudo. Serão necessários meses, talvez anos para que a mente e a memória reúnam os detalhes e compreendam a verdadeira extensão da perda. (Viorst, 1998)

Em um estudo publicado no *New England Journal of Medicine*, pesquisadores dinamarqueses descobriram que a morte de um filho pode causar problemas mentais. O estudo contemplou mais de um milhão de pais residentes na Dinamarca e mostrou que o falecimento de um filho menor de 18 anos eleva em 67% o risco de crises mentais sérias, que exigem internação hospitalar. Tal risco dura por pelo menos cinco anos após a morte da criança ou do adolescente. De acordo com o estudo, as mulheres são mais vulneráveis e suas chances de serem internadas em um hospital psiquiátrico pela primeira vez aumentam em 78% depois da morte de um filho. (*New England Journal of Medicine* <https://content.nejm.org/cgi/content/full/352/12/1190>).

Stearns (1990) afirma que, nos primeiros dias da perda, os pais ficam em estado de choque, anestesiados, e não vivenciam todo o impacto da situação. No começo, oscilam entre a calma e as lágrimas. Sentem-se confusos e atordoados, embora muitas vezes tenham um comportamento de certa forma equilibrado. Custa-lhes acreditar no que aconteceu. Quando acordam, no meio da noite ou pela manhã, podem se perguntar se aquilo realmente foi verdade. Depois da primeira fase da dor, etapa esta relativamente curta, passam para um período mais longo, de intenso sofrimento psíquico. Choram e lamentam-se. Há mudanças bruscas de temperamento e queixam-se de desconfortos físicos. Passam por fases de letargia, atividade exagerada, regressão, ansiedade pela separação e um desespero sem remédio, além de raiva. O luto dos pais costuma tomar proporções de sofrimento

muito intensas porque afeta a dimensão não apenas individual, mas também o relacionamento com o parceiro, com a família e o convívio e social.

Na visão de Freitas (2000), o sofrimento de luto se torna indescritível quando se trata de um filho, já que este foi muitas vezes esperado e acalentado, havendo uma construção de sonhos e expectativas. Ainda segundo ele, os pais enlutados costumam exagerar as características positivas do filho falecido. É como se mais ninguém na família possuísse qualidades semelhantes. Algumas mães jovens tentam ter outro filho logo em seguida. Muitas vezes, elas dão o mesmo nome do filho falecido a essa criança. É como se este não tivesse identidade nem vontade própria: nasceu apenas para substituir uma pessoa que já morreu. Mas, segundo Freitas (2000), para a mãe, é impossível substituir um filho por outro, mesmo quando ela superou a perda do primeiro, após o período de luto. Cada filho é apenas um: o filho.

Bromberg (2000) corrobora a teoria de Freitas (2000) a respeito do sofrimento dos pais e inclui alguns aspectos interessantes sobre a perda de um filho. Para os familiares, a morte de uma criança permite a aproximação com a própria finitude, pois os filhos são como uma continuidade de sua existência. Igualmente significa a quebra de um vínculo muito forte que causa alterações na estrutura do casal e suscita uma nova adaptação. Na sociedade ocidental, a morte é encarada como um “corte” na vida e não como uma etapa dela. A morte de uma criança evidencia este fato, quando se afirma que ela teria “tudo pela frente”, que ainda teria muitos projetos a realizar e muito tempo de vida. Diante da morte de uma criança, lamenta-se tudo que ela poderia ter vivido, realizado e construído.

Young e Papadatou (1997) desenvolvem um raciocínio similar e sustentam que, quando um filho falece na sociedade ocidental, parte do *self* dos pais também morre. Isso ocorre porque o papel do filho no seio familiar é de extrema relevância e, de um momento para o outro, todos os sonhos, expectativas e esperanças em relação ao futuro daquele se evaporam.

Já Viorst (1998) afirma que os pais têm uma sensação de fracasso, até mesmo de pecado, só pelo fato de continuarem a viver depois da morte de um filho. Para ele, determinados enlutados acreditam que continuar a viver não é correto; eles têm a sensação de que deveriam ter encontrado um meio de dar sua

vida pela dele. Tendo fracassado nisso, as faltas que cometeram durante sua vida parecem mais difíceis de serem suportadas e perdoadas.

Neste capítulo foi possível compreender os sentimentos que se manifestam no processo de luto por um filho. Então, como fazem os pais enlutados para lidar com estas emoções? Que papel a Internet desempenha neste contexto? Com as transformações geradas pela Internet, uma nova forma de manifestação começou a surgir: o "luto virtual". No próximo capítulo procuro apresentar ao leitor suas características e particularidades.

## 4

### Expressões virtuais do luto

Relatei, no capítulo anterior, que muitos autores, entre eles, Parkes (1998), Bromberg (2000) e Kóvacs (2007), defendem a importância de o enlutado contar com uma rede de apoio que o sustente durante o processo de luto. Quanto mais acompanhado estiver, menos possibilidades terá de desenvolver um luto complicado. Por outro lado, segundo Ariès (1977), a expressão da dor é condenada pela sociedade atual, que a qualifica como fraqueza. Em função disso, os enlutados muitas vezes podem se sentir sozinhos, pouco compreendidos e achar que estão sendo julgados de maneira inadequada. Surge desta forma a necessidade de buscarem outras maneiras de compartilhar este sentimento. Neste capítulo, falarei a respeito da influência da Internet nas novas formas de manifestação da dor do luto que começaram a surgir no século XXI.

Os *chats*, os *emails*, os *sites*, os *blogs* e, posteriormente, as redes sociais (estas últimas, tema específico de minha pesquisa) foram responsáveis pelo surgimento de profundas mudanças no relacionamento entre as pessoas. Por meio da Internet, não apenas foi possível começar a estabelecer conexões virtuais para fortalecer laços de amizades, conhecer novos amigos e namorar, como também expressar sentimentos dolorosos que caracterizam um período de luto, que passaram a ser compartilhados através destas novas ferramentas. "Navegando" em sites, comecei a me perguntar quais seriam os fatores desencadeadores deste novo fenômeno. Para Penna (2004), a comunicação é um dos caminhos para se reduzir conflitos, promover a união da família e o apoio mútuo. Com as mudanças que o luto impõe, muitos pais sentem-se perdidos e apresentam dificuldades para expressar sua dor e solucionar os conflitos que surgem a partir desta nova situação. A comunicação pela escrita, seja para si mesmo, para outros ou para o próprio falecido, apresenta-se, cada vez mais, como uma forma de expressão dos sentimentos de luto.

Vejam como surgiram os primeiros sinais deste novo fenômeno.

## 4.1

### Histórico do surgimento da expressão do luto na Internet

#### 4.1.1

##### O luto virtual em *sites*

As primeiras manifestações de luto virtual aconteceram na Inglaterra e, posteriormente, nos Estados Unidos. Trata-se do surgimento de *sites* que abrigam memoriais em homenagem a pessoas que faleceram. Como exemplos, cito o *Respectance* (<http://respectance.com>) e o *GoneTooSoon* (<http://www.gonetoosoon.org>). Através deles, qualquer um pode homenagear gratuitamente um ente querido que faleceu, criando um perfil com fotos, mensagens, velas virtuais e flores digitais. Analisando estes sites em detalhes, observei que vários familiares revisitam o perfil de seus falecidos em datas especiais e aniversários, e outros acessam essas páginas com frequência bem mais intensa. As mensagens costumam ser postadas para o próprio falecido ou para seus familiares. Outros bons exemplos de sites similares são o Legacy (<http://www.legacy.com/NS>), que publica notas de falecimento ou obituários, e o DeathSpace.com (<http://1my-death-space.livejournal.com>), que noticia as mortes de internautas do MySpace. Outros exemplos são o MyCemetery.com<sup>1</sup>, nos EUA, o Emorial das Erinnerungs-Portal, Menchen gedenken<sup>2</sup>, na Alemanha, o Jardim Celestial Cemeterio Virtual<sup>3</sup>, no Equador e o Campa Virtual<sup>4</sup>, em Portugal.

No Brasil, cito o exemplo de um site voltado especificamente para pais que perderam seus filhos. Foi criado em 2004 por duas mães enlutadas. O site chama-se “Dor de Mãe” e traz os seguintes dizeres em sua página inicial:

“O Projeto dor de mãe foi criado em maio de 2.004 por duas mães, Elizabeth e Joana, que haviam perdido seus filhos, José Nei e Rubeni e haviam se encontrado num pequeno grupo de auto-ajuda, depois de muita procura, muita busca, porque

---

<sup>1</sup> Portal *My Cemetery*: <<http://www.mycemetery.com/myindex.html>>. Acesso em: 17 de fevereiro de 2011.

<sup>2</sup> Portal Emorial das Erinnerungs-Portal Menchen gedenken: <<http://www.emorial.de/>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2012.

<sup>3</sup> Portal *Jardim Celestial Cemeterio Virtual*: <<http://www.jardincelestial.com/index.html>>. Acesso em: 11 de outubro de 2011.

<sup>4</sup> Portal Campa Virtual: <<http://www.campavirtual.com/>>. Acesso em: 18 de agosto de 2011.

sabem que só uma mãe-orfã, pode compreender, entender e ajudar à outra, que se encontra perdida em sua dor maior: a perda irremediável de um filho”.

#### 4.1.2

##### O luto virtual em *blogs*

O *blog* é uma espécie de registro virtual. Tanto seu conteúdo como a sua atualização dependem dos interesses de seus autores. Ele permite postar textos, fotos, vídeos e *links* que direcionam os internautas para outros *sites* de interesse do autor. Os *blogs* em geral contam com um espaço para que os leitores possam interagir com o "administrador" deste espaço.

Um exemplo pertinente que ilustra a necessidade que o ser humano tem de repetir as visitas a um ser falecido no plano virtual é o *blog* brasileiro criado por Vanessa para prestigiar seu filho Sebastian (figura 3). Embora o falecimento tenha ocorrido em 2006, diariamente ela posta mensagens e poesias (<http://www.meusebastian.blogspot.com>).



Figura 3 – Blog em homenagem ao filho Sebastian:  
<http://www.meusebastian.blogspot.com>

Outro exemplo (figura 4) é o *blog* criado por uma mãe em homenagem à sua filha falecida Victoria, que já recebeu 227.868 visitas (<http://umanjonoceu.zip.net>).



Figura 4 – Blog em homenagem à filha Victoria (<http://umanjonoceu.zip.net>)

Assim como estes, já existem vários outros blogs criados por pais para seus filhos falecidos. Este fenômeno tem igualmente se proliferado nas redes sociais.

#### 4.1.3

##### O luto virtual nas redes sociais

A participação dos internautas nas redes sociais, ou *sites* de relacionamento, tem crescido nos últimos tempos. Como exemplo, posso citar o Orkut, o Facebook, o MySpace e o LinkedIn. A seguir, darei exemplos de algumas manifestações de luto encontradas no Facebook para deixar, propositalmente por último, as explicações mais detalhadas a respeito do Orkut, tema específico de minha tese.

##### 4.1.3.1

##### O luto virtual no Facebook

Um aspecto importante da manifestação do luto nas redes sociais que, na minha visão, merece destaque, é a grande quantidade de postagens de fotos e

vídeos dos filhos falecidos, geralmente acompanhados de uma montagem onde os pais acrescentam efeitos que os comparam a anjos, com asas ou auréolas. Observei nas redes sociais, tanto no Facebook, quanto no Orkut, diversas fotos de crianças com elementos simbólicos que procuram remeter a ideia de que seus filhos “voaram em paz”. Estas fotos costumam ser postadas tanto nas comunidades de apoio, que vem surgindo no Facebook, como nas páginas pessoais destes pais enlutados (figuras 5, 6 e 7).



Figura 5 – Fotografia postada em 2012 no Facebook, na comunidade “Mães Coragem”, acompanhada dos seguintes dizeres: “MEU ANJO BATEU SUAS ASINHA E FOI MORAR COM PAPAÍ DO CÉU, FICA EM PAZ MEU FILHO AMADO QUERIDO E LINDO, MAMÃE TE AMA MTOOOOOOO...”

(<https://www.facebook.com/#!/groups/215715555206367>)



Figura 6 – Fotografia postada em 2011 no Facebook, na comunidade “Mães Coragem” (<https://www.facebook.com/#!/groups/215715555206367>)

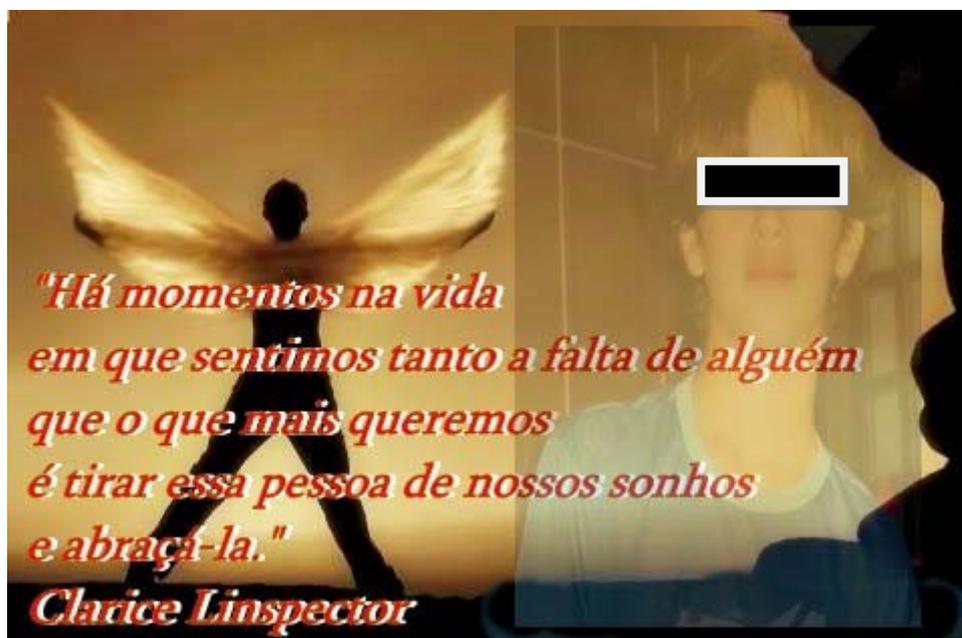


Figura 7 – Fotografia postada em 2011 no Facebook, na comunidade “Mães Coragem” (<https://www.facebook.com/#!/groups/215715555206367>)

É relevante registrar que este fenômeno de postar mensagens nas redes sociais em homenagem aos filhos falecidos não ocorre somente no Brasil, mas em diversos países. Apenas para exemplificar, uma mãe residente em Denver, nos EUA, publicou em sua página do Facebook os seguintes dizeres:

“Please continue to say my child's name. It does bring tears to my eyes but it also gives me joy to know you remember him”<sup>5</sup>

No Facebook, assim como no Orkut, já é possível visualizar o surgimento de comunidades para pais enlutados, embora as mesmas ainda não tenham um número significativo de membros como ocorre no Orkut. Este fenômeno vem acontecendo não somente no Brasil, mas também em vários outros países.

Como exemplos de comunidades nacionais e internacionais para pais enlutados no Facebook, encontrei algumas como: “I lost my child” (EUA), “Mothers that have lost a child” (EUA), “LE DEUIL DES MÈRES ENDEUILLÉES” (França), “תולוכש תוהמא מינבל מירפרפ” (Israel), “Madres que perdieron a sus hijos” (Argentina), “Yo perdí um hijo” (Argentina), “Mi Hijo También Murió” (México), “Fundación Madres de Luto” (Venezuela), “Mães Coragem” (Brasil), “Mães que perderam seus filhos” (Brasil), “Voltando a sorrir- Mães em luto (Brasil) e “Transformando a dor- mães e pais que perderam filhos” (Brasil), entre outras. Em Portugal, a comunidade no Facebook “Pais e Mães em Luto de Portugal” já conta com 18.657 curtidas (nesta rede social é possível curtir um grupo para receber notícias a respeito do mesmo).

---

<sup>5</sup> Tradução livre realizada pela autora da tese:

“Por favor continue pronunciando o nome do meu filho. Isso traz lágrimas aos meus olhos mas também me traz alegria por saber que você o recorda”.

(<https://www.facebook.com/andymegan.carter#!/andymegan.carter/info>)

A figura 8 ilustra um depoimento postado no Facebook por uma mãe enlutada que criou a comunidade “Mães Coragem”.

Difícil iniciar...

Meu filho saudável, alegre, descontraído, adorava fazer as pessoas rirem, sempre muito especial, um menino tranquilo, inteligente, divertido e interessadíssimo em tudo. Aos doze anos com uma simples dor na perna, foi diagnosticado um tumor ósseo muito agressivo, um osteossarcoma. Quando chega aparecer já está bastante avançado. A dor visitou a nossa casa e trouxe muitas lágrimas, um câncer, um mal dentro do meu filho, meu filho que sempre foi muito bom!! As brincadeiras, as paqueras, a dança de salão, o volei, as voltas de bicicleta, os patins deram lugares a muletas, cadeira de rodas, morfina e tantas idas e vindas aos médicos, exames, quimioterapias, enjoos, os lindos cabelos caindo e a dor física e na alma. O menino que parecia já haver treinado andar de muletas e cadeira de rodas, não houve período de adaptação, ele já sabia tudo!!... Quando estávamos cheios de esperanças apesar de tudo, é constatado que a doença já tinha ido pela corrente sanguínea e já havia metástases nos pulmões. Uma luta contra o tempo... Os melhores médicos, os melhores exames de imagens, tudo pra ontem. Surge uma mãe forte, mesmo morta por dentro. Sem poder demonstrar tristezas, escondendo-se pra poder chorar. Querendo abraça-lo e leva-lo pra longe de tudo que o fizesse mal... Sem poder, me sentindo impotente. A esperança surgia após cada término dos ciclos de quimioterapia...Fazia novos exames para saber se o remédio estava surtindo efeito, se conseguiria necrosar o tumor. Infelizmente era como água, e o tumor avançava. Para preservar a vida do meu menino que adorava dançar, teve de amputar a perna esquerda. Ficou livre da dor que o fazia usar morfina... Mas a dor na alma me consumia era dilacerante, mas encontrava no meu guerreiro a força que precisava! Tentava ver esperança em tudo, tentava envergar que tudo ficaria bem, mas o coração de mãe estava sangrando. Sentia meu filho indo embora aos poucos.

Figura 8 – Depoimento em homenagem aos cinco anos de falecimento do filho, escrito por quem criou a comunidade “Mães Coragem” no Facebook. (<https://www.facebook.com/#!/groups/215715555206367>)

Vejamos, agora, como funciona a manifestação do luto na rede social Orkut.

#### 4.1.3.2

##### O luto virtual no Orkut

Quando iniciei a minha pesquisa, em 2008, o Orkut era a rede social mais acessada pelos brasileiros (Barbosa, 2009a) e por esta razão concentrei meu trabalho especificamente nele. O site foi lançado por Orkut Büyükkökten, em 2004, com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos.

Em breves linhas explicarei como funciona o Orkut. Ao se cadastrar, o usuário preenche o perfil com o nome, idade, cidade onde reside, estado civil e preferências pessoais, entre outras informações. É opcional colocar o nome verdadeiro e uma foto, então alguns se apresentam por meio de apelidos e imagens diversas. O próximo passo é convidar amigos para fazerem parte de sua rede. Assim, o participante inicia sua interação com outros membros; formando teias de conexões que envolvem amigos de amigos e assim por diante. A comunicação com as demais pessoas cadastradas no Orkut ocorre quando há interação com a página pessoal de outro membro, deixando-lhe um recado aberto (popularmente conhecido como *scrap*) ou uma mensagem privada (onde só quem a recebe pode ler) ou, ainda, quando há participação nas comunidades, com postagens de textos em um fórum aberto, direcionados aos membros desta comunidade ou apenas para um ou alguns deles. No Orkut a linguagem através dos *scraps* é informal e cotidiana (Albuquerque, 2007).

Embora o tema de minha pesquisa tenha como foco as comunidades para pais enlutados, não posso deixar de mencionar que existem páginas pessoais que pais enlutados criam especialmente para seus filhos falecidos. Ou, ainda, mantém ativa a página do Orkut do perfil do filho falecido e postam mensagens na mesma.

Entre as postagens de pais enlutados a respeito de seus filhos, também encontrei fotos de crianças falecidas durante o período de internação, após terem enfrentado uma doença fatal. Nestas mensagens, os pais procuram ressaltar a coragem que seus filhos tiveram em lutar contra a doença, enfrentando todos os inconvenientes de um tratamento doloroso que pode ter durado meses ou anos (figura 9).



Figura 9 – Fotografia postada em 2011 no Orkut de uma mãe que frequenta a comunidade “Perdi um filho”.

Explicarei, agora, como se formam as comunidades no Orkut de maneira que possamos entrar diretamente no tema de meu estudo. Qualquer membro do Orkut pode criar uma comunidade a respeito de qualquer assunto. Nestes espaços, é possível abordar diversos sentimentos, compartilhar atitudes, expressar desejos, manifestar as mais variadas opiniões etc. Os membros interessados em determinados temas criam ou se cadastram nas comunidades que mais lhes chamam a atenção e as mesmas passam a figurar em seu perfil pessoal. Nestas comunidades, cada membro pode postar comentários e interagir com os participantes inscritos. Estas comunidades se dividem entre públicas e privadas. As primeiras são abertas para qualquer um que queira participar, enquanto as restritas possuem um moderador, geralmente aquele que a criou, que decide se vai aceitar ou não o pedido de participação de determinado membro ou, em alguns casos, aprovar previamente ou não uma determinada postagem. Como mencionei na Introdução desta tese, há inúmeros exemplos de temas “fúteis”, engraçados e descontraídos que podem ser encontrados entre as inúmeras comunidades no Orkut: “Dirijo melhor que muito homem”, “Adoro comer, detesto engordar”, “Ninguém acerta o meu nome de primeira”.

Embora a predominância no Orkut seja a de comunidades com temas “leves” como os citados, o fenômeno que desperta a atenção é o surgimento de comunidades para tratar de questões mais sérias, como por exemplo: “Batalha contra o câncer”, “Síndrome de Down não é doença”, “Não consigo engravidar”, entre outras. Entre estes assuntos mais delicados, estão as comunidades criadas para falar do luto, tema desta pesquisa.

Para explicar melhor como funcionam as comunidades criadas para pais enlutados no Orkut e o crescimento delas nos últimos anos, cito aqui dois exemplos. A comunidade “PERDI UM FILHO” (figura 10), contava com 4.426 participantes em 2008 (ano em que iniciei a minha pesquisa) e, atualmente em 2013, concentra 7.269 membros: (<http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=2064446>). A autora deste espaço, uma mãe enlutada, faz o seguinte texto introdutório, convidando outros pais a participarem deste espaço:

“Essa comunidade foi criada para todas as mães e todos os papais que sentiram e sentem a dor da perda de um filho. Àqueles(as) que sobrevivem com o vazio no peito (...). Àqueles(as) que sabem ou até mesmo, não sabem, conviver com essa dor... Espaço criado para desabafar, trocar depoimentos, procurar uma resposta, ajudar uns aos outros”



Figura 10 – Imagem da primeira página da comunidade virtual do Orkut chamada “Perdi um filho”.

Outro exemplo é a comunidade “MÃES QUE PERDERAM FILHOS” (figura 11), que em 2008 tinha 2.565 membros e, em 2013, já concentra 4.941 participantes (<http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=1083599>). A mãe enlutada, responsável por criar este espaço, publica na página principal os seguintes dizeres introdutórios:

“Gostaria de me comunicar com mães que perderam filhos assim como eu, não para nos lamentarmos mas para trocar energias que nos fortaleçam. Fiz algumas poesias para ele e talvez você que está pensando em conversar comigo queira lê-la. Ficarei feliz em trocar experiências com você, mãe saudosa”.

The image shows the Orkut community page for "Mães que perderam filhos". On the left, there is a profile picture of a woman and a sidebar with navigation options: "comunidade", "fórum", "enquetes", "membros", "Ações", "Participar da comunidade", and "Denunciar abuso". The main content area displays the community name, a "Participar da comunidade" button, and metadata: "idioma: Português (Brasil)", "categoria: Outros", "tipo: público", "visível por: público", "ocultar perfil", "criada em: 05/01/2005", "local: Brasil", "proprietário: Denise Rodrigues", and "moderadores: Lairde xx". Below this is a text post that matches the quote in the text above. At the bottom, there is a "Fórum" section with a "Criar tópico" button and two forum topics: "dor sem fim" and "filha eu te amo", each with one response and a date of "6 de jan".

Figura 11 – Imagem da primeira página da comunidade virtual do Orkut chamada “Mães que perderam filhos”.

No próximo capítulo, darei mais detalhes a respeito das características destas comunidades, assim como descreverei passo a passo como realizei a pesquisa qualitativa com alguns participantes destes espaços virtuais.

## 5

### Pesquisa de Campo

Ao pesquisar estudos acadêmicos sobre a manifestação do luto na Internet, encontrei escasso material publicado, além de não ter identificado nenhum trabalho com objetivos semelhantes ao meu. Mesmo assim, o que analisei contribuiu de forma expressiva para o enriquecimento de minha visão acerca do tema. Cito especialmente Matos-Silva (2011) que promoveu descobertas muito interessantes ao avaliar como o Orkut vem sendo utilizado por pessoas enlutadas para enviar mensagens a falecidos cujo perfil foi mantido ativo. Com exceção do trabalho desta autora, os demais estudos na web sobre as expressões de luto no Orkut, apesar de relevantes e bem conduzidos, não tiveram o objetivo de ouvir diretamente os autores destas manifestações, ou seja, foram baseados apenas na observação e não contemplaram entrevistas, como foi o caso de Albuquerque (2007), Peruzzo et al (2007), Negrini (2009) e Tomasi (2012).

Albuquerque (2007) e Negrini (2009) avaliaram mensagens postadas na comunidade “PGM – Profiles de gente morta”; enquanto Peruzzo et al (2007) examinaram os recados publicados para homenagear pessoas que já faleceram, e Tomasi (2012), se interessou em observar no Orkut as variadas manifestações de mulheres enlutadas em geral (filhas, irmãs, mães e esposas), mas sem concentrar-se especificamente nas comunidades de apoio criadas para pais enlutados, que é justamente a intenção da minha pesquisa.

Assim como Matos-Silva (2011), minha proposta foi a de compreender o fenômeno a partir de entrevistas com aqueles que escrevem diretamente no Orkut. Através das conversas, pude compreender com maior profundidade as razões e os efeitos dos variados tipos de comportamentos nesta rede social. No entanto, diferente do que me propus a fazer, Matos-Silva (2011) concentrou-se exclusivamente nas entrevistas com pessoas que deixam recados nos perfis de jovens falecidos. Já no meu caso, entrevistei somente pessoas que participam das comunidades para pais enlutados.

Assim, a minha proposta de pesquisa se diferencia em relação aos demais estudos em alguns aspectos, especialmente dois: em primeiro lugar, priorizei um

determinado tipo de luto, ou seja, o de pais que perderam os seus filhos. Em segundo lugar, procurei compreender o que sentem os membros das comunidades criadas no Orkut para pais enlutados.

Antes de iniciar as minhas entrevistas, realizei um trabalho prévio de leitura de inúmeros *posts* deixados nestas comunidades. Durante este processo, percebi que tanto a forma quanto o conteúdo da escrita revelam pistas que merecem um olhar cuidadoso. Em relação à forma como estes depoimentos são apresentados, notei que muitos são escritos em caixa alta, com vários pontos de interrogação ou exclamação; recursos estes que representam a intensidade da emoção. É comum encontrar mensagens postadas com muitos erros gramaticais, indicando ser este um espaço democrático, frequentado por pessoas de diferentes níveis sociais e educacionais e mostrando, também, que a qualidade da escrita pode ser afetada pela emoção do momento, pela ansiedade, pela pressa ou pela premência do desabafo.

Já em relação ao conteúdo do material, percebi que, quase sempre, os frequentadores destes espaços demonstram, através de seus dizeres, doses abundantes de tensão, angústia e tristeza.

Observei que muitos pais preferem não expor o seu nome completo ou verdadeiro nestas comunidades e, geralmente, usam um apelido para se identificar. Muitos pais enlutados manifestam o desejo de pedir ajuda, ao mesmo tempo em que procuram ocultar sua verdadeira identidade. É por esta razão que decidi formular um termo de consentimento diferenciado ao abordar os meus entrevistados (como explicarei no tópico 5.2.2) e, também por este mesmo motivo, tomei o cuidado de preservar o anonimato dos exemplos que compartilho a seguir. Ilustrei através de frases textuais que colhi nestas comunidades alguns tipos de depoimentos que costumam ser postados.

“É tanta dor... Que Deus nos abençoe [abençoe] e ampare as Fernandas, Fabianas, Lilas e todas nós, que choramos desesperadas ou silenciosas, sem forças até para falar.”

“Ja [já] se passaram cinco anos, mas a dor e [é] imensa as lagrimas [lágrimas] caem sobre o teclado o coração [coração] esta [está] apertado, precisava [precisava] contar minha historia [história] p/ [para] desabafar”

“se alguem [alguém] tiver uma forma de me ajudar, eu peço SOCORRO!!!!!!!!!!!!!!”

“por favor se alguém [alguém] tiver uma palavra de conforto me diga a dor que sinto ,o vazio , o buraco que ficou em meu coração [coração] não [não] para de doer por favor me ajudem”

“já [já] fazem 3 anos que isso aconteceu. e eu nao [não] consigo viver. nao [não] consigo deixar ela ir. ainda tenho as coisas guardadas.. as roupinhas tds [todas] limpas e arrumadinhas nas gavetas. nao [não] consigo tirar, guardar ou dar. nao [não] sei como diminuir minha dor.. é horrível [horrível]! ainda acordo de madrugada com o choro dela.. e levanto correndo como se ela estivesse [estivesse] ali..mas qndo [quando] acendo a luz.. ela não [não] esta lá!!!! faço terapia.. mas nao [não] tem ajudado. tomo remedios [remédios]e td [tudo] mais. mas simplesmente não [não] consigo deixa-la ir!! me ajudem, por favor!! nao [não] sei o que fazer.. nao [não] aguento mais essa dor aqui no peito, me sufoca.. arde.. parece que meu coração [coração] vai parar.. me ajudem, por favor!”

"Meu marido me proibiu de falar no nome da minha filha em casa. Ele não aceita que depois de tanto tempo eu ainda esteja de luto. Tentei o suicídio er [e] não consegui. Ele quer me internar porque me considera louca. Mas eu só quero falar da minha filha em paz!"

"Escrevo escondida da minha família. Eles não podem saber que eu ainda sofro tanto. Todo mundo pensa que sou forte. Eu preciso me mostrar forte porque tenho meus outros filhos para cuidar. Mas na verdade, eu ainda preciso chorar, chorar e chorar..."

## 5.1

### Objetivos

Como já mencionei anteriormente, o objetivo da minha pesquisa consistiu em entender os motivos que levam pais enlutados a participarem de comunidades criadas no Orkut sobre o tema da perda de um filho.

Diante deste espaço virtual que se abre para falar e tratar o luto, procurei responder a duas questões: Por que os pais enlutados participam destes espaços? Que efeito essa participação provoca?

Para responder a estas perguntas, fui a campo em busca de pais enlutados que participam destas comunidades, investigando as razões que eles têm para frequentar estes espaços e como se sentem ao fazer isto.

## 5.2

### Metodologia

As etapas deste estudo de campo seguiram o passo a passo do Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS), desenvolvido por Nicolaci-da-Costa (2007). Através do MEDS, consegui tornar visíveis conteúdos que vão além do discurso racional. Para que isso ocorresse foi fundamental deixar os participantes à vontade para que pudessem se expressar, de forma livre e espontânea, evitando autocensuras e um discurso “politicamente correto”.

#### 5.2.1

##### Participantes da pesquisa

A amostra foi constituída por 20 pais ou mães que perderam seus filhos, usuários do Orkut, que participam de comunidades para pais enlutados. Estes entrevistados foram selecionados de acordo com determinados critérios que apresentarei a seguir.

##### 5.2.1.1

##### Critérios de seleção dos entrevistados

Participaram da pesquisa somente pessoas que perderam seus filhos e que escrevem mensagens em comunidades para pais enlutados no Orkut. Pude constatar que, este número de entrevistas foi representativo, já que foi possível encontrar o “ponto de saturação”, momento em que as últimas entrevistas realizadas fornecem informações análogas àquelas que já haviam sido encontradas em entrevistas anteriores (Nicolaci-da-Costa, 2007).

Evitei limitar as características dos pais selecionados quanto à idade, sexo, classe social, local de moradia, profissão, tipo de morte do filho ou tempo de luto, de forma que eu pudesse contar com um amplo leque de possibilidades e histórias. Dos 20 entrevistados, 17 têm filhos que faleceram com menos de 12 anos. Somente 3 perderam filhos quando estes tinham entre 20 e 26 anos. Embora parte significativa de minha pesquisa teórica tenha se concentrado na questão do papel

da criança no contexto familiar, foi relevante considerar entrevistas com pais que tenham perdido filhos já adultos no sentido de verificar se existem diferenças na maneira de pensar e agir, comparativamente àqueles que perderam filhos menores. Os resultados apresentados no capítulo 6 indicam que a idade do filho falecido não representa uma variável de influência na manifestação da dor.

### 5.2.1.2

#### **Critérios de seleção das comunidades para pais enlutados**

Para selecionar as comunidades, priorizei aquelas com maior fluxo de *posts* diários e com no mínimo dois mil membros, como as comunidades “Perdi um filho”, “Mães que perderam seus filhos”, “Tenho um (a) filhinho (a) no céu” e “Não perdi meu filho, o devolvi”.

### 5.2.2

#### **Considerações sobre o anonimato dos participantes**

Tive a preocupação de alterar os nomes de todos os entrevistados com quem conversei, assim como os nomes de seus filhos falecidos. Embora no Orkut e no MSN muitos utilizem apelidos em lugar do nome real, o que poderia, de antemão, dificultar a identificação, considerei prudente modificá-los mesmo assim. Manter os apelidos permitiria que qualquer um, através de mecanismos de buscas do Orkut ou do MSN, tivesse a oportunidade de localizar os entrevistados.

No entanto, mantive originalmente a idade dos respondentes, suas respectivas profissões, a idade dos filhos quando faleceram, a causa da morte dos filhos e o tempo de falecimento.

Tendo em vista as características deste estudo e o perfil dos entrevistados que fazem questão de manter sigilo a respeito de sua situação emocional, optei por não aplicar o termo de consentimento padrão nesta pesquisa, que costuma solicitar aos participantes o fornecimento de dados reais (nome, CPF, telefone, assinatura), pois isto obrigaria os pais enlutados a revelarem o que eles mais querem esconder: a intimidade. Ou seja, ao invés de preservá-los, eu estaria invadindo um espaço que eles construíram cuidadosamente para se proteger do mundo externo e isto,

com toda a certeza, afetaria drasticamente a qualidade, a espontaneidade e a veracidade do conteúdo das entrevistas.

Desta forma, antes de iniciar qualquer entrevista, pedi a autorização dos membros da comissão de ética da PUC para substituir o termo de consentimento padrão da Universidade por uma solicitação que foi encaminhada *online*. Um novo termo, autorizado pela comissão de ética da PUC, substituiu o termo de concordância oficial e garantiu o sigilo necessário para a participação dos entrevistados, preservando assim a sua privacidade (ANEXO 1).

### 5.2.3

#### Como cheguei aos entrevistados

O percurso para selecionar os entrevistados foi dividido em duas partes: a busca de comunidades para pais enlutados que tivessem uma participação ativa de seus membros e a procura de pessoas que escrevem nestas comunidades. Uma vez que identifiquei comunidades com mais de dois mil membros, procurei entrar em contato com seus participantes. Solicitei que me adicionassem no Orkut de forma que eu pudesse enviar uma mensagem individual e reservada para cada um expondo o motivo de meu contato, já que a ideia de deixar um *scrap* público me pareceu inadequada. Então, ao receber o aceite de “amizade” no Orkut, escrevi um depoimento idêntico para todos:

“Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa por meio da qual pretendemos compreender melhor a questão da elaboração do luto entre pais que perderam os seus filhos e que participam das comunidades virtuais do Orkut criadas especialmente para pais enlutados. Esta pesquisa será realizada por meio de uma entrevista *online*, via MSN, permanecendo sob a responsabilidade da pesquisadora todo e qualquer dado de identificação. Todas as informações têm caráter confidencial, portanto sua identidade será mantida em sigilo. A entrevista será agendada no dia e horário mais conveniente para você. Sua participação é voluntária, estando livre para interromper a entrevista quando assim desejar; fazer as perguntas que julgar necessárias; recusar-se a responder perguntas ou falar de assuntos que lhe possam causar qualquer tipo de constrangimento. Caso seja o seu desejo, a entrevista poderá ser interrompida a qualquer momento. Com sua adesão, você estará contribuindo para conhecermos mais sobre o entendimento dos pais enlutados hoje. Respondendo a esta mensagem *online* com o seu consentimento, você estará autorizando a pesquisadora a utilizar em ensino, pesquisa e publicação, as informações prestadas na entrevista, sendo preservada sua identidade e a dos membros da sua família”.

Assim que o entrevistado aceitava o convite para participar, eu fornecia o meu endereço de MSN.

Entrei em contato tanto com homens quanto com mulheres, mas obtive um índice de respostas significativamente maior das mulheres. Desta forma, minha amostra ficou constituída com os 20 primeiros pais que responderam espontaneamente ao meu convite, totalizando, de maneira aleatória, 19 mulheres e 1 homem. A razão pela qual não substituí este único homem por outra mãe enlutada para manter uma amostra mais homogênea de 20 casos se deve ao fato de que os resultados da entrevista com ele foram muito enriquecedores e contribuíram de maneira significativa para o trabalho. Além disso, embora a maioria dos participantes destas comunidades sejam mulheres, existe uma quantidade de participantes do sexo masculino que não pode ser desprezada. Também é importante enfatizar que os homens vêm assumindo um papel cada vez mais relevante como pais, participando de maneira mais ativa da educação de seus filhos.

#### 5.2.4

##### **Coleta de dados**

As informações foram coletadas *online*. As entrevistas foram realizadas por meio do MSN Messenger - programa de mensagens que foi criado pela Microsoft Corporation em 1999 e permite a comunicação instantânea com outra pessoa pela Internet. Por meio deste aplicativo, o usuário consegue se relacionar com outros que tenham o mesmo programa em tempo real, podendo ter uma lista de amigos "virtuais" e acompanhar quando eles entram e saem da rede. Esta forma de comunicação foi escolhida basicamente por um fator: a familiaridade que os entrevistados tinham com este ambiente. Pelo fato de o MSN ser um ambiente "natural" para os entrevistados, eles poderiam sentir-se mais à vontade para discorrer livremente sobre o tema. Conforme apontaram Nicolaci-da-Costa, Romão-Dias & Di Luccio (2009), a difusão da Internet, nos últimos 20 anos, fez com que determinados ambientes *online* se tornassem tão "naturais" como outros *offline*. Por esta razão, conversar no MSN é, hoje, para muitos, tão natural como conversar pelo telefone ou mesmo pessoalmente. Os entrevistados fazem parte

deste grupo e se mostraram familiarizados com o MSN e com a linguagem utilizada na comunicação *online*, que é quase sempre bastante informal, com muitas gírias, abreviações e símbolos de emoções. Também considero que as entrevistas com os pais enlutados conseguiram ser realizadas com maior qualidade pelo MSN porque, por se tratar de um tema tão delicado, provavelmente se sentiram mais à vontade para expressar suas falas –e, até mesmo, chorar durante a entrevista- sem a necessidade de estar “face a face” com o entrevistador.

#### **5.2.4.1**

##### **A marcação das entrevistas**

Uma vez que os pais enlutados concordaram em fazer parte da pesquisa, perguntei a cada um deles qual seria o melhor dia e horário de sua conveniência para agendar nosso encontro *online*, por meio do MSN. Senti que foi importante realizar esta marcação prévia porque, por tratar-se de um tema difícil, eles disseram que preferiam conversar comigo em um momento em que estivessem sozinhos em casa, sem afazeres pendentes, de forma que pudessem se entregar integralmente à entrevista.

#### **5.2.4.2**

##### **Interrupções**

Dei aos meus entrevistados a liberdade para interromperem a entrevista no momento em que desejassem e darem continuidade à mesma em qualquer outro dia ou horário de sua preferência. Apenas um entrevistado sentiu a necessidade de fazer uma pausa, quase ao término de nossa entrevista, já que sua filha caçula estava doente requisitando seus cuidados.

#### **5.2.4.3**

##### **Registro das entrevistas**

Ao realizar as conversas via MSN, pude registrar integralmente toda a entrevista, preservando a forma escrita dos entrevistados se expressarem (letras

maiúsculas para denotar ênfase na emoção de alguma expressão, palavras, expressões típicas de determinada região geográfica e erros gramaticais que muitas vezes podem indicar alguma informação importante a respeito do perfil do entrevistado etc). Este procedimento também evitou que as falas dos entrevistados fossem alteradas ou editadas.

#### 5.2.4.4

#### **A construção do roteiro de entrevistas**

As entrevistas foram desenvolvidas tendo como base um roteiro previamente elaborado.

Partindo do princípio de que um bom roteiro é indispensável para uma pesquisa eficiente, elaborei um roteiro que fosse flexível, inspirado nos depoimentos espontâneos deixados nas comunidades de pais enlutados do Orkut. Seguindo os princípios do MEDS (Nicolaci-da-Costa, 2007), tive o cuidado de formular o enunciado de cada questão da forma mais natural e aberta possível, acompanhando o ritmo do bate-papo. Este roteiro foi testado em duas entrevistas piloto que me possibilitaram acrescentar outros itens que inicialmente não estavam contemplados. Com os ajustes realizados, obtive o roteiro definitivo.

Apliquei o roteiro de forma flexível para respeitar o fluxo de associações dos entrevistados, ou seja, a ordem das perguntas foi alterada de acordo com o tipo de respostas e depoimentos dos entrevistados. A intenção foi dar aos participantes a sensação de uma conversa e não da aplicação das perguntas de uma forma rígida, evitando assim que as ideias ou manifestações das emoções fossem interrompidas. Em cada caso, acompanhando o ritmo da conversa, modifiquei a ordem de algumas perguntas, mas nenhum dos itens do roteiro deixou de ser abordado. Para garantir a fluidez da conversa, meu roteiro continha itens e não perguntas com enunciados previamente formulados. Os enunciados eram formulados na hora, como em uma conversa natural. Estes foram os tópicos abordados com cada participante:

- Nome/idade/cidade onde mora/profissão
- Descrição do filho/ idade/ tempo de falecimento etc.
- Razão do falecimento/ fato previsto ou inesperado

- Sentimentos a partir da perda/ a vida no dia a dia desde o falecimento do filho
- Atividades ou recursos usados para amenizar a dor
- Medidas adotadas para lidar com o luto
- Mudanças na rotina (atividades que passou a fazer que antes não fazia ou atividades que deixou de fazer)
- Influência desta perda nas relações familiares em geral
- Influência desta perda na relação de casal
- Influência desta perda na relação com os demais filhos
- Influência desta perda na rotina no trabalho
- Há quanto tempo usa o espaço do Orkut para escrever a respeito do filho falecido e razões que levaram o entrevistado a postar mensagens no Orkut
- Tipos de mensagens que escreve para o filho
- Comunidades que frequenta no Orkut
- Com quem se relaciona nestas comunidades
- Sensação ao escrever nestas comunidades
- Frequência de visita a esse espaço
- Que respostas recebe às postagens
- Sentimentos ao receber as mensagens
- Hábito de ler as mensagens postadas por outros pais
- Sentimentos ao ler as mensagens escritas pelos outros pais
- Hábito de escrever para outros pais e tipo de mensagem que escreve
- Sentimentos ao escrever para outros pais
- Influência da postagem de mensagens na Internet no processo de luto
- Recomendações ou não a outros pais enlutados que ainda não conhecem o Orkut e razões

### 5.2.5

#### **Análise dos dados**

Seguindo o que determina o MEDS (Nicolaci-da-Costa, 2007), dividi a análise das entrevistas em duas etapas. Em primeiro lugar, analisei as respostas do

grupo em geral, comparando as respostas “inter-participantes”, ou seja, verifiquei atentamente se existiam pontos em comum entre elas. A partir da identificação das recorrências, pude agrupar as respostas por categorias, que me permitiram ter uma visão panorâmica do conjunto de depoimentos. Através deste processo, foi possível identificar as principais ideias apresentadas pelos entrevistados. Somente depois desta etapa, realizei a análise “intra-participante”, que consistiu em analisar individualmente o discurso de cada entrevistado em busca de inconsistências, incoerências e possíveis sentimentos contraditórios. Todas as inconsistências e/ou contradições que encontrei nos discursos, deram origem a uma nova categoria de análise. Voltei, então, à avaliação “inter-participantes”, para verificar se esta era uma categoria comum aos demais entrevistados, ou se tratava-se somente de uma peculiaridade de um participante. Realizei a alternância entre os dois tipos de análise várias vezes, até que tive certeza de quais eram as categorias predominantes no grupo como um todo e quais eram aquelas presentes no discurso de somente um participante ou de uma minoria deles. No final, restaram apenas as categorias que melhor representavam os resultados obtidos.

## 6

### **Resultados da análise das entrevistas realizadas com pais enlutados que frequentam as comunidades do Orkut**

#### 6.1

##### **Apresentando os pais enlutados**

A amostra desta pesquisa foi constituída por vinte pais enlutados (dezenove mulheres e um homem), provenientes de dezessete cidades brasileiras. Os entrevistados têm entre vinte e nove e cinquenta e seis anos. Cinco participantes são donas de casa e os demais entrevistados atuam profissionalmente nas mais diversas áreas: educação, saúde, comércio, finanças etc.

Os pesquisados perderam seus filhos quando os mesmos tinham entre três e vinte e seis anos. Dez deles perderam filhos do sexo masculino e dez do sexo feminino. Dos vinte pais entrevistados, nove enfrentaram, durante meses ou anos, a evolução de uma doença fatal que afetou seus filhos até leva-los à morte e onze perderam seus filhos repentinamente (mal súbito, acidente médico, acidente de carro, atropelamento e assassinato).

Em relação ao tempo de luto, a amostra ficou bem diversificada, compreendendo os períodos de quatro meses a dezesseis anos de luto.

No anexo 2, apresento o perfil completo de cada entrevistado, junto com as características do filho falecido e a causa da morte.

#### 6.2

##### **Apresentando os filhos falecidos**

##### 6.2.1

##### **Meu filho, meu melhor amigo**

Segundo todos os entrevistados, a perda que tiveram não foi apenas a de um filho. Foi também a do melhor amigo, do maior cúmplice, do companheiro inseparável, inesquecível e insubstituível. Todos falaram a respeito da relação

especial de intimidade e cumplicidade que mantinham com o filho falecido. O relato de Elisa é indicativo deste fato. Elisa perdeu Enzo há dois anos e seis meses meses, vítima de um choque anafilático após tomar uma anestesia.

"meu melhor amigo e companheiro. Chorava quando eu chorava, ria quando eu ria".

Karla também fala de Cléo como o ser que mais a entendia neste mundo. Há quatro meses a menina faleceu de um tumor na cabeça quando tinha sete anos. Apesar de ter outros filhos, ela sempre quis uma menina e, quando Cléo nasceu, ela se sentiu realizada. Karla ressalta em seu discurso o quanto atribui à Cléo uma colocação superior na "escala de adoração", comparativamente aos outros dois filhos que possui:

"eu sempre amei muito ela, quando ela adoeceu eu passei a amar mais ainda, mas eu amo os meninos, só que Cleo [Cléo] era diferente, ela me entendia ela sabia tudo que eu gostava, ela me ensinou mais que eu a ela"

Magda perdeu uma filha que, com três anos, se afogou na piscina de um clube. Assim como Karla, ela também tem outro filho. Mas era somente com Valeska que ela costumava trocar constantes declarações de amor. Magda a define como "carinhosa e muito amorosa". E sente muita falta das frases espontâneas que Valeska dizia para ela.

"uma das coisas que sinto saudades é de ouvir ela dizer: Mamãe posso te falar uma coisinha? Eu amo você... eu amavaaaaaaaaaaaaaa ouvir isso, amava sentir todo carinho dela comigo".

## 6.2.2

### Meu filho, um herói

Todos os pais que passaram vários meses ou anos indo e vindo de hospitais com seus filhos, elogiaram a forma como os mesmos enfrentaram o período da doença. É o caso de Beto, Karla, Diva, Dália, Iracema, Lavínia, Margoth, Rosanna e Ruth que perderam seus filhos para o câncer.

As longas temporadas de internações deram a estes pais a oportunidade de conviver muito de perto com os filhos durante períodos marcados por tratamentos,

cirurgias, dor física e, sobretudo, muito estresse. Na visão dos entrevistados, apesar da permanência no hospital ser extenuante física e emocionalmente, esta experiência possibilitou um aprofundamento na relação pai-filho e uma troca mútua de apoio. Não apenas os pais apoiavam seus filhos, mas os filhos também apoiavam seus pais, sendo qualificados pelos mesmos como indivíduos fortes e muito maduros para a sua idade.

Pelos depoimentos, percebi que a maioria destes pais manteve, até o último momento, a esperança de que o quadro iria se reverter, de que um milagre repentinamente aconteceria, de que uma luz divina traria a cura e de que tudo, algum dia, voltaria ao normal. Há exceções, no entanto, como o caso de Karla que, quando soube que o tumor de sua filha Cléo era irreversível, tentou se matar.

"eu [me] desesperei tentei suicídio [suicídio], ã [não] suportava a ideia de saber que podia perder minha filha. eu tomei [tomei] duas cartelas de rivolti [Rivotril] fiquei muito mal...".

Apesar do desespero que sentiu e da tentativa de tirar a própria vida, Karla fez referência à maturidade emocional da filha, que na ocasião tinha apenas sete anos. A cumplicidade e empatia entre ambas eram tão grandes que a menina confessou à mãe que tinha medo de morrer porque Karla poderia tentar o suicídio outra vez. Além da preocupação demonstrada com a saúde de sua mãe, Cléo queria aproveitar intensamente os últimos meses de vida e procurava conscientizar sua própria mãe a respeito da gravidade dos fatos, expulsando dos diálogos que elas mantinham as falsas esperanças que poderiam comprometer posteriormente o enfrentamento da realidade.

"um dia ela me pediu p [para] fazer o aniversario [aniversário] da gata dela, eu falei [para fazer] depois que a gente voltar [voltasse] de salvador [Salvador] onde ela fazia tratamento, ela disse que ã [não] dava tempo, eu fiz e viajamos, ela voltou inconciente [inconsciente] e com dessesete [dezessete] dias ela faleceu em casa no meu colo".

Lavínia, que perdeu a filha Gyna de leucemia, contou em sua entrevista que demorou muito para acreditar que sua filha estava doente.

"Como Betty, uma criança linda, gordinha, elétrica [elétrica] poderia estar com essa doença? Gyna comia super bem, dormia super bem, não [não] reclama [reclamava] de dor, simplesmente tinha ematomas [hematomas] rocho [roxos] no corpo"

E, da mesma forma que os demais pesquisados, esta mãe também delineou o perfil de sua filha como alguém forte, muito mais forte do que ela conseguiria imaginar.

"ela falava assim [assim]: chora não [não] mamãe [mamãe] não [não] esta [está] doendo nada/ ela me protegia de tudo, até [até] de suas dores, às [às] vezes via que sentia muita dor mas mesmo assim ela escondia"

### 6.3

#### **Nada mais importa**

Quando perguntei aos pais enlutados como se sentiram ao receber a notícia da morte de seus filhos, muitas descrições foram recorrentes: a sensação do chão ter se aberto, de caírem em um abismo, de tudo começar a girar, de sentir uma ferida profunda e dolorida se abrindo no coração ou a sensação de uma parte do corpo ter sido amputada sem anestesia.

Quando questionei a respeito de como ficaram suas vidas logo após o impacto inicial da perda, foi unânime a resposta de que tudo havia mudado drasticamente. Quase todos ficaram atordoados nos primeiros instantes e, logo depois, vivenciaram um longo período de inércia. As seguintes expressões se repetiram em muitos relatos: "fiquei fora do ar", "fiquei sem rumo", "fiquei sem referências". Após este impacto inicial caracterizado de "choque" por muitos, alguns disseram que ficaram com a memória afetada, com dificuldade de concentração, perda de ânimo, falta de forças para se levantar da cama, falta de vontade para trabalhar ou se relacionar com os demais e crises constantes de choro. Os que tiveram perdas mais recentes (pelo menos nos últimos três anos) sinalizaram que ainda permanecem com esta sensação. Os que têm um tempo de luto maior, conseguiram trazer de volta um pouco de movimento às suas vidas, mas com foco específico nas tarefas diárias, por serem obrigatórias. No entanto, as ações de lazer ou de investimentos voltados para o futuro foram quase que integralmente interrompidas.

### 6.3.1

#### **Não vivo, sobrevivivo**

Mesmo aqueles pais que retomaram suas rotinas profissionais, relatam que a vida emocional perdeu o sentido. Eles sobrevivem, mas não vivem. Ada, mãe de Félix, que há dois anos faleceu em um acidente de carro quando tinha nove anos de idade, exemplifica bem este estado de inércia, compartilhado por muitos outros pais.

"ACABOU, SIMPLEMENTE ESTOU SOBREVIVENDO. NADA MAIS IMPORTA, ASSIM, DIGO DE PLANOS, NÃO TENHO PLANOS PRO FUTURO (...) NÃO TENHO VONTADE DE FAZER NADA".

Muitos pais também descreveram o vazio que passaram a sentir após a partida do filho já que era um ser que preenchia suas vidas não apenas emocionalmente, mas também fisicamente por meio de atividades que determinavam suas rotinas. Cida, por exemplo, que há seis meses perdeu Sandro quando este tinha dois anos e onze meses, vítima de uma parada cardio-respiratória após uma cirurgia, explicou que a partir da morte repentina do filho, sua vida "ruiu" porque seu dia era destinado para ele. Passou a sentir um vazio muito grande sem ter a presença de seu filho a acordando cedo todas as manhãs e muita tristeza por não poder vivenciar mais a correria para buscá-lo na creche.

Não apenas Cida, mas também Karla e Diva utilizaram o termo "24h" para definir o tempo que passavam com seus filhos. Karla conta que durante a doença de Cléo, a conexão entre ambas ficou tão forte, a ponto de seu marido ter que dormir em outro quarto porque ela preferia dividir a cama com a filha.

Duas pessoas relataram problemas de obesidade porque procuraram "preencher este vazio" com a comida. Outras duas se envolveram com problemas de alcoolismo e drogadição porque a frequência de consumo as levou ao vício. É o caso de Beto, pai de Suzy, que há quatro anos faleceu de leucemia quando tinha três anos e cinco meses e que usou o seguinte termo para definir o seu estado: "eu só tinha vontade de definhar e de ir apagando".

Algumas mães relataram a perda total da vaidade, deixando de lado o hábito de se maquiar, de fazer as unhas, de escolher as roupas e de, inclusive,

pentear o cabelo. Outras mencionaram que adquiriram o hábito de ir ao cemitério. O desejo de ficar sem fazer nada e simplesmente “deixar a vida passar” apareceu de forma recorrente nos depoimentos e é bem ilustrado nesta fala de Magda.

"quando eu passo em algum lugar e vejo alguém [alguém] embaixo de uma ponte, ou dormindo numa calçada, que vontade de trocar de lugar com eles, ficar ali atirada a própria sorte, sem precisar me preocupar com nada nem com ninguém, sem ter pra onde ir e nem pra onde voltar"

Magda ironiza que não há razão para temer o inferno já que, em suas palavras, diz que “vive nele e sente o fogo queimando dentro de si”.

### 6.3.2

#### **Morri com meu filho**

Para quase todos os entrevistados, perder um filho é tão "inacreditável", que a sensação é a de que morreram junto com ele. Enquanto que por um lado alguns disseram que "morreram junto", outros enfatizaram o desejo de que isto realmente ocorresse. A ideia de "suicídio" (especialmente nos meses iniciais de luto) ou o desejo de que a morte aconteça em breve, surgiu em quase todos os discursos.

Karla, que já havia tentado o suicídio quando soube da doença de Cléo, pensou novamente em se matar logo após a sua morte.

Magda conta que após a perda de Valeska, passou um mês internada no hospital, mas esta foi apenas a primeira internação de muitas outras que ainda ocorreriam: Magda propositalmente deixou de se alimentar e tentou o suicídio várias vezes. Com quatro anos de luto, a última tentativa de se matar ocorreu semanas antes da entrevista, quando ela ingeriu uma quantidade grande de remédios tarja preta e cinco agulhas.

"fiz de tudo que vc [você] possa imaginar pra tirar minha vida, mas não consegui, não tive competência pra fazer, nunca imaginei na minha vida, que eu iria viver em prool [prol] de buscar uma forma de tirar minha vida".

O que mais pesou para evitar a tentativa de suicídio de alguns pais enlutados foi a reflexão de que outras pessoas (especialmente os demais filhos ainda vivos) dependiam deles.

### 6.3.3

#### **Dor ioiô: uma instabilidade permanente**

O termo "superação do luto" é rejeitado pelos pais entrevistados que afirmam que ele não se aplica ao luto de um filho. O que todos dizem é que se aprende a lidar com o luto, mas ele sempre vai existir. A chave está em aceitar que a dor será permanente e encontrar uma fórmula para conviver com esta dor. Este parece ser, segundo muitos pais, o grande segredo para "sobreviver". No entanto, a maior dificuldade reportada por todos é a oscilação imprevisível desta dor. Quando tudo parece estar melhorando, ela se manifesta sem piedade, repentinamente, em um processo randômico, cíclico e sem fim. Há dias melhores e outros absolutamente insuportáveis. Segundo eles, a dor não parece seguir uma linha contínua e previsível de comportamento, diminuindo com o passar do tempo. A dor pode se refugiar por uns tempos em uma caverna escura, mas, sem prévio aviso, se manifestar em muitas ocasiões, mesmo após vários anos da perda. Qualquer ocorrência pode funcionar como fósforo para disparar as bombas que explodem os corações destes pais. As datas festivas foram mencionadas por quase todos como períodos que fazem aflorar com mais intensidade a dor da perda. Os entrevistados não se referiram somente às datas tradicionais como Natal, Ano Novo e Aniversário. Mas também, às datas que relembram o período da doença (datas de internação ou cirurgias) e a data de falecimento.

Há os que aprendem a conviver melhor com esta dor. Outros ainda engatinham no assunto e não sabem lidar com a imprevisibilidade de cada dia. O que todos sinalizam é que o aprendizado de como lidar com esta dor é bastante lento. Tamara, mãe de Paulo, que faleceu atropelado, quando tinha sete anos, fala do longo processo que ainda precisa percorrer, mesmo após os nove anos que se passaram desde a perda do filho.

"Ainda estou tentando sobreviver e recomeçar minha vida".

Lavínia, mãe de Gyna, que faleceu de leucemia quando tinha quatro anos, tem o mesmo tempo de luto que Tamara (nove anos) e diz que ainda se sente muito mal já que a saudade a sufoca. Ela afirma que ainda não se sente curada.

Dália perdeu Marcelo quando ele já era adulto, com vinte e seis anos, vencido pelo Linfoma de Hodgkin. Após três anos e meio da morte de seu filho, ela está convencida de que não existe a superação para o luto pela morte de um filho, definindo o luto como infinito. Magda, que há quatro anos vive seu luto, também declara que não acredita na superação do mesmo.

Outros citaram as dificuldades que sentem de vivenciar determinada situação e imaginar como seria se seu filho estivesse ali presente.

Rosanna perdeu Gabriel para o câncer quando o menino tinha cinco anos e onze meses e conta que quando sai para fazer um programa com seu marido e o outro filho, sempre carrega Gabriel no coração. Em qualquer fotografia que se tire da família, Gabriel sempre falta mas ao mesmo tempo "está lá". Para ela, não existe superação, apenas o aprendizado na convivência com a dor.

Shirley descreve como ocorrem as suas oscilações de dor e, relatos muito similares a este, também foram descritos por outros participantes.

"a dor do luto é como um vulcão que fica dentro de nós, existem dias em que ele fica lá quase inexistente, outros dias mais bravo e aqueles dias em que entra em erupção e destrói tudo que esta [está] em sua frente".

## 6.4

### A tábua de salvação

Observei que aqueles pais que conseguiram se ocupar com alguma atividade religiosa, terapêutica, profissional, acadêmica, física ou de lazer, deixaram evidente o quanto estes recursos contribuíram para uma melhor convivência com a dor. Os relatos que mais se repetiram tiveram relação com o fortalecimento da fé, seja através da aproximação da religião atual ou da busca por uma nova religião, o início de uma terapia, o aumento da carga horária de trabalho, a distração com passatempos e a possibilidade de conversar sobre o tema, seja presencialmente com conhecidos ou, virtualmente, com membros de comunidades de pais enlutados no Orkut.

Vou apresentar com mais detalhes os relatos dos entrevistados a respeito de cada um destes recursos.

#### **6.4.1**

##### **Fé**

A questão da fé e da religião foi um tema que despertou opiniões bem diversas. Encontrei pais que antes da morte do filho não se sentiam tão conectados com Deus e que passaram a buscar esta conexão porque a mesma lhes trouxe alívio e compreensão para o ocorrido, especialmente porque fortaleceu internamente a crença de um reencontro com seus filhos após a morte. Isto ocorreu em maior medida entre aqueles que procuraram ler um pouco mais a respeito da religião espírita e a frequentar centros espíritas. Por outro lado, este não foi um fenômeno comum à toda a amostra. Entrevistei pais que antes de perderem seus filhos já eram muito conectados com a religião e que se decepcionaram com a mesma, ficando revoltados com Deus. Também encontrei entrevistados que ainda oscilam em um conflito de aproximação com a religião na busca de respostas e, ao mesmo tempo, manifestam rejeição a Deus por se sentirem vítimas de um “destino cruel”.

Mas, independentemente de quais crenças religiosas cada um possui, o que ficou visível é que o que traz alívio é o desenvolvimento de algum tipo de crença para tentar dissipar a dor: alguns se tranquilizam quando pensam que "nada é por acaso" e que a vida tem um propósito, ainda que inexplicável e incompreensível. Outros encontram paz na crença que o filho continua vivo, de que ouve o que é dito e que ainda interage com os vivos. A maioria sonha com um reencontro com seu filho falecido e esta crença traz forças para seguir em frente. Para alguns pais, os sonhos representam um real reencontro com o filho e se tornam experiências memoráveis. Alguns descreveram sonhos em que abraçam os seus filhos e reforçam que esta experiência lhes trouxe o conforto de saber que agora eles estão em um lugar tranquilo. Duas entrevistadas contaram a respeito de psicografias que obtiveram de seus filhos através de cartas escritas por médiuns.

### 6.4.2

#### Terapia

Praticamente todos os entrevistados se submeteram a algum tipo de terapia após a perda de seus filhos. Alguns o fizeram espontaneamente, outros foram levados, muitas vezes à força, por familiares. Principalmente no início do processo de luto, a maioria fez uso de anti-depressivos. Muitos declararam que o processo terapêutico foi fundamental no aprendizado da convivência com a dor do luto por representar um espaço onde podiam falar abertamente de sua perda e repetir-se no tema, sem repressões. A questão é que muitos tiveram que interromper a terapia por falta de recursos financeiros e se lamentam bastante por isso. Os que conseguiram permanecer com o tratamento por um tempo prolongado, admitem que se beneficiaram mas, por outro lado, também se ressentiram com a baixa frequência de atendimentos, alegando que encontros semanais não eram suficientes para atender suas necessidades emocionais. Neste sentido, a busca pelas comunidades do Orkut, como descreverei mais adiante, surgiu, em grande parte, em função da procura de um outro espaço complementar, onde pudessem externar seus sentimentos várias vezes ao dia, todos os dias, encontrando “do outro lado” interlocutores que oferecessem atenção, respeito, aconchego e compreensão.

### 6.4.3

#### Trabalho e Passatempos

As expressões "se jogar no trabalho" ou "enfiar a cara no trabalho" apareceram em muitos relatos como uma solução eficiente para provocar esquecimento, mesmo que somente por alguns períodos do dia. Outros disseram que a fórmula consistia em conversar sobre diversos assuntos durante o expediente de forma a provocar uma "auto distração". Dois entrevistados destacaram os estudos como sendo "a tábua salvadora" da depressão. Ainda assim, apesar dos esforços de encontrarem no trabalho e nos estudos uma bóia em alto mar, alguns relataram mudanças na forma de encarar a vida profissional, como a perda de ânimo e energia.

Além do trabalho e dos estudos, alguns pais encontraram nos passatempos uma forma de lidar com a dor. Como exemplos citados, estão os esportes e um maior cuidado com o visual, ler, escrever, dedicar-se a ações de caridade, ir ao cinema, fazer crochê, confeccionar bonecas de pano, praticar jardinagem, fazer palavras cruzadas e cuidar dos animais de estimação deixados pelos filhos.

#### 6.4.4

##### **Falar, falar, falar...**

Falar sobre o filho falecido é uma necessidade gritante. Pude observar ao longo de todas as entrevistas o quanto falar lhes faz bem. Todos disseram que carecem de um espaço onde possam detalhar a personalidade do filho, como foi a sua vida, como transcorreu o período da doença ou como ocorreu o acidente que levou a sua vida. Repetidas vezes. Esta é a palavra chave: repetidas vezes. Eles precisam repetir e repetir. E é a repetição que afasta os interlocutores do mundo *offline*. Embora todos tenham destacado o papel fundamental que um ou dois membros da família exerceram como “escutas”, a maioria se queixou de que, à medida em que o tempo foi passando, eles permaneceram de luto mas os familiares com quem interagem a respeito deste assunto já não os acompanhavam com a intensidade do começo. Muitos se decepcionaram com a falta de capacidade da família em entender que existem tempos diferentes para cada pessoa elaborar o seu luto e se revoltaram com a pressão exercida para retomarem suas vidas. A maioria relatou que sentiu bastante dificuldade de encontrar outras pessoas externas à família que pudessem se interessar por este assunto. Com o passar do tempo, perceberam que os interlocutores que lhes deram os ouvidos durante o período inicial de luto se afastaram porque este tipo de conversa passou a ser “indesejável”.

Muitos pais relataram o quanto precisavam encontrar, desesperadamente, ouvidos atentos que absorvessem todo o seu desabafo. Enquanto Beto procurou - sem sucesso- em sua cidade grupos de encontro de pais enlutados (como se fosse uma espécie de “AA”), Flor, mãe de Pedro, que há cinco anos e nove meses faleceu de uma infecção na garganta, descobriu uma solução para desabafar sobre sua dor sem “cansar” ninguém (termo usado por ela): começou a conversar com

estranhos nas ruas, nas filas de banco ou nos supermercados. Esta busca incessante por alguém que consiga ouvi-los e entendê-los sem demonstração de cansaço, críticas ou julgamentos é a necessidade expressa por todos os demais pais. É este um dos grandes fatores que explica a grande necessidade dos pais enlutados de participarem das comunidades do Orkut, como relatarei mais adiante.

#### 6.4.4.1

##### **Eu preciso contar...**

Apenas para ilustrar a necessidade que estes pais têm de desabafar, apresento a seguir alguns tipos de conteúdos que surgiram ao longo das entrevistas. Notei que muitos pais fizeram questão de relatar com detalhes como transcorreu o período da doença e, somente depois, entraram no tema do falecimento.

Rosanna, por exemplo, revelou que sua vida mudou a partir do conhecimento do diagnóstico e declarou que sentiu dificuldades em encontrar alguém com quem conversar a respeito deste assunto, tudo o que ela mais queria era desabafar com pessoas que pudessem compreendê-la e respeitar o seu momento de confusão e dor.

"Na verdade...nossa vida começa a mudar quando descobrimos a doença, querendo ou não, consciente ou não, lidamos com a morte, o tratamento em si já [já] denuncia algo ruim"

Outros pais manifestaram o desejo espontâneo de darem uma descrição minuciosa do momento exato em que presenciaram a partida de seus filhos. Descreveram os momentos marcantes, os últimos diálogos, a sensação que tiveram ao constatar que o filho havia morrido e o mal estar físico e emocional que os afetou após o primeiro impacto desta realidade. Eles precisavam falar, falar e falar e o espaço dado pela entrevista foi muito bem recebido. Como a proposta da metodologia utilizada era permitir que os pais falassem livremente sobre o tema utilizando um roteiro aberto, algumas entrevistas se prolongaram bastante, chegando a durar duas horas, sendo que uma delas durou três horas.

Lavínia procurou descrever em detalhes como a filha faleceu e como foi o seu último diálogo com ela.

"ela ergueu sua mão [mão] e passou em meu rosto, disse mam e não [não] consegui falar mamãe [mamãe] e se foi, o mundo parou naquele instante [instante], ninguém [ninguém] falava, ninguém [ninguém] andava, só eu chorava, peguei [peguei] minha filha e sai [saí] correndo com ela no colo"

Shirley, mãe de Junior, que há três anos e sete meses faleceu de dengue, quando tinha sete anos, também relatou com riqueza de detalhes seu último momento com o filho. Ela diz que sempre que fecha os olhos para dormir, aquela imagem volta à sua mente, como se tivesse ocorrido hoje.

"ele se sentou na cama e calmamente me chamou para perto e fez como sempre fazia quando queria total atenção, prendeu meu rosto entre suas mãos e disse: mãe eu estou bem, acredita mãe, não chore eu to [estou] bem".

Ruth, mãe de Emily, que há oito anos e seis meses faleceu de um tumor cerebral, quando tinha dois anos e meio, fez um detalhado depoimento ressaltando o quanto foi importante para ela cuidar diretamente de todos os detalhes do funeral. É como se aquele momento representasse a última oportunidade de dar todo o carinho que ela poderia proporcionar à sua filha.

"Eu mesma fui escolher o caixãozinho dela".

Este mesmo sentimento foi compartilhado por Flor, que contou que, logo após o falecimento de Pedro, ela e o marido fizeram questão de dar o último banho no filho. Eles arrumaram o menino como se fosse ir a uma festa, pentearam, passaram perfume e não deixaram que absolutamente ninguém da funerária se aproximasse do corpo. Flor descreveu como ficou com Pedro no colo o máximo que pode.

"fiquei com ele nos braços me despedindo, sabia que nunca mais colocaria meu filho nos braços. E nos braços o levei até a funerária [funerária] e só o tirei de meu colo para colocá-lo [colocá-lo] no caixãozinho".

Mas a necessidade da fala não se concentrou apenas nos relatos sobre a doença ou o momento da morte. Muitos pais fizeram questão de ressaltar as

características pessoais dos filhos, destacando seus atributos positivos. Ada contou que Félix era muito alegre e sonhador, admirava as coisas simples da vida como andar de bicicleta, nadar no rio ou acariciar um cachorro. Vivia intensamente e qualquer coisa o deixava feliz. Cida definiu Sandro como uma criança "super alegre" e "apaixonante". Contou que todos gostavam muito dele, especialmente por ser muito educado e brincalhão. Tamara descreveu Paulo como um menino muito inteligente, que desde os quatro anos, falava que seu sonho era ser escritor e planejava vender seus livros para ajudar no sustento da casa. Além disso, queria aprender a falar italiano e chinês e sonhava em ser jogador de futebol do Palmeiras ou do Corinthians.

## 6.5

### Dores que se somam ao luto

#### 6.5.1

##### A culpa

A dor da culpa se revelou muito nítida entre aqueles casos onde a morte do filho foi repentina.

É o caso de Ada, Cida, Elisa, Flor, Magda, Hortência, Palloma, Rosa, Samira, Shirley e Tamara, que demonstraram em seus relatos o quanto se cobram e se punem pelo ocorrido. As falas de Magda e Elisa retratam bem este aspecto.

Magda sempre ia ao clube com a filha mas, um dia, permitiu que seu marido a levasse. Ele foi praticar esportes e deixou a menina, de apenas dois anos, sozinha na piscina. Apesar de saber que foi seu marido quem teve a falta de atenção, Magda se culpa de maneira enfática por não ter ido junto ao clube.

"se eu a vice [visse] ali afogada eu juro que eu me afogaria junto (...) imagino quantas vezes ela não emergiu gritando mamãe e eu não estava lá pra salva-la [salvá-la] (...) eu deveria estar no lugar dela, eu deveria ter feito algo por ela".

Elisa também sentiu muita culpa quando seu filho faleceu após uma simples operação de adenoide e amígdalas. Ela se martiriza por não saber que seu

filho poderia sofrer uma alergia à anestesia, por ter decidido fazer a operação, por não ter consultado outros médicos.

"Por que não perdi a hora? Quando eu o acordei, pra irmos ao hospital, ele pediu a mamadeira e não podia, precisava estar em jejum, por q [que] não dei a ele? Devia ter levado em outros médicos na capital? Se eu tivesse percebido antes q [que] ele ã [não] respirava, poderia te-lo [tê-lo] salvo?"

### 6.5.2

#### A cobrança “dos outros”

A dor de enfrentar “a pressão da sociedade” foi outra expressão muito recorrente. Os entrevistados explicaram que procuram despistar seus familiares e amigos mostrando que estão se recuperando do luto porque é isso o que é exigido deles, todos os dias. Todos falaram das cobranças que vivem por uma recuperação “rápida”.

Ao descreverem que o maior desafio vem sendo o de vencer a pressão dos outros para “manter as aparências”, muitos pais dizem que só lhe resta desabafar-se consigo mesmos porque os demais não conseguem acolher o seu grito de socorro e querem que sua vida volte a ser como antes. Os entrevistados também disseram que sabem que precisam retomar suas vidas, mas se ressentem com a simplicidade com que as pessoas mencionam isto. E lamentam que os demais não consigam entender isto e que os obriguem a fingir um estado emocional que não é real. Vários comentaram que se sentem coibidos de ser “eles mesmos”, porque nas poucas oportunidades em que tentaram demonstrar o que verdadeiramente sentiam, encontraram rejeição às suas palavras.

Ada, por exemplo, se expressa da seguinte forma:

"A SOCIEDADE TE COBRA UMA CONTINUIDADE, MAS POR DENTRO A FALTA É ENORME, UM BURACO MUITO MUITO IMENSO QUE NADA NEM NINGUEM CONSEGUE PREENCHER (...) ENTÃO COLOCO A MASCARA DE “TUDO BEM”

Magda também fala desta sensação de exclusão:

"que saudade de ser eu mesma (...) me sinto só, sem poder falar o realmente sinto, o que realmente penso da vida, pois a verdade é que ninguém quer saber o que sinto realmente, as pessoas querem apenas que eu diga que consegui, mesmo que isso não seja verdade, o que importa é um mundo de aparências (...) a partir do momento que vc [você] sai [sai] do padrão dito normal da sociedade, vc [você] é privada em viver essa [nessa] sociedade..."

Além da falta de apoio que muitos entrevistados encontraram dentro de suas próprias casas, tiveram que suportar momentos muito difíceis ocasionados pelas chamadas "frases de efeito". Estas frases são repetidas inúmeras vezes por aqueles que procuram consolar o enlutado, mas acabam não percebendo que muitas vezes só contribuem para acentuar ainda mais a tristeza. A maioria dos pais declarou que sente uma necessidade grande de falar sobre o filho falecido, mas prefere encontrar um interlocutor que apenas ouça o relato e dê um carinho físico ou simplesmente diga: "estou aqui ao seu lado". Segundo eles, as palavras, quase sempre, acabam atrapalhando ao invés de ajudar.

Hortência, mãe de Bertha e Natasha, que há cinco anos faleceram em um acidente de carro, quando tinham onze e seis anos respectivamente, comenta:

"por que serem hipócritas [hipócritas]? fiquem caladas e deem [dêem] um abraço [abraço] bem forte que isso consola mais do que quando começam [começam] a abrir a boca".

Ruth usa um termo bem significativo para expressar o seu desejo: "é só deixar a gente contar". Ela usa a palavra "deixar" justamente para enfatizar que os outros "não deixam" o enlutado se desabafar do jeito que precisa: interrompem a conversa, mudam de assunto ou jogam "frases de efeito", pensando que isto trará alívio, mas na realidade, para ela, isso só atrapalha, incomoda e ofende.

São inúmeros os exemplos de frases inconvenientes que muitos pais enlutados já ouviram e que geraram muito sofrimento: conselhos para desfazer-se dos pertences do falecido, insinuar que a morte foi a melhor "saída" para o filho porque ele estava sofrendo (no caso de doenças), considerar que é loucura dos pais continuarem na tristeza, considerar que os pais não devem chorar porque o filho falecido vai sofrer, ameaçar o enlutado de que se ele chorar não vai reencontrar o filho após a morte, dizer ao enlutado que ele não é o único a passar por isto, dizer que "Deus sabe o que faz", dizer que Deus quis assim, comentar

que Deus não dá uma "cruz mais pesada" que aquela que se pode suportar, opinar que o tempo provocará esquecimento, falar que a vida é bonita e que precisa ser vivida, incentivar uma nova gravidez, recomendar que o enlutado se concentre naquelas pessoas que precisam dele, entre outros conselhos que são sempre percebidos como muito dolorosos e inconvenientes.

Flor, por exemplo, ficou enfurecida com as repreensões que recebeu ao chorar continuamente, meses e meses após a perda de seu filho. Ela relatou seus sentimentos em relação a este fato.

"é mentira quando alguém lhe disser que seu choro molha as asas do seu anjo e que assim ele não pode voar e sofre, é MENTIRA. Isto foi o que mais eu escutei e queria matar cada pessoa que me disse isto. Alem [além] da nossa dor ser maior que tudo ainda vem uns sem noção e diz [dizem] para uma mãe que não pode sofrer a morte do filho? Pode sofrer sim".

Lavínia conta que teve vontade de "matar" (termo usado por ela) sua ex-cunhada por invadir um sentimento tão íntimo seu. De imediato cortou relações com ela e até hoje não se falam.

"eu chorava muito por falar de Gabi... essa pessoa me disse que eu estava louca e que minha filha estava sofrendo porque nao [não] deixava ela descansar, que era para eu esquecer ela"

Hortência também lamenta a insensibilidade das pessoas ao afirmarem que esta dor passa, especialmente aquelas que têm filhos e que nunca vivenciaram este tipo de luto. Ela se revolta quando lhe dizem que, após perder duas filhas de uma vez, "tudo vai passar e vai ficar bem". Principalmente quando este tipo de frase é dito por pessoas que têm filhos. Ela então ironiza:

"Como estas pessoas podem saber que tudo "ficará bem" se todos os dias, ao voltarem para casa, encontram seus filhos, beijam seus filhos e colocam seus filhos para dormir?"

Muitas também deram exemplos de frases que "vendem felicidade", mas que, na realidade, só irritam e atrapalham o enlutado. Rosanna se queixa daqueles que a estimulam a abandonar a tristeza como se fosse a coisa mais simples do mundo.

“Minha querida, ja [já] passou, a vida continua e vc [você] esta [está] viva, vc [você] tem que ser feliz!”

Rosanna continua seu relato comentando que acha o cúmulo que lhe digam que precisa aceitar os fatos. Isso é uma coisa que vem de dentro pra fora e não de fora pra dentro. Ela odeia quando alguém lhe diz: "é assim mesmo, você tem que aceitar e seguir a sua vida". E acrescenta que uma das coisas que "a tiram do sério" (termo usado por ela) é o conselho de que ela precisa se arrumar, sair e viver porque a vida continua.

Magda pensa como Rosanna e odeia que lhe digam uma frase que é constantemente repetida: "Não é por que sua filha morreu que sua vida acabou". E argumenta que é exatamente assim como ela se sente. Magda continua exemplificando outros tipos de frase que costuma ouvir, todas com a mesma conotação: "A vida é linda e você precisa levantar a cabeça e aproveitar, pois tudo passa muito rápido, você está perdendo tempo".

Ada não suporta qualquer tipo de estímulo à felicidade. A frase "tente esquecer e levar sua vida adiante" é o que ela mais ouve e o que mais a enfurece. Por mais que ela saiba que algumas pessoas têm boas intenções, ela acha inadmissível este tipo de comentário. Segundo ela, isto a deixa "maluca" porque era o seu filho e não o filho dos outros. Por isso ninguém nunca conseguirá entender a sua dor e nem ter o poder de dizer o que ela deve ou não fazer.

Flor também conta o quanto se sentiu magoada com a insistência das pessoas para engravidar outra vez, alegando que um novo bebê substituiria a falta de Pedro. Por outro lado, Ruth quis "esganar" (termo usado por ela) a pessoa que fez o comentário de que ela não precisava ficar triste porque um dia ainda teria netos (referindo-se às possíveis crianças que seus filhos mais velhos teriam no futuro). E Magda fica boquiaberta ao ver que os outros não entendem que sua filha Valeska é única (termo usado por ela). E exemplifica o quanto fica inconformada quando alguém diz que Deus vai colocar outra criança em seu lugar.

Se por um lado as "frases de efeito" irritam e causam mais sofrimento aos pais enlutados, o silêncio absoluto "do outro" também é mal recebido porque representa um esquecimento, uma negação do falecido, o que gera muita tristeza. Os enlutados buscam o apoio em forma de um silêncio que represente atenção,

compreensão, solidariedade e ouvidos atentos à escuta. Mas não um silêncio que signifique indiferença. É o caso de Karla que não suporta que os outros evitem falar de Cléo. Esta indiferença a magoa profundamente porque fica com a sensação de que ninguém a entende e de que Cléo nunca existiu para estas pessoas. Usando suas palavras, ela não consegue aceitar que "Cléo acabou para o mundo".

Tamara comenta o quanto percebe o incômodo das pessoas em ouvir suas histórias. Ela sente como todos tentam evitar o assunto porque apenas conseguem imaginar superficialmente o que significa a sua dor. Tamara nota o quanto os outros ficam perplexos, constrangidos e sem saber o que dizer.

Cida se ressentida com o fato das pessoas conhecidas "tamparem os ouvidos" (expressão usada por ela) diante de qualquer comentário que remeta à tristeza que ela ainda sente. Seus amigos e familiares têm a tendência de enfatizar com elogios o quanto ela "está se recuperando bem". Mas estes elogios, na realidade, agridem Cida porque ela sente que no fundo ninguém quer saber exatamente como ela está e como ela lida com o assunto. Não a deixam falar sobre sua dor porque logo inserem alguma mensagem de otimismo para registrar que tudo está caminhando muito bem e, imediatamente, a parabenizam por aceitar o que viveu. As "frases de efeito" estão sempre ali, prontas para ofuscarem qualquer manifestação de dor.

## 6.6

### As relações com “os outros”

Diante dos relatos das reações “dos outros”, é de se esperar que as relações entre o enlutado e as pessoas de seu convívio tenham sofrido alterações.

#### 6.6.1

##### Casais mascarados

Como descrevi anteriormente, a pressão da sociedade para que os pais enlutados sejam felizes novamente é o que mais gera revolta nos entrevistados. Todos alegaram que sua tristeza é definitiva, "sem volta atrás". No entanto, se

obrigam a adotar no dia a dia uma postura falsa consigo mesmos para atender às exigências dos outros. Como relatei, o verbo "fingir" foi uma constante em quase todas as entrevistas, enquanto que o termo "máscara" apareceu em três relatos diferentes e a palavra "disfarce" surgiu em um.

No entanto, segundo muitas mães, a cobrança mais dolorosa é aquela que ocorre diariamente, dentro de casa, quando o próprio cônjuge faz a pressão para "tudo voltar ao normal". Quando perguntei aos entrevistados em que medida o luto afetou a relação de casal, sete mulheres disseram que se separaram por não suportarem as cobranças de seus maridos para retomarem suas vidas normalmente já que eles não conseguiram compreender que a tristeza com o ocorrido seria permanente, mesmo após alguns anos da morte do filho.

Um caso de ruptura brusca é o de Karla que vem enfrentando uma intensa pressão do marido para se esquecer da filha. De todos os entrevistados, Karla é a que atravessa o luto mais recente (sua filha faleceu há quatro meses) e foi a que mais se indignou com o fato de os "outros" pensarem que ela estava ficando louca por expressar tanta tristeza pela morte de sua filha. A palavra "loucura" começou a fazer parte do vocabulário da família de Karla sempre que se referiam a ela. Ela conta que, apenas três meses depois da morte de Cléo, seu marido quis fazer um churrasco para os amigos, insistindo que se a filha havia morrido, a vida teria que continuar normalmente. Para ele, se Cléo está morta, precisa ser apagada imediatamente da memória de todos. Karla se recusou a participar do evento considerando que aquele ato representaria um desrespeito à Cléo e a ela mesma. Como o marido a agride permanentemente com ofensas e apresenta indícios de infidelidade, eles estão em processo de separação.

"ele acha que eu tou [estou] ficando louca, que eu tenho que dá [dar] as coisas de Cleo [Cléo], as brigas sempre começa [começam] quando fico depremida [deprimida], ele quer eu feliz sem eu tá [estar]/ ele quer que eu apague tudo como se fosse facil [fácil]"

Dália e Shirley também lamentam muito o distanciamento de seus cônjuges e a falta de diálogo sobre o assunto. Ambas relatam que seus maridos preferem "sofrer sozinhos". Usando suas palavras: "eles choram quando ninguém está vendo". Este isolamento de seus parceiros é muito doloroso para ambas, já que admitem que desejariam compartilhar a dor conversando constantemente

sobre o assunto. O marido de Shirley, inclusive, a proibiu de tocar neste tema com ele. Já Dália conta que a personalidade introvertida do marido só complicou a comunicação entre ambos e que a falta de diálogo os distanciou bastante.

## 6.6.2

### Filhos distanciados

Metade dos entrevistados tem outros filhos além do filho falecido. Algumas mães relatam que se aproximaram ainda mais do outro filho e percebem esta união como sendo muito positiva. É o caso de Iracema, mãe de Liane, que há dezesseis anos faleceu de um tumor nos globos oculares, quando tinha três anos. Desde que Liane faleceu, ela estabeleceu uma conexão muito forte com sua filha mais velha (hoje já adulta) e utiliza a expressão: "me envolvi 100% com ela". Ambas desenvolveram uma amizade muito sólida, fato que lhe trouxe uma sensação de orgulho e "preenchimento" (termo usado por ela). Iracema relata que esta filha era a única coisa que a "tirava da cama" (expressão literal da entrevista). Iracema acrescenta que ela sempre acompanhou muito de perto todos os momentos da filha, suas alegrias, suas tristezas, as dúvidas em sua adolescência e ambas vibravam ou sofriam juntas com cada acontecimento. Ao mesmo tempo em que isto foi extremamente prazeroso, também trouxe muita tristeza no sentido de que ela sempre imaginava como seria se sua caçula também estivesse viva, ali perto, compartilhando com elas todos os acontecimentos, conversas e comemorações.

No entanto, apesar de alguns pais terem mencionado a importância dos outros filhos para continuarem vivendo, foi comum, como descrito anteriormente, encontrar relatos atribuindo um vínculo emocional muito mais profundo com o filho que partiu.

É o caso de Ada que tentou se aproximar mais de seu filho mais velho. Ela percebe o quanto ele ainda sofre com a perda do irmão mas lamenta que ele seja tão fechado. Ela tenta conversar com ele, mas sempre se depara com uma atitude silenciosa e retraída, o que a faz afirmar que o filho falecido era muito mais próximo e, segundo suas palavras, "apegado" à ela.

Assim como Ada, Margoth, mãe de Thelma, que há três anos faleceu de um tumor na pálpebra, quando tinha onze anos, também percebe que seu outro filho se fechou em uma concha difícil de abrir. Ela tenta se aproximar, dialogar, mas raras vezes consegue estabelecer uma conexão porque ele sempre permanece calado. Ela tem a sensação de que perdeu muitos anos de sua vida e que desesperadamente tenta agora recuperar. Ela reconhece que não deu suficiente atenção a ele, por estar sempre ocupada com a filha doente, passando longos períodos no hospital. Hoje em dia ele já é grande e ela tenta resgatar os cuidados de mãe, mas sente que perdeu momentos significativos que nunca mais voltarão.

Magda sente o mesmo e relata com tristeza sua carência e dificuldade de se aproximar de seu outro filho já que ele é muito mais fechado do que a filha falecida. Ela conta que ele não sabe demonstrar sentimentos, não conversa e praticamente "não se faz notar" (termo usado por ela). Se ele está em casa ou não, não faz diferença porque, segundo ela, ele "não se faz presente". Por esta razão, ela usa um termo para definir como se sente: "órfã de filhos".

O mesmo fenômeno aconteceu com Karla. Ela comentou que tem outros dois filhos mais velhos. No entanto, o primogênito não lhe traz nenhuma tranquilidade. Os dois brigam muito, sempre motivados por discussões que o filho inicia, alegando que sua mãe ama muito mais a filha falecida do que ele e o outro irmão. Apesar de ela procurar despistar e dizer que ele não tem razão, ela confessa na entrevista que esta é a mais pura verdade.

"ele fala que eu só amo Cleo [Cléo], de uma certa forma ele tá [está] certo, eu amo Cleo [Cléo] mais que eles e por isso qualquer coisa é motivo p [para] briga".

Embora Karla confesse que o vínculo com sua filha falecida era muito mais estreito, ela admite que seu caçula a ajudou muito. Karla relata que começou a perceber uma carência acentuada em seu filho a partir do aumento das cobranças por mais atenção. E com isso, eles se aproximaram mais. Seu filho começou a estabelecer comparações entre os cuidados que Karla dispensava à filha doente em contraste à ausência que ele sente da mãe em sua vida. Um dia, ele questionou Karla a respeito do fato de a mãe nunca tê-lo levado até a escola e não conhecer a sua professora. Concluiu sua fala com a seguinte pergunta:

"se eu adoecer vc [você] cuida de mim?".

Rosanna também se ressentiu pelo fato de ter se dedicado exclusivamente ao filho doente durante alguns anos. Ela tem outros dois filhos para quem nunca deu muita atenção, já que passou quase quatro anos morando em hospitais. E não se conforma com o fato de ter ficado tão ausente de casa sem ao menos ter conseguido trazer o irmão deles de volta.

Dália disse que após a perda de Marcelo, sua outra filha desenvolveu uma bulimia, está em tratamento psiquiátrico, abandonou a escola e todas as atividades complementares.

Shirley, Flor e Ruth lamentam que, após o falecimento de suas crianças, tenham passado a exercer uma ação super protetora em relação aos demais filhos. Ruth tem consciência que sua atitude é exagerada e sente que vem sufocando (termo usado por ela) seus dois filhos, por medo de que algo aconteça a eles. Ela explica que não os deixa fazer quase nada. Embora seus filhos já tenham vinte e um e dezenove anos, não têm amigos e nem namoradas. Nas raras vezes em que ambos saem de casa, ela imediatamente pensa que eles morreram caso se atrasem para voltar no horário combinado.

Rosa conta o quanto sua filha sofre com a perda do irmão, principalmente por sentir que jamais conseguirá trazer sozinha a felicidade que sua mãe perdeu. Ambas são muito amigas, conversam muito e a filha sempre repete uma frase que a deixa muito triste:

"sei que vc [você] sente falta dele mãe, porque eu nunca vou substituir ele"

## 6.7

### **Isso eu não faço mais**

Quando perguntei aos entrevistados a respeito das mudanças em suas rotinas e o que deixaram de fazer desde que seus filhos faleceram, muitos disseram que deixaram de participar de atividades ou de ter contato com situações que lembram diretamente o filho falecido. Alguns entrevistados mudaram de endereço buscando evitar as recordações dos momentos que ali passaram com seus filhos e outros deixaram de fazer programas que eram prazerosos quando

estavam juntos, como assistir a um programa determinado na TV, ouvir uma música especial de ambos ou fazer um passeio a um local específico, marco da convivência de pai e filho. Outros pais relataram que passaram a evitar a convivência com crianças da mesma faixa etária do filho ou com jovens/ adultos que hoje têm a idade que o filho falecido teria se ainda estivesse vivo.

## 6.8

### Objetos sagrados

Quase todos os entrevistados doaram a maioria dos pertences de seus filhos, mas fizeram questão de preservar os brinquedos ou roupas mais significativos que acabaram se transformando em um ícone sagrado. São objetos que costumam ser revisitados com periodicidade pelos pais e têm "o poder" de intermediar uma conexão mais próxima com seus filhos falecidos. Como exemplos, pode-se citar as roupas que o filho estava usando no dia do falecimento, peças de roupas preferidas, brinquedos preferidos ou travesseiros.

Ruth, por exemplo, qualifica como "tesouro" uma peça de roupa que guardou da filha e que, em ocasiões especiais, faz questão de tocá-la. É a blusa que Emily estava usando no dia em que faleceu. Esta blusa ainda contém fios de cabelo da menina, que estavam caindo em função da quimioterapia.

"de vez em quando eu a tiro de um saquinho onde a guardo e tento sentir o cheiro dela naqueles fios de cabelo".

Elisa também faz o mesmo em relação a algumas peças de roupas que guardou de Enzo.

"Sempre cuido e dou umas cheiradas de vez enquanto [em quando] pra ver se sinto o cheirinho dele".

Dália ainda guarda o travesseiro que Marcelo usava ao falecer.

"ficou com a mancha de suor de sua cabeça, guardo com carinho, tem ainda seu cheirinho".

Mas não apenas os objetos materiais funcionam como poderosas âncoras de recordação. Os animais de estimação dos filhos também. Elisa diz que cuida da cadela que o filho deixou e que ela lhe faz companhia nas horas tristes. Margoth se ocupa com os gatinhos da filha e Shirley fala dos cuidados que tem com o cachorro do filho, ressaltando o quanto ambos eram "grudados".

Somente Rosanna e Diva apresentaram um comportamento diferente e procuraram se desfazer do máximo de lembranças que, para elas, acabavam sendo muito dolorosas. Rosanna decidiu se desapegar de tudo o que era "físico", incluindo o corpo do filho. Ela diz que jogou suas cinzas no rio, lugar que ele mais amava frequentar. E Diva, que doou tudo, resume sua decisão da seguinte maneira:

"Já basta as recordações que levo na memória [memória]".

## **6.9**

### **A entrada na Internet como saída**

Diante do cenário traçado, foi possível compreender o estado emocional destes pais enlutados. Mas por que frequentar as comunidades para pais enlutados na Internet? E como participam?

Os entrevistados declararam que diversificam a forma de participação nestas comunidades: ora escrevem para si mesmos, ora para seus próprios filhos, ora para os demais pais enlutados, respondendo ou comentando questionamentos e, muitas vezes, apenas entram para ler o que está sendo postado. Vamos entender suas razões.

#### **6.9.1**

##### **Razões para participar**

Quando finalmente abordei na entrevista as razões que levam os entrevistados a participarem das comunidades criadas no Orkut para pais enlutados, encontrei inúmeras respostas, mas as mais recorrentes foram: a possibilidade de manter a memória do filho falecido sempre viva, a liberdade de desabafo, o prazer de experimentar a autenticidade dos sentimentos sem a

necessidade de fingir felicidade, a sensação de ser compreendido, a constatação de que existem muitos outros pais vivendo este tipo de dor (e para muitos, a certeza de que o sofrimento vivenciado e a dificuldade de lidar com o luto não significam loucura), a possibilidade de combater a solidão, fazendo amigos que realmente entendem a dimensão da dor e a oportunidade de prestar ajuda a outros pais em situação similar.

Margoth expressa em seu relato o que muitos outros entrevistados também disseram:

"pra amenizar a dor, compartilhar [compartilhar] a dor com outras pessoas, procurar dar uma palavra de consolo... e pra lembrá-la assim como vc [você] tá [está] fazendo agora, fico feliz qdo [quando] alguém [alguém] pergunta dela, posta um comentário [comentário] da foto dela...essas coisas"

Quando perguntei aos entrevistados como descobriram estas comunidades, muitos disseram que fizeram este achado casualmente, numa busca desesperada de leitura a respeito do assunto do luto. Palloma, mãe de Cecília, que há seis meses faleceu repentinamente, vítima de uma bactéria, quando tinha vinte anos, relata que começou a procurar na Internet por outros pais enlutados apenas alguns dias após o falecimento de sua filha. Rosanna teve o mesmo comportamento logo após o falecimento de seu filho. Duas outras mães contaram que procuraram o Orkut quando seus filhos ainda estavam vivos, durante o período de doença, participando de comunidades de crianças vítimas de câncer.

Ironicamente, Cida já participava ativamente de comunidades no Orkut voltadas para mães grávidas até mesmo antes do nascimento de Sandro.

"compartilhei lá [no Orkut] a minha gravidez e também a perda dele".

A seguir, detalho cada uma das razões encontradas como propulsoras da motivação de participar das comunidades.

### 6.9.1.1

#### Não sou o único

A sensação de não ser “o único” a enfrentar este tipo de sofrimento ajuda os entrevistados na elaboração de sua dor. A dor não deixa de existir, mas os participantes relatam que ao verem outros pais em situação similar, acabam aceitando que é preciso aprender a conviver com esta nova situação de vida.

Karla observou pela leitura dos depoimentos de outros pais que a dor não desaparece, apenas passa a fazer parte da vida que precisa, em algum momento, ser retomada. Saber que outros pais conquistaram este aprendizado, deu à Karla a força que ela buscava.

"eu vejo que hoje tem mãe que apesar da dor tá [está] conseguindo ser feliz, que aprendeu viver [a viver] sem o filho que deus levou, aprenderam viver [a viver] com a dor"

A troca de experiências com os demais membros da comunidade traz o alívio de descobrir que não se está só nesta dor. Quando os pais descobrem que muitos outros vivem uma dor similar, muitas vezes atravessando uma situação ainda mais conturbada (como é o caso daqueles que já perderam mais de um filho), a forma de enxergar o problema se altera. Muitos entrevistados disseram que no mundo *offline* é raro encontrar outro pai enlutado com quem conversar sobre algo tão íntimo. Por esta razão, as comunidades de pais enlutados são definidas pelos participantes como um mundo diferente, onde pessoas dos quatro cantos do Brasil falam "a mesma linguagem" e compartilham "o mesmo sofrimento". E são estes pais que "falam o mesmo código" que conseguem transmitir aos outros a melhor forma de lidar com o luto. Somente em função disto, os entrevistados já perceberam uma nítida melhora em si mesmos. Diva expressa por meio deste depoimento o que muitos outros pais também disseram:

"Porque vc [você] passa a ver que não é o unico [único] a sofrer no mundo, que por pior que seja a dor, a gente sobrevive a ela,ela passa a fazer parte de nós, e aprendemos a conviver com ela".

Assim como Diva, Cida também detectou melhoras na intensidade de sua dor quando adquiriu consciência de que não está sozinha.

"O fato de perceber que não estamos sozinhas, que essa dor não é exclusiva sua, ameniza um pouco a dor".

Shirley conta que uma das mães da comunidade reuniu várias fotos de mães enlutadas que participam deste grupo e criou um grande mosaico de imagens, transmitindo a ideia de união entre todas. Sentir que faz parte de um grupo que está unido por uma razão em comum, dá à Shirley o conforto de saber que outros sentem e entendem o seu mesmo tipo de dor.

"Dividir com alguém que te compreende é super confortável. Me sinto melhor quando falo,tenho varias [várias] amigas em comunidades e dá um certo conforto saber que não sou a única,falar com outro igual é confortável [é reconfortante]".

Margoth também corrobora o mesmo pensamento:

"vc [você] não ta [está] sozinha, tem outras pessoas passando o mesmo. "às vezes vc [você] pensa que é só com vc [você] que as coisas acontece [acontecem], mas não é... e vc [você] acaba conhecendo mais pessoas e mais amigos"

Rosanna também fala da questão da identificação com os demais membros:

"é melhor que terapia... Vc [você] não se sente um ET, e ve [vê] que não é uma coitadinha pois somente vc [você] perdeu um filho, te faz ficar longe da autocomiseração, e do alívio de encontrar quem a entende e poder retribuir com suas palavras de apoio".

E complementa seu raciocínio falando do alívio proveniente do ato de compartilhar.

"É imensa a contribuição... Nossa!!! compartilhar esta dor com quem a sente alivia pois somente sabe quem passa..."

Magda também fala da sensação de amparo que encontrou no Orkut.

"Acho que é uma forma de apoio, a gente se sente menos sozinha, ve [vê] que há outras pessoas passando pela mesma dor/ pq [porque] quando acontece com a gente achamos que somente nós sofremos essa dor/ acho que também precisamos falar sobre o assunto, e só quem passou por isso consegue te entender, saber o que realmente sente".

Para Flor, as comunidades do Orkut se transformaram no "local público" mais privado que ela poderia encontrar para expor as suas verdadeiras emoções.

"Nossa, foi minha salvação naquele momento, pois parei minha vida e só tinha contato via net pq [porque] com meus familiares eu queria me mostrar forte, como faço até hoje para não faze-los [fazê-los] sofrer mais e então as minhas fraquezas só confessava na net".

Um fator que contribui intensamente para o bem estar dos enlutados é ler nestas comunidades depoimentos de pessoas que "deram a volta por cima". Quando Lavínia descobriu que, assim como ela, outros também foram para o "fundo do poço", sentiu forças para acreditar que ela também seria capaz de se reerguer.

"de apoio, toda semana faço isso (...) depoimentos de força e coragem, de pessoas que perderam tudo e hoje reconstituiu [reconstituíram] sua família [família] novamente".

#### **6.9.1.2**

##### **A dor que era minha, virou nossa**

A interação entre alguns membros de uma comunidade às vezes se torna tão forte que a rede de apoio e compreensão tornam-se sólidas o suficiente para ocupar um espaço de extrema relevância da vida de alguns enlutados. Muitos relataram que esta sensação de pertencimento a um grupo homogêneo desencadeou o sentimento de que a dor que antes era "só minha" passa a ser "nossa dor". Pais e mães que passam a fazer parte das comunidades virtuais começam a se referir à dor de um membro desse grupo como "nossa dor". Para muitos, a solidão nestas comunidades deixa de existir, mesmo que momentaneamente, e a necessidade de gritar para o mundo o turbilhão de sentimentos se satisfaz através do movimento dos dedos no computador e do olhar fixo na tela, faça chuva ou faça sol, seja dia ou madrugada. Teclados desconhecidos interagem entre si como se fossem amigos íntimos de longa data. O simples fato de terem passado pela mesma experiência de "luto por um filho" representa um passaporte de identificação para um clube privado onde se fala a mesma linguagem, linguagem esta que ninguém mais é capaz de compreender. A

identificação entre os membros de uma comunidade é tão grande e o apoio que passam a dar uns aos outros é tão precioso, que muitos dos contatos que se iniciam virtualmente se complementam com encontros telefônicos ou presenciais, ainda quando os participantes desta rede morem em cidades distantes entre si. Feriados e datas festivas costumam ser dias ansiosamente aguardados para programar viagens de visitas aos amigos do Orkut. Ainda quando o contato presencial não ocorre, em muitos casos as mensagens trocadas no Orkut são complementadas com mensagens por *email* ou diálogos no MSN, várias vezes ao dia.

### 6.9.1.3

#### **Sinto meu filho mais perto**

Muitos explicaram que, quando escrevem mensagens diretamente para seus filhos, encontram uma fórmula perfeita de aproximação, o que conseqüentemente traz um pouco de conforto e alívio. Muitos imaginam que os filhos podem ler as mensagens, portanto fazem uso da segunda pessoa em seus relatos, como se estivessem realmente conversando com eles. Postam muitas fotos dos filhos, geralmente editadas com efeitos especiais no photoshop, acrescentando às imagens frases poéticas ou figuras religiosas. É muito comum editar a foto do filho falecido, colocando-o nos braços de Jesus, por exemplo. Outros editam a imagem do filho falecido, inserindo-o no contexto familiar atual, como se estivesse participando com a família de um passeio, um churrasco, uma ida à praia. Quase sempre, a imagem do filho falecido recebe no photoshop um tom de transparência de forma que sua imagem se diferencie da imagem dos demais membros da fotografia. Muitos entrevistados declararam que também gostam de postar vídeos, fazendo uma montagem com as fotos que mais apreciam de seus filhos e colocando um fundo musical emotivo.

Magda considera que escrever para a filha é um momento sagrado.

"é nesta hora que me rasgo diante dela, que me sinto mais próxima dela. É uma forma de falar com minha filha, de desabafar com ela talvez".

Hortência escreve para suas duas filhas regularmente e sente que se comunica com elas por meio destas mensagens, que qualifica como carinhosas. Se dirige à elas chamando-as de "minhas princesas", ressalta que as amará para sempre e relembra que ambas estarão sempre muito presentes em sua vida.

Dália costuma postar uma série de fotos de seu filho e, em cada uma delas, escreve uma mensagem para ele. Nestas mensagens, ela se refere a ele como "meu grande amor" e lhe pede que, esteja onde estiver, ele receba suas preces.

Tamara conta que escreve alguns poemas e conversas, como se Paulo fosse ler. Shirley faz o mesmo e sente que, ao escrever, conversa com Junior, como se ele a ouvisse. Ela explica que sempre que escreve o que verdadeiramente pensa ou sente, passa a sentir certo alívio. Cida escreve muitas letras de música com se estivesse cantando para Sandro. Margoth escreve para Thelma, expressando, segundo suas palavras: "o quanto gostaria de sentir novamente aquele abraço gostoso que só ela sabia dar, o seu cheirinho, as suas mãos macias em seu rosto, ouvir suas gargalhadas e sentir a sua presença bem de perto". Ela também procura, por meio da escrita, imaginar que a filha está presente em seu dia a dia, acompanhando as suas tarefas cotidianas.

"um dia escrevi até que tinha feito lasanha e que lembrei dela"

Lavínia compartilha a mesma sensação de Margoth e diz que, sempre que escreve nas comunidades, sente que sua filha está ao seu lado, lendo todas as mensagens que ela deixa. Ela imagina a filha "brincando de escrever", mexendo no teclado do computador, toda rabiscada de caneta, ansiosa para ler o recado que a mãe vai postar para ela.

Assim como Lavínia e Margoth, Ada também sente como se seu filho estivesse ao seu lado, lendo com ela as mensagens.

Samira diz que costuma escrever o quanto está com saudades de Raissa e o quanto a ama para que ela sinta que, apesar da distância física, o amor continua o mesmo.

#### 6.9.1.4

##### **Encontrei conselheiros “com aval”**

Mesmo sem forças para si mesmos, os entrevistados muitas vezes conseguem transmitir aos demais pais enlutados algumas palavras de consolo quando interagem nestas comunidades. Por mais que saibam que estas palavras não terão o efeito de fazer a dor desaparecer, são ditas de "pai enlutado para pai enlutado", o que confere ao conselheiro um aval, um poder de solidariedade e uma confiança que ninguém mais pode transmitir. Mesmo que o interlocutor seja um completo estranho e esteja interagindo pela primeira vez na comunidade.

Ada, por exemplo, está sempre atenta a responder as mensagens postadas pelos membros das comunidades que frequenta. Se ela percebe que alguém escreveu algum pensamento triste, algum pedido de ajuda, logo interage com a pessoa, mesmo sem conhecê-la. Já fez muitas amizades virtuais desta forma já que todos apreciam seu apoio e acolhimento. Ela os estimula a seguir em frente, embora ela mesma tenha tido muitas dificuldades para fazê-lo. Margoth procura propagar uma fórmula de consolo que tem funcionado para si mesma. Ela fala para os pais angustiados entregarem o caso nas mãos de Deus e explica que é ele quem está no controle.

Reforçando a percepção de que somente pais em condições similares podem compreender a dor uns dos outros, Shirley fez o seguinte comentário:

"todo grupo de iguais é como falar [o] mesmo idioma"

E Rosanna seguiu a mesma linha se expressando desta maneira:

"é como uma sociedade paralela...um mundo dentro de outro onde somente nos [nós] mães, falamos a mesma língua....brinco que somos uma irmandade...."

Por meio do depoimento de Cida, é possível observar uma mensagem que se repetiu em todas as demais entrevistas, a de que o Orkut representa um dos raros refúgios onde os pais enlutados podem se despir sem temor de revelar seus medos, angústias e decepções com a vida. É como se fosse um espelho, no qual cada um vê a si mesmo da forma como verdadeiramente se sente.

"Compartilhar sentimento com pessoas que passaram pelo mesmo que você faz com que você se sinta mais livre para falar o que você realmente sente, sem medo de julgamentos. Ali todos viveram a mesma situação e sentem o mesmo tipo de dor porém cada um do seu jeito. É justamente o jeito que cada um sente que ajuda o outro a levar a própria dor".

Diva e Rosanna ilustram em seus depoimentos o que muitos outros também disseram:

"pais que não passaram por isso, acham que compreendem, mas muitas vezes acabam falando besteira. Somente quem viveu ou vive essa dor, compreende"

"os demais soltam cada perola [pérola]...cada palavra que revolta"

### 6.9.1.5

#### Encontrei liberdade para ser autêntico

Os entrevistados relataram dois grandes benefícios da escrita. O primeiro seria o desabafo que, como consequência, traz alívio imediato. O segundo, seria a sensação de se sentirem úteis, na medida em que estão ajudando outros pais em situação similar. Muitos disseram que embora se sintam tristes e também fragilizados pela dor do seu próprio luto, quando escrevem encontram dentro de si uma força para apoiar os demais. Alguns disseram que, ao escrever para os outros pais, sentem que também estão escrevendo para si mesmos. Isto os ajuda a enxergar os seus próprios problemas desde uma outra perspectiva.

A outra grande vantagem percebida pelos entrevistados é a liberdade de expressão. Estes pais declaram que se soltam completamente em seus textos, abusando das letras maiúsculas, dos pontos de exclamação e de interrogação e, até mesmo, dos palavrões. Eles sentem que não existe censura do outro lado da tela, pelo contrário, somente compreensão. Outra enorme vantagem detectada é o da possibilidade da repetição. Os entrevistados disseram que sentem-se livres para repetir-se em seus textos, dia após dia, em qualquer momento, em qualquer situação. Diferente do que ocorre no ambiente *offline*, onde geralmente são percebidos como “chatos” porque seu restrito círculo de familiares e amigos já ouviram os relatos detalhados sobre o filho falecido inúmeras vezes e se recusam a dar continuidade ao assunto, no espaço *online* os pais enlutados se sentem

completamente livres para escrever textos e mais textos sobre o tema, sem temor de críticas ou de que venham a gerar desagrado “no outro”. Muito pelo contrário, “o outro” está sempre atento, dando permanente apoio a toda e qualquer repetição que venha a surgir. Pela manhã é possível conversar sobre o tema com um dos membros, à tarde voltar a tocar no mesmo assunto e, de madrugada, repetir-se com um terceiro desconhecido. A partir da repetição exaustiva, os pais enlutados conseguem elaborar melhor suas ideias, organizar com maior clareza seus pensamentos, amansar a tempestade de seus sentimentos e dar vazão à angústia ardente de querer desabafar. Para eles, é de extrema importância manter viva a memória do filho falecido. Por esta razão, nada mais prazeroso para estes pais do que responder às perguntas feitas pelos demais membros, especialmente se estão relacionadas à curiosidade de saber o nome do filho, como ele faleceu, como ele era. Geralmente, nestas comunidades, são abertos tópicos de discussão específicos para quem sentir vontade de participar e, muitos deles, contém perguntas referentes ao nome do filho falecido e causa da morte. Importante ressaltar que a terminologia “anjo” ou “anjinho” é utilizada por quase todos os membros destas comunidades. Percebi ao longo das entrevistas que quando os pais usam este termo, atribuem aos seus filhos falecidos uma espécie de homenagem, santificando-os, valorizando-os e colocando-os em um lugar de paz, onde estão abençoados e protegidos por uma força maior. O termo “anjo” ou “anjinho” também atribui ao filho falecido o poder de permanecer ao lado de seus pais já que, no imaginário coletivo, os anjos possuem “poderes especiais” de deslocamento, seja de aparição, transmissão de mensagens ou ajuda divina.

#### **6.9.1.6**

##### **Meu sofrimento pode ser compartilhado**

Sempre que os entrevistados decidem escrever alguma coisa nestas comunidades, recebem uma ou várias respostas de outros pais. Estas respostas têm, quase sempre, relação com alguma mensagem de apoio, cumplicidade e solidariedade. Os entrevistados disseram que se sentem emocionados, apoiados, aliviados e mais reconfortados por encontrarem alguém que de fato os entende. Flor expressa pela sua fala uma sensação reportada por todos os demais:

"no começo me achava a dona de toda dor do mundo e hoje vejo que a coisa não é bem assim que este sofrimento não é apenas meu".

### 6.9.1.7

#### Fortaleci relacionamentos

Como relatei anteriormente, a troca de mensagens entre os pais destas comunidades acaba, muitas vezes, ultrapassando as barreiras do Orkut, migrando para troca de *emails*, conversas mais longas pelo MSN, telefone e encontros presenciais. Rosa conta um episódio interessante de quando foi reconhecida na rua por uma amiga da comunidade.

"quando fui à sorocaba [Sorocaba] fazer revisão sabe que uma mãe me reconheceu e veio falar comigo fiquei boba por uma foto ela me reconhecer lá [lá]"

### 6.9.1.8

#### Posso ser útil

Em muitos casos, segundo os entrevistados, algumas vidas são salvas. Magda conta que certa vez passou três horas seguidas teclando durante a madrugada com uma mãe enlutada que ela desconhecia. No dia seguinte a esta conversa, recebeu uma mensagem desta mãe agradecendo a sua atenção e dizendo que se não fosse por aquela interação entre ambas naquela noite, ela teria se suicidado naquele instante. Já havia inclusive tomado as providências de planejamento de sua própria morte mas antes de cometer o ato, tinha decidido entrar no Orkut em busca de alguém com quem pudesse dividir suas últimas palavras de desespero. Rosanna relata que também ajudou uma amiga virtual do Orkut a atravessar uma fase crítica, evitando inclusive um divórcio. Por esta razão classifica este processo de "terapêutico":

“a troca é muito saudável, rimos choramos....fazemos orcontro [termo inventado para designar encontro no Orkut]...(...) o esposo dela me fala que nossa convivência [convivência] salvou a vida deles (...) se qualquer psicólogo, psiquiatra, psicanalista, psicoterapeuta, dissesse o que eu disse, ela daria na cara deles rsrs ela estava muito agressiva....e teria abandonado a terapia, por isso as redes sociais, blogs, grupos ajudam mais que terapia entende?"

Similar ao relato de Magda, Rosanna acrescenta que também evitou que muitas mães cometessem suicídio:

"conheci varias maezinhas [mãezinhas] que falavam em suicídio, eu falei com elas, cheguei a brigar, desafiei o amor que elas sentiam por seus filhos mortos, e elas reagiram, por eles elas reagiram..."

## 6.10

### Meu conselho é...

Quando perguntei se os participantes gostariam de deixar uma mensagem final para outros pais enlutados que um dia talvez pudessem vir a ler esta tese, encontrei palavras de apoio, alento e esperança. De forma unânime, todos recomendariam aos pais enlutados que ainda não conhecem estas comunidades que frequentem este tipo de espaço.

Aqueles entrevistados mais religiosos e mais conectados a Deus acharam importante ressaltar que, se assim foi a vontade de Deus, é preciso respeitá-la. E fazem uma conexão direta com a felicidade de seus filhos, através da seguinte equação: "Deus é bom = Deus quis assim = é melhor para meu filho". Estas mensagens foram dadas até mesmo por quem criticou este tipo de conteúdo quando mencionou "as frases de efeito" ditas por terceiros. Mas é justamente aí que observo a diferença entre a interação que se dá com pessoas "comuns" e entre pais enlutados. Quando este tipo de mensagem é dado por alguém que não passou por isso, é recebida pelo pai enlutado com desdém e rejeição. Mas quando a mensagem vem de um outro pai enlutado, ela automaticamente recebe a chancela de autenticidade, já que provém de alguém com autoridade para entender o que está dizendo. Por esta razão, Rosanna se sente muito à vontade para dar os seus conselhos.

"Não percam sua fé, vejam em Deus um aliado, e tente [tentem] ver de forma passageira este processo, nossa finitude é nosso maior consolo, um dia todos iremos, e estaremos juntos, e saberemos os porquês".

Assim como Rosanna, Elisa também incentiva o agradecimento a Deus, pensando nos bons anos vividos com o filho falecido.

"Que se apenquem [apeguem] em Deus, agradeçam por um dia ter [terem] tido esse filho(a) junto de si (...) por ter [terem] tido a experiência [experiência] maravilhosa de ser mãe".

Elisa continuou o seu pensamento usando a expressão "viver um dia de cada vez" e aconselhou os pais a não questionarem as razões para isto ter ocorrido.

"eu diria que cada um sente a dor de uma forma diferente, que cada um tem q [que] viver seu luto á [à] sua maneira, viver um dia de cada vez, não se perguntar por q [porque] tudo aconteceu, só Deus sabe o por q [porque] das coisas".

Finalmente, Elisa falou que cada filho é insubstituível, mas enfatizou a importância dos pais darem atenção aos filhos que ficaram e se abrirem para uma nova possibilidade de gravidez.

"Se tem outros filhos, saibam dar amor pra eles tanto quando pro q [que] partiu, q [que] eles são tão importantes na sua vida e q [que] devem ser amados igualmente, pra quem tenta ter outros filhos saibam q [que] jamais vão substituir o q [que] partiu, será outro, mas não tomará em hipótese [hipótese] alguma o seu lugar, cada filho tem um lugar no coração de uma mãe de um pai".

Elisa continuou sua fala, ressaltando a importância de cada pai enlutado fazer aquilo que mais lhe traga conforto, independente da opinião de terceiros.

"Que cada um faça aquilo q [que] lhe aminiza [ameniza] a dor, seja se desazer [desfazer] das roupas, objetos dos filhos, esconder fotos, ou seja guardar e ver, cheirar como eu faço, pra mim faz bem, pra outros pode não fazer (...) cada um tem q [que] saber o q [que] é melhor pra si e q [que] não adianta os outros falarem o q [que] é melhor ou não, só vc [você] saberá "

Finalmente, Eliane concluiu com a seguinte frase:

"Na lápide do meu filho coloquei a seguinte frase: A dor de te-lo [tê-lo] perdido, não é maior q [que] a alegria de te-lo [tê-lo] conhecido".

Assim como Elisa, Diva também recomendou que os pais vivam um dia de cada vez e que chorem sempre quando sentirem vontade.

"Para viverem um dia de cada vez, chorarem quando tiver vontade, falar quando quiser falar, dar tempo ao tempo. Mas aos poucos ir retomando a vida, fazer atividades que distraiam e que vai te fazer sobreviver aquele dia".

Hortência parte do mesmo princípio que Elisa ao afirmar que não se deve questionar o que ocorreu.

"Não tente saber o PORQUE [PORQUÊ]? Deus tem um propósito [propósito] na vida de cada um, pergunte pra ele qual é o seu?"

Flor transmitiu uma mensagem bastante similar à de Diva e Elisa. Sinalizou que a dor do luto vai sempre permanecer presente, mas que é possível seguir em frente, aprendendo a dar um passo de cada vez. Ela desmistifica a crença dita por terceiros de que é "proibido chorar porque isto fará mal à criança falecida" e incentiva os pais enlutados a expressarem sua dor, sem reprimir o choro porque acredita que os filhos falecidos apenas terão acesso às suas alegrias.

"Eu diria que a dor vai continuar ali latente eternamente, mas que dá para ir matando um leão por dia continuar a viver. Que a vida perde a cor mas que foto preta e branca tb [também] é bonita e vale a pena continuar para levarmos o história [história] do seu anjo pra frente".

Flor acrescenta um último conselho: que pais enlutados não se resistam a ter outros filhos.

"E um conselho que dou para as mães que ainda podem ter outros filhos que o tenham pq [porque] é bom demais sentir cheirinho de gente nova em casa que vai tomar todo o seu tempo e te mostrar que vc [você] é essencial para aquele ser. Eu amei ser mãe novamente".

Cida incentiva os pais a pensarem nos conselhos que dariam aos seus próprios filhos falecidos se eles estivessem vivendo esta situação. Se a situação fosse inversa (se os pais tivessem falecido), eles diriam para os filhos não desistirem. Então ela sugere que os pais façam o mesmo.

"Que não desistam nunca da vida! Nós somos autores do livro das nossas vidas e precisamos escrevê-lo até o fim (...) jamais diríamos para eles desistirem [desistirem] diante um grande obstáculo. Então, façamos o mesmo. Lutemos até o último minuto pelo direito de sermos felizes, mesmo que não mais por completo mas seremos o máximo que nós mesmos vamos nos permitir".

Iracema recomenda calma, sugere a diminuição das expectativas de que esta dor termine e aconselha que os pais tenham pouca preocupação com o que os demais possam pensar, dizer ou julgar. Ela finaliza transmitindo a esperança de que a dor não tem fim mas que a ferida pode ser cicatrizada.

Lavínia também fala de uma dor que nunca passa, mas tranquiliza os demais pais dizendo que, de vez em quando, esta dor adormece.

"Muita força, essa dor ela nunca vai parar e nem acabar ela simplesmente vai adormecer,mas a saudade ela vai ser pra sempre, filhos virao[virão] mas o espaço daquele nunca será substituído [substituído]".

Samira também foi bem realista falando de uma dor que não vai passar. Mas incentiva os pais a acreditarem que a vida lhes brindará com alguma outra alegria e razão para viver. Ela diz que o caminho é buscar um motivo para se levantar todas as manhãs da cama e seguir em frente com a vida.

Shirley e Karla não conseguiram ser otimistas na mensagem final. Apenas voltaram a repetir o que disseram ao longo de suas respectivas entrevistas: a dor de quem perde um filho não tem fim. Karla fala da intensidade da dor e diz que é preciso aprender a conviver com esta nova realidade.

"que é uma dor horrível [horrível],que de uma hora p [para] outra o colorido da vida acaba e tudo fica preto e branco,mas se a genta [gente] aprendeu [a] amar tem que aprender [a] viver".

Ada até que tentou, mas não conseguiu deixar nenhuma mensagem aos outros pais enlutados porque disse que para fazer isto teria que vestir uma de suas "máscaras de otimismo". E conclui que isto não será necessário porque quem passa por isto sabe exatamente como ela se sente.

## 6.11

### Despedida

Quando informei que havíamos chegado ao fim da entrevista e agradei aos entrevistados por terem concedido o seu tempo, muitos também me deram uma resposta de agradecimento. Explicaram que o fato de alguém ter se disposto a

ouvi-los atentamente por algumas horas representou um momento de grande satisfação. Margoth encerrou sua fala dizendo:

"Eu que agradeço, adoro falar sobre minha filha....."

Karla agradeceu da seguinte maneira.

"eu que agradeço [agradeço] pois sempre [sempre] que falo de Cléo[Cléo] me sinto melhor depois".

Lavinia também expressou o quanto ficou contente em falar da filha.

"eu que agradeço Betty, é um carinho falar de Gyna e tenho certeza que ela esta [está] sorrindo pra vc [você] e com seus lapis [lápiz] colorido nas maos [mãos] tentando riscar o seu livro [se referindo ao trabalho da tese de Doutorado]".

Finalmente, Magda se despediu da seguinte forma:

"Obrigada por me ouvir, sem fazer julgamentos".

## 7

### Discussão

*Aqueles que partiram  
Já não voltaram jamais  
Recordo que tenho saudades  
De algo que perdi  
Carícias e beijos  
Que eu vi partir  
[...]*

*A vida não é a mesma  
Se já não está aqui*

Diego Torres

Início este capítulo compartilhando um texto cujo conteúdo tem a capacidade de condensar como os entrevistados da pesquisa se sentem. Embora este depoimento não tenha sido dado por um participante da minha pesquisa, apresenta similaridades muito relevantes e a capacidade de sintetizar sentimentos diversos em um único parágrafo. Foi escrito por uma mãe que perdeu o seu filho, que o postou na comunidade “Dor é perder um filho” (<http://www.orkut.co.in/Main#CommMsgs?cmm=18786781&tid=5792987009584761540>). Não foram feitas alterações gramaticais ou no tipo de fonte:

#### “PEDIDOS SIMPLES DE MÃE ENLUTADA

Eu desejo que você não tenha medo de falar o nome do meu filho perto de mim. Meu filho foi e sempre será importante e eu preciso ouvir o nome dele. Se eu chorar ou me emocionar pode conversar sobre isso (...) Vou ter altos e baixos emocionais (...) Meu humor se tornou instável e imprevisível, da alegria ao desespero, e é tão imprevisível para mim, como para você. Isso faz parte da minha nova vida "normal". Eu queria que você soubesse que A PERDA DE UM FILHO É DIFERENTE DE OUTRAS PERDAS e deve ser visto em separado. É A MAIOR TRAGÉDIA NA VIDA DE UM SER HUMANO... Eu queria que NÃO A COMPARASSE COM A PERDA DE UM PAI, UMA MÃE, UM AVÔ, UMA AVÓ, UM TIO, UMA TIA, UM CÔNJUGE OU UM ANIMAL DE ESTIMAÇÃO... (...) Depressão, raiva, frustração, desesperança e questionamento de valores e crenças são esperadas após a partida de um filho que foi, é e sempre

será muito amado (...) Por favor, não ache que exista um "período de tempo" e eu me torno uma mãe "ex-enlutada" (...) Por favor, não diga como eu deveria lidar com minha dor ou que "é hora de seguir em frente" ou "um dia haverá a superação deste sofrimento". A palavra "superação" é um termo de mídia, moda, que é absolutamente sem sentido para nós (...) Aniversário do filho, aniversário de morte (dolorosa palavra) e feriados são tempos terríveis para nós. (...) Eu quero que você entenda que o luto muda as pessoas. Eu não sou a mesma pessoa que era antes do meu filho partir e eu nunca mais serei essa pessoa novamente. Se você continuar esperando e me incentivando a "voltar para o meu velho eu", você vai se decepcionar. Eu sou uma nova criatura (...) Por favor, tente me conhecer de novo... Talvez você ainda goste de mim..."

Enumero, a seguir, algumas considerações que me parecem importantes destacar nesta discussão.

Primeira consideração: Na percepção dos pais enlutados, o luto por um filho é o mais difícil de todos; Segunda consideração: O tempo de recuperação do luto por um filho é demorado; Terceira consideração: Os pais enlutados conseguem elaborar o luto, mas a intensidade da dor os faz pensar que nunca conseguirão; Quarta consideração: Os pais enlutados precisam desabafar para expressar o tamanho de sua dor; Quinta consideração: Os pais enlutados encontram nas comunidades virtuais um espaço para desabafar e sentir apoio.

## 7.1

### **Primeira consideração: Na percepção dos pais enlutados, o luto por um filho é o mais difícil de todos**

Como mencionei no capítulo 2, Vovelle (1991) afirma que a morte de um filho é a mais intolerável de todas, representando uma tragédia para os pais. Freitas (2000) sustenta que este tipo de morte expõe o ser humano à própria impotência e, tanto Viorst (1988) quanto Young e Papadatou (1997) declaram que é uma das perdas mais devastadoras que o indivíduo pode vivenciar. A seguir, apresentarei fragmentos de minha pesquisa que respaldam estas afirmações.

### 7.1.1

#### **É o luto mais difícil de todos porque a sociedade atual determina que o filho é o membro mais importante de uma família**

Bem diferente do que acontecia na Idade Média, quando as mães muitas vezes rejeitavam seus filhos, na nossa sociedade atual, existe uma conexão entre os papéis "impostos" ao gênero feminino, "ser-mulher" e "ser-mãe", que se entrelaçam fazendo as mulheres desenvolverem a crença de que a maternidade é o seu destino natural e o acontecimento mais importante do mundo (Badinter, 1985; Monticelli, 1997; Szapiro & Féres-Carneiro, 2002; Costa, 2004). Collet (2005) reforça esta teoria ao falar de uma tendência que se fortaleceu nos últimos anos chamada "New Momism" que indica que uma mãe deve devotar integralmente seu físico e sua mente ao seu filho. Assim sendo, diante deste contexto social e cultural do século XXI, e do papel cada vez mais participativo do homem no papel de pai, é fácil entender que, quando os pais perdem um filho, sentem como se tivessem perdido a importância de suas próprias vidas.

### 7.1.2

#### **É o luto mais difícil de todos e por isso sequer tem nome**

Ao perder uma mãe ou um pai, fica-se órfão. Ao perder um marido ou esposa, vira-se viúvo (a), mas ao perder um filho, não se encontra um nome para classificar este tipo de luto. Observei em minhas entrevistas que muitos participantes fizeram alusão a esta comparação, alegando que este tipo de morte é tão inesperado e tão doloroso que sequer existe um nome para defini-lo. Esta percepção coincide com a visão de Roitman, Armus e Szwarc (2002).

Desta forma, diante de uma dor tão avassaladora e "inominável", o luto se instala como "identidade". Em seu livro "lamento por um filho", Wolterstorff (1987), um pai enlutado, abre o primeiro parágrafo falando justamente desta sensação. O autor conta que quando perguntam a ele, "quem é você?", ele se apresenta dizendo: "sou uma pessoa que perdeu o filho".

“that loss determines my identity”.  
Essa perda determina a minha identidade.  
(Wolterstorff, 1987, página 6)

Este fato pode explicar porque os pais se sentem tão bem frequentando as comunidades do Orkut. Buscam alguém que os reconheça, os compreenda e os respeite diante desta “nova identidade”.

A frase de Shirley, uma de minhas entrevistadas, ilustra esta sensação prazerosa de encontrar outros membros que reconhecem sua identidade.

"todo grupo de iguais é como falar [o] mesmo idioma"

Rosanna expressa a mesma observação:

"é como uma sociedade paralela...um mundo dentro de outro onde somente nos [nós] mães, falamos a mesma língua....brinco que somos uma irmandade...."

### 7.1.3

#### **É o luto mais difícil de todos porque subverte a ordem natural da vida**

Reza uma antiga lenda que, certa vez, um rei, transbordante de felicidade pelo nascimento do seu primeiro neto, convidou todos os poetas, gurus e magos do reino para escreverem em um livro de ouro seus bons desejos para a criança. Um velho sábio escreveu a seguinte frase: "Morre o avô, morre o pai, morre o filho...". O rei, enfurecido, mandou prendê-lo no calabouço. A caminho da prisão, o sábio explicou o significado de sua mensagem:

- "Majestade, qual é a maior tristeza de um avô? Não é, por ventura, ver morrer seu filho e seu neto? Qual é a maior tristeza de um pai? Não é, por acaso, ver morrer o filho? Ah! Quanto eles não dariam para poder trocar de lugar com os filhos e netos mortos. Felicidade é morrer na ordem certa: "Morre primeiro o avô, depois morre o pai, e somente depois, morre o filho...". Ouvindo isso, o rei agradeceu a benção e beijou as mãos do sábio.

Esta lenda nos revela que o luto por um filho é diferente de todos os demais porque subverte a ordem natural da vida. Como afirma Kóvacs (1992), a

dor da morte de um filho é muito mais intensa do que qualquer outro tipo de morte porque não respeita uma sequência coerente: primeiro falecem os pais, somente depois, os filhos. Como sinalizei no capítulo 2, Freitas (2000), Young e Papadatou (1997) e Walsh e McGoldrick (1998) complementam este raciocínio, indicando que a morte de um filho ocasiona a quebra do ciclo evolutivo e, por esta razão, o futuro, tanto do filho falecido, quanto dos pais que ficam, sofre uma interrupção abrupta e cruel.

Pude observar claramente este lamento entre os meus entrevistados por não poderem ver seus filhos realizando os sonhos da juventude e da vida adulta, por não saberem como seriam, que personalidades teriam e o que poderiam fazer se continuassem vivos. Ada resume bem a fala de todos os participantes desta pesquisa.

“EU FICO IMAGINANDO COMO ELE SERIA, SE ELE TERIA CONTINUADO DOCE E AMAVEL [amável], COMO SERIA COMO ADOLESCENTE, QUE PROFISSÃO ELE TERIA, QUE CARRO ELE IA GOSTAR, SERÁ QUE ELE IA FAZER UMA TATUAGEM?” (Ada, mãe de Félix, que há dois anos faleceu em um acidente de carro quando tinha nove anos).

#### 7.1.4

#### **É o luto mais difícil de todos porque, de tão forte, gera intensa sensação de dor, não apenas emocional, mas física**

Como mencionei no capítulo 2, Walsh e McGoldrick (1998) consideram que a morte de um filho é vivenciada pelos pais como uma “perda de um pedaço” de si mesmos. Esta percepção também é corroborada por Viorst (1988) e Worden (1998). Encontrei esta constatação com muita clareza em todas as minhas entrevistas, quando os participantes sinalizaram o quanto se sentem "mortos" ou com partes de si "amputadas". A dor emocional é tão forte que chega a ser física.

"essa perda representou parcialmente na minha morte (...) senti como se um pedaço de mim tivesse que ser amputado" (Cida, mãe de Sandro, que há seis meses faleceu de parada cardio-respiratória após uma cirurgia de hérnia umbilical quando tinha 2 anos e 11 meses).

"No peito a sensação que eu tinha é que existia um buraco e meu coração sangrando, jorrando sangue sem parar. Psicologicamente a sensação é como cair num poço escuro, que se vai rolando, girando sem parar" (Tamara, mãe de Paulo, que há 9 anos faleceu atropelado quando tinha 7 anos).

Rebello (2005) observa que, independentemente da idade do filho no momento da sua morte, estas sensações de luto experimentadas pelo pai são muito semelhantes, fato que constatei em minha pesquisa.

### 7.1.5

#### **É o luto mais difícil de todos e por isso gera o desejo de morrer**

Se na Idade Média os pais cometiam o infanticídio com naturalidade, hoje muitos sentem o desejo de cometer suicídio se perdem um filho, principalmente nos estágios iniciais do luto.

Freitas (2000) sustenta que, diante da morte de seu filho, a mãe sente uma vontade irresistível de reencontrar o filho perdido e pode desejar morrer pela dificuldade de suportar a vida e enfrentar essa dura realidade. Viorst (1998) sinaliza que os pais têm uma sensação de fracasso, até mesmo de pecado, só pelo fato de continuarem a viver depois da morte de um filho. Muitos de meus entrevistados declararam que a ideia de suicídio passou por suas mentes, especialmente no momento inicial do luto, mas desistiram pensando nos demais membros da família.

"pensei em fazer uma besteira, ir com ela... mas eu ainda tinha o Lucas, meu marido, minha família" (Margoth, mãe de Thelma, que há três anos faleceu de um tumor na pálpebra, quando tinha 11 anos).

## 7.2

### **Segunda consideração: O tempo de recuperação do luto por um filho é demorado**

Observei através dos relatos de meus entrevistados a manifestação de muitas características coincidentes com as descrições feitas por Bowlby (1981), Worden (1998), Kübler-Ross (2000), Stearns (1990) e Bromberg (2000) a respeito das fases de luto, especialmente as iniciais, marcadas por uma sensação de descrença, choque e entorpecimento e, posteriormente, revolta e intenso sofrimento psíquico. No entanto, em relação à última fase ou "tarefa", caracterizada por períodos de reorganização, aceitação e recuperação, percebi que,

embora os pais enlutados possam alcançar esta última fase com sucesso, retomando suas atividades e abrindo-se para novas relações, a dor da perda ainda se manifesta de forma intensa, cíclica e imprevisível. A dor pode até ser compreendida, amadurecida e trabalhada, mas é instável e retorna com força em períodos marcados por datas memoráveis. Esta consideração está em linha com o que Walsh e McGoldrick (1998) afirmam: cada feriado ou data significativa desencadeia com mais força a dor da perda do ser amado (1998), revelando que o luto não é um processo que se desenvolve de forma linear. Embora as “reações de aniversário”, descritas por Cassorla (1998) ou Rando (1993) ocorram de forma intensa nas datas comemorativas, as pontadas de dor podem surgir com intensidade, em outros momentos sem aparente significado, ou seja, quando menos se espera. Sanders (1999) reforça este pensamento e alega que as regressões à dor intensa são inevitáveis num processo de luto. Até mesmo quando o enlutado já realizou um percurso pelas fases iniciais, pode em um dado momento regredir a estágios anteriores. Como disseram os entrevistados, é uma dor “traíçoeira” porque volta para atacar quando menos se espera.

Concordo com Parkes (1998) quando este faz um alerta importante a respeito do risco de se categorizar os enlutados em fases através de conceitos rígidos já que, segundo afirma, o luto não é o conjunto de manifestações que começam após uma perda e, então, gradualmente desaparecem. Envolve uma sucessão de quadros clínicos que se mesclam e se alternam. Assim sendo, deve-se tomar a precaução de não tirar conclusões definitivas a respeito das fases do luto, já que existem muitas diferenças entre as pessoas e cada uma pode vivenciá-las de forma peculiar. O que pude concluir é que, tratando-se do luto de pais por filhos, é impossível generalizar os diferentes modos de expressão e elaboração desse sentimento ou o tempo de duração de cada fase, sendo que elas podem se alternar entre si.

Meus resultados também estão em linha com Kóvac (1992) que afirma que a perda de uma pessoa é manifestada de maneira diferente por cada um e, portanto, supõe um sentimento e tempo único que varia de indivíduo para indivíduo. As minhas conclusões coincidem igualmente com a teoria de Kaplan & Sadock (1996) que afirmam que as manifestações de luto por um filho podem permanecer durante toda a vida.

A psicóloga Éster Affini, especializada no atendimento de pais enlutados, também afirma que “perder um filho é o maior stress que o ser humano pode passar. “Não dá para dizer quanto dura esse luto, ele pode ser eterno” ([http://www.istoe.com.br/reportagens/62181\\_MAES+ORFAS](http://www.istoe.com.br/reportagens/62181_MAES+ORFAS)).

A antropóloga Renate Viertler declara que “a recuperação leva muito tempo” e, por parte dos outros, as “frases de efeito” marcadas por otimismo proliferam. Exige-se que as pessoas enlutadas cumpram regras, horários e cargas de trabalho que não têm condições de suportar” (<http://www.genismo.com/psicologiatexto29.htm>).

Em um *blog* de uma mãe enlutada encontrei dizeres que corroboram esta percepção: (<http://araretamaumamulher.blogs.sapo.pt/tag/morte+de+um+filho>)

“Reaja!”, “Seja forte!”, “Não fale mais no assunto!”, “Aprenda uma lição com sua dor!”, “Não fique paralisado pela dor!” “Enfrente!”, são imperativos ouvidos a toda hora e só posso aqui dar meu testemunho de como essas frases me incomodavam. Portanto, nada de fórmulas, ou de dizer como alguém deve reagir... ou fazer... ou dizer... Aliás, não há muito o que dizer. Aliás, não há nada o que dizer.

“Há uma cobrança diante do luto estrondosa no que diz respeito ao tempo. “Você ainda está chorando deste jeito”; ou: “não chore, pois seu filho vai sofrer ainda mais”... Parece que só nessas horas aprendemos o que não dizer a alguém que perde um filho. Há um jogo social no sentido de quererem lhe empurrar goela abaixo uma fórmula, que não há; há de ser reinventada caso a caso”.

Luciana Mazorra, psicóloga clínica e professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo faz uma declaração que também segue esta linha de raciocínio:

“A dor não passa jamais (...) emocional e fisicamente, é como se ela fosse mudando de lugar e machucando a mãe em espaços diversos.” ([http://www.istoe.com.br/reportagens/62181\\_MAES+ORFAS](http://www.istoe.com.br/reportagens/62181_MAES+ORFAS)).

Nos relatos de todos os participantes de minha pesquisa, sem exceção, independente do tempo de luto, pude comprovar que a dor ainda persiste: forte, dilacerante, cruel. Para ilustrar este fato, cito Margoth, uma de minhas entrevistadas, que resume o que todos os demais disseram:

"à medida que o tempo passa as pessoas dizem que fica mais fácil essa dor... fica muito mais difícil [difícil], a saudade só aumenta" (Margoth, mãe de Thelma, que há 3 anos faleceu de um tumor na pálpebra, quando tinha 11 anos).

### 7.3

#### **Terceira consideração: Os pais enlutados conseguem elaborar o luto, mas a intensidade da dor os faz pensar que nunca conseguirão**

O que me chamou a atenção nas falas dos pais enlutados é que, embora na prática já tenham retomado sua rotina de vida (com exceção de duas pessoas cujos lutos são os mais recentes), todos se recusam a afirmar que o luto foi elaborado. É unânime a necessidade de “gritar” para o mundo que sua dor continua tão forte como no princípio e que em nada foi abrandada. As palavras “elaboração” ou “superação” são fortemente rejeitadas. Esta, por exemplo, foi a declaração dada por Dália quando conversamos sobre superação:

“O luto por perder um filho é infinito” (Dália, mãe de Marcelo, que há três anos e meio faleceu de Linfoma de Hodgkin quando tinha vinte e seis anos).

Mas, na minha percepção, isto não significa dizer necessariamente que o luto não tenha sido trabalhado. Penso que estamos falando de um conflito semântico. Aqui, me parece importante chamar a atenção para dois conceitos distintos: retomar as atividades naturais da vida é diferente de deixar de sentir dor. Os pais enlutados elaboram o luto, na medida em que, com o tempo, retomam suas atividades, conseguem sair de casa para participar de atividades de lazer, dão atenção para os outros filhos, engravidam novamente etc. No entanto, não associam a retomada de sua rotina com a elaboração do luto do filho perdido já que não sentem que esta dor desapareceu ou, que nem ao menos diminuiu. Este fato acaba sendo interpretado por eles como uma falta de capacidade de elaborar o luto. Mas, na realidade, o que eles querem dizer é que, apesar da vida ter “continuado”, o que na realidade continuou foi a dor em suas vidas.

### 7.3.1

#### **A elaboração do luto se manifesta na retomada das atividades profissionais e de lazer**

O que me leva a concluir que meus entrevistados conseguiram partir para um processo de elaboração é fato de observar que apesar da estagnação das fases iniciais, o movimento se manifestou tempos depois. Apesar de todos terem enfrentado no início do processo de luto um “mar revolto de ondas traiçoeiras” e percepções de “risco de um naufrágio”, conseguiram, após algum –ou muito- tempo assumir a direção de seus navios. Um bom exemplo é o de Beto e Magda. Beto se envolveu com álcool e drogas logo após a perda da filha e Magda tentou o suicídio. Beto e Magda, ambos com quatro anos de luto, atravessam atualmente uma fase de reorganização de suas vidas, tendo retomado normalmente suas atividades profissionais. Embora Magda tenha tentado o suicídio ingerindo substâncias nocivas, voltou a assumir suas atividades profissionais após o período de internação. Beto, por sua vez, conseguiu se liberar do vício das drogas e do álcool, concluiu seu Doutorado - apesar dos meses de atraso - e hoje dá aulas em uma universidade. Beto e Magda não são os únicos. Todos os demais participantes da minha pesquisa caminharam para a elaboração do luto, uns de forma mais lenta que outros, mas apesar do árduo e, muitas vezes, demorado processo, demonstraram que tiveram a capacidade de colocar atenção em outros aspectos de sua vida como o trabalho, os estudos, os passatempos e os demais filhos. Com este comportamento, eles revelaram que foram capazes de retirar a libido antes investida no objeto (filho falecido) e dirigi-la para outros fins (Freud, 1917/1988), fato que coincide também com as fases de reorganização da vida descritas por Bowlby (1985), Worden (1998) e Sanders (1999). Ao fazerem isso, puderam reposicionar emocionalmente o filho falecido em seu interior dar prosseguimento às suas vidas, apesar da significativa perda.

Dália, como citei anteriormente, declarou em sua entrevista que o luto por um filho é infinito. Mas relata, mais adiante, que atua como educadora ambiental e que, o que a ajudou a suportar a dor da perda, foi justamente o fato de estar trabalhando e manter-se ocupada o dia inteiro, em contato com a natureza e com os animais. O caminho que Diva percorreu também demonstra o quanto o foco em

uma atividade pode ser saudável para elaborar o luto. Ela conta que antes de seu filho falecer, ela não trabalhava porque se dedicava integralmente a ele. Quando ele morreu, ela se sentiu perdida, sem saber o que fazer, foi quando iniciou um trabalho e as coisas começaram a melhorar. Apesar de o luto ser relativamente recente (onze meses), ela explica que conseguiu encontrar no trabalho uma forma de não pensar no passado.

"passei a focar no futuro" (Diva, mãe de Sílvio, que há 11 meses faleceu de leucemia quando tinha 3 anos e 4 meses).

Ruth é outro bom exemplo, encontrou nos estudos uma fórmula de alívio.

"Passei a estudar muito, desde que ela faleceu eu não parei mais de fazer cursos e é só quando estou estudando que me sinto bem, caso contrário me sinto muito vazia" (Ruth, mãe de Emily, que há oito anos e seis meses faleceu de ependimoma anaplásico, um tumor cerebral, quando tinha dois anos e seis meses).

Os passatempos funcionaram muito bem para Margoth que passou a fazer crochê diariamente, assim como para Tamara que começou a confeccionar bonecas de pano para vender e descobriu nas palavras cruzadas uma fonte de bem estar. Outro exemplo é o de Rosanna, que encontrou na jardinagem um passatempo para homenagear o seu filho e cultivava em nome dele um jardim que a cada ano fica mais florido.

É preciso esclarecer que este retorno às atividades não representa uma garantia de que "a vida voltou ao normal". Todos os entrevistados declararam que suas vidas nunca mais foram as mesmas após a perda. Mas nota-se uma diferença nítida entre voltar a assumir a vida, mesmo que comprometida, do que ter a vida totalmente anulada. Rosanna consegue ilustrar em sua fala as modificações percebidas em si mesma ao retomar o ritmo profissional.

"como sou comerciante e projetista de móveis, trabalho com os sonhos, e realizações das pessoas, em especial pessoas muito materialistas, depois de conviver com a morte, e ver meu filho partir não consigo mais fazer de forma agressiva para com a concorrência meu trabalho, faço por fazer, sou mais calma" (Rosanna, mãe de Gabriel, que há 3 anos e 10 meses faleceu de câncer, quando tinha 5 anos e 11 meses).

Muitos voltaram sua atenção para os demais filhos, procurando corrigir sua ausência durante o período de doença e/ou luto pelo irmão falecido. Margoth tem a sensação de que perdeu muitos anos de sua vida e que desesperadamente tenta agora recuperar. Ela reconhece que não deu atenção ao outro filho, sempre ocupada com a filha que estava doente.

"Minhas atenções agora é [são] só dele, mas ele é muito calado, tem 17 anos agora, ele quase não se abre comigo, tenho que insistir muito, mas mesmo assim eu insisto mesmo, não deixo o silêncio [silêncio] entre nós dois (...) antes eu só vivia no hospital, nem vi ele crescer direito, nem acompanhei ele na escola... quero fazer isso agora e ele já rapaizinho [rapazinho], acha o cumulo [cúmulo] eu olhar os cadernos dele!!!!" (Margoth, mãe de Thelma, que há 3 anos faleceu de um tumor na pálpebra, quando tinha 11 anos).

### 7.3.2

#### **A elaboração do luto se manifesta na rarefação das visitas às comunidades virtuais**

Outro indicador que os participantes de minha pesquisa demonstram como sinal de elaboração do luto é a diminuição da frequência das visitas às comunidades do Orkut. Muitos pais declararam que, ao descobrirem estas comunidades, mantinham o hábito de participação diária, muitas vezes, mais de uma vez por dia. Atualmente, dos vinte participantes, oito continuam visitando as comunidades do Orkut no mínimo uma vez por semana (sendo que sete o fazem diariamente) e, os treze restantes, embora se mantenham ativos, declararam que diminuiriam com o tempo esta frequência, como expressam Ruth e Rosanna em suas falas:

“quando comecei, tinha dias que ficava a manhã inteira lendo os depoimentos e chorando, agora já não é assim” (mãe de Emily, que há 8 anos e 6 meses faleceu de ependimoma anaplásico, um tumor cerebral, quando tinha 2 anos e 6 meses).

“Atualmente vou menos pois ando muito ocupada, meu filho autista esta [está] na adolescência e preciso cuidar dele, com os deveres, higiene....sobra pouco tempo” (mãe de Gabriel, que há 3 anos e 10 meses faleceu de câncer, quando tinha 5 anos e 11 meses).

Entre os oito entrevistados que ainda visitam as comunidades do Orkut com frequência de no mínimo uma vez por semana, observei que os tempos cronológicos de luto são variados: Karla (quatro meses), Cida (seis meses), Diva (onze meses), Samira (três anos e três meses), Beto (quatro anos), Magda (quatro anos), Flor (cinco anos) e Lavínia (nove anos). O tipo de morte (esperado ou repentino) não parece ter muita influência na frequência com que estes pais escrevem no Orkut. Os filhos de Karla, Diva, Beto e Lavínia morreram após a evolução de uma doença que durou meses ou anos, enquanto os filhos de Cida, Samira, Magda e Flor morreram inesperadamente.

#### 7.4

#### **Quarta consideração: Os pais enlutados precisam desabafar para expressar o tamanho de sua dor**

Os participantes da minha pesquisa revelaram que perder um filho gera a necessidade de encontrar alguém que possa compreender e respeitar a dimensão da dor. Se ressentem com a impossibilidade de serem autênticos no ambiente *offline*.

Bowlby (1985), Freitas (2000) e Penna (2004) defendem que a expressão dos sentimentos é de extrema importância para a superação do luto e que o desabafo minimiza os riscos do enlutado desenvolver alguma doença. Corroborando este fato, Parkes (1998), Bromberg (2000) e Kóvacs (2007) afirmam que a solidão pode provocar um maior risco de desencadear um luto complicado, razão pela qual é importante que o enlutado esteja cercado por pessoas com quem se sinta à vontade para conversar. Seguindo a mesma linha de pensamento, Lipovetsky (2005), Moreira & Callou (2006) e Kóvacs (2008) apontam a solidão e a falta de alguém com quem desabafar como um dos principais problemas enfrentados pelo enlutado.

E por que falar a respeito da morte de um ente querido faz tão bem? Segundo Kóvacs (2008), entre os fatores que podem causar complicações no processo de luto, estão a negação e repressão ligadas à perda e à dor. Estes fatores podem ser exacerbados em uma cultura de “morte interdita” que faz com que as pessoas se controlem, não se manifestem e que vivam como se a morte não

existisse. Como sustenta Ariès (1977), após o falecimento, os rituais fúnebres se tornaram mais breves e o enlutado passou a ficar mais tempo sozinho.

"vou guardando [guardando] sem ter com quem se desabafar porque se vc [você] toca no assunto com amigos se torna enjoada" (Ruth, mãe de Emily, que há 8 anos e 6 meses faleceu de ependimoma anaplásico, um tumor cerebral, quando tinha 2 anos e 6 meses).

Cassorla (1998) fala do quanto à “negação da morte” por parte das pessoas próximas ao enlutado torna ainda mais difícil o processo: ficam sem saber como agir, não lhe dando os pêsames, evitam ir ao velório ou conversam socialmente durante o enterro. O grande ressentimento de todos os pais pesquisados é a falta de "ouvidos atentos" e "ombros aconchegantes" para desabafar. É em função deste desespero de dor que muitos pais enlutados sentem a necessidade de conversar com outras pessoas a respeito de sua situação.

Pude constatar que aqueles entrevistados que conseguiram conversar livremente com seus cônjuges a respeito de sua dor, declararam que se uniram ainda mais aos seus parceiros, solidificando sua relação de casal. No entanto, aqueles que não conversaram sobre o assunto, na maior parte das vezes por uma recusa do parceiro em tocar no assunto, se afastaram e muitos se divorciaram. É o caso de Shirley, que não consegue tocar no tema da perda por proibição do marido, o que gerou uma ruptura emocional na relação de casal.

## 7.5

### **Quinta consideração: Os pais enlutados encontram nas comunidades virtuais um espaço para desabafar e sentir apoio**

A quinta consideração tem relação com os pontos levantados no capítulo 5 de minha pesquisa:

Por que os pais enlutados participam destes espaços? Que efeito essa participação provoca?

Algumas respostas se apresentam com clareza: escrever é uma forma eficiente de desabafar; é uma maneira de sentir o falecido mais perto e, finalmente, é reconfortante expressar os sentimentos com autenticidade e abrir-se

com outras pessoas que vivem uma situação muito similar, recebendo em troca o desejado apoio, a ansiada compreensão e uma rede de proteção.

### 7.5.1

#### **Escrever é reconfortante por ser uma forma eficiente de desabafar**

Nestor (2011) enfatiza o quanto a “fala” por meio da escrita se mostra terapêutica: “escrever para não se esquecer, escrever para ser lembrado, escrever para desabafar seja como for, a escrita é representativa das vontades humanas”.

O poema “Noite na repartição” de Carlos Drummond de Andrade ilustra bem os benefícios da escrita como forma de suplantar a tristeza.

(...) Não grites, não suspires, não te mates: escreve. Escreve romances, relatórios, cartas de suicídio, exposições de motivos, mas escreve. Não te rendas ao inimigo. Escreve (...) (Andrade, 2001).

Um ponto levantado por Matos-Silva (2011), muito em linha com a minha pesquisa, é a percepção de que a escrita no Orkut atende a uma necessidade de externar os sentimentos de dor e tristeza diante da morte de um ente querido. E esta "válvula de escape" se mostra ainda mais essencial quando, nos dias de hoje, os enlutados são, por diversas vezes, incentivados a não falar a respeito deste assunto abertamente ou em qualquer ambiente, como mencionam muitos autores (Bowlby, 1985; Worden, 1998; Parkes, 1998; Kóvacs, 2008; Kübler-Ross, 1981; 2000).

Negrini (2009) detectou que o Orkut passou a ser um ambiente onde falar sobre a morte é permitido, o que certamente traz conforto para aqueles que se sentem reprimidos em se manifestar a respeito do tema em outros ambientes. Se o autor fez esta constatação quando estudou as mensagens postadas em perfis de pessoas falecidas, o que dizer então quando estas expressões ocorrem em comunidades especificamente criadas para o desabafo sobre o luto por um filho?

### 7.5.2

#### **Escrever é reconfortante por ser uma maneira de sentir o falecido mais perto**

Diversos autores enxergam benefícios na prática da escrita durante o luto.

Oliveira e Lopes (2008) defendem que, o fato de reviver lembranças prazerosas e manter a sensação de que o falecido está sempre próximo, ameniza a dor do luto.

Tomasi (2012) observou em seus estudos sobre a manifestação do luto no Orkut que muitos enlutados enxergam a rede como um ambiente para recordar e preservar a memória do falecido. Da mesma forma, Peruzzo et al (2007) detectaram que escrever a respeito das lembranças de momentos felizes vividos com o falecido gera conforto e bem estar, além de fortalecer a crença de que quem faleceu continua vivo, em outra dimensão. Isso traz alívio a quem escreve e, segundo muitos acreditam, ao próprio falecido, que teria a capacidade de ler as mensagens de onde estiver. Os recados deixados acabam estabelecendo uma comunicação mais concreta com os mortos, revelando, assim a crença dos usuários das redes de relacionamento em uma vida após a morte. Este fato também coincide com as percepções de Albuquerque (2007) e Matos-Silva (2011).

Importante destacar que Matos-Silva (2011), ao estudar o costume de se "falar" diretamente com o próprio morto através do Orkut, encontrou apoio teórico na fala de DaMatta, (1991) que diz que nossa cultura é “relacional” e que a tendência de se relacionar persiste após a morte de um ente querido. A tentativa de “conversar” com os mortos é comum no Brasil, seja através de médiuns, orações ou interpretação de sonhos. Neste sentido, “conversar com o falecido” no Orkut, ou sobre ele, também pode ser compreendido sob esta ótica.

Na opinião da autora, os internautas sentem como se estivessem conversando com os próprios falecidos, vivenciando uma experiência muito peculiar, como se o diálogo fosse face a face. Embora alguns autores procurem explicar a prática de escrita no Orkut como uma substituição aos ritos e símbolos que foram sendo extintos (as vestimentas pretas, o longo tempo de reclusão, a visita frequente aos cemitérios e missas etc.), Matos-Silva (2011) sustenta que,

escrever no Orkut, não significa necessariamente a substituição de outros rituais de luto e sim um complemento para os rituais tradicionais. Esse complemento é necessário já que os rituais atuais não parecem ser suficientes para abrandar o sofrimento decorrente da perda. Uma das causas da insuficiência dos rituais é o fato de eles ocorrerem em ocasiões pontuais e breves. O Orkut, por outro lado, pode ser acessado tanto quanto o enlutado desejar, e as mensagens podem ser escritas sem limitações de espaço, horário e frequência.

Ruth, uma de minhas entrevistadas, contou que antes de conhecer o Orkut, escrevia diariamente para sua filha falecida.

“escrevi muitas cartas para ela, estão todas guardadas, me fazia muito bem, não sei nem se estão escritas corretamente, pq eu pegava na caneta e tudo ia saindo” (Ruth, mãe de Emily).

A grande diferença que Ruth encontra hoje ao comparar as cartas que escrevia com os depoimentos que posta no Orkut é que, através do Orkut, ela recebe retornos de outros pais e, com isso, sente-se amparada.

### 7.5.3

#### **Escrever para outras pessoas que vivem uma situação similar é reconfortante porque é possível encontrar apoio e compreensão**

Coincidindo com meus resultados, Matos-Silva (2011) também concluiu em sua pesquisa que os internautas parecem ter encontrado no Orkut o acolhimento necessário e um meio de aliviar a dor do luto ao experimentarem a sensação de união lendo os recados que outras pessoas postam, fortalecendo aqueles que estão sofrendo com a perda de alguém querido. Da mesma forma, quando lêem as mensagens que outras pessoas escrevem, os enlutados têm contato com os sentimentos de pessoas que conviveram com o falecido e percebem a intensidade do afeto que sentiam por ele, além de também estarem sofrendo com sua perda. Lendo estes recados, experimentam bem estar por saberem que outras pessoas têm sentimentos análogos aos deles.

Os resultados do meu estudo mostram com clareza o alívio proporcionado pela escrita em um espaço onde se é compreendido. Esta compreensão traz

conforto e bem estar, atenuando, mesmo que em pequenas proporções, a dor do luto. A possibilidade de comunicar-se com pessoas que já passaram pela mesma situação é o cerne da questão. É este um dos grandes achados da minha pesquisa. Percebi que quando as dores “similares” se unem, tornam-se mais suportáveis. Compartilhar a dor com alguém que já passou pela mesma situação traz uma imediata identificação e uma sensação muito reconfortante. Em uma destas comunidades virtuais do Orkut, encontrei um depoimento postado por uma mãe enlutada (seu nome foi preservado) e que ilustra exatamente este sentimento:

“é, querida. sua dor não é única, não... já somos mais de 2 mil e oitocentas pessoas! fora as outras comunidades que existem! fora aquelas que nem imaginam que temos esse espaço prá conversarmos... pq não conhecem um computador... mas a dor da saudade... essa une à todas nós!!!”

## Conclusão

"Uma mulher vai até Buda com o filho morto nos braços e suplica que o faça reviver. Buda diz a ela que vá a uma casa e consiga alguns grãos de mostarda. Mas, para trazer de volta a vida do menino, esses grãos devem ser de uma casa onde nunca morreu ninguém. A mãe vai de casa em casa, mas não encontra nenhuma livre da perda".

(conto budista)

Embora existam inúmeros tipos de perda e todas elas apresentem um determinado grau de dificuldade para serem elaboradas, este estudo demonstrou que, na percepção dos pais enlutados, a morte de um filho é a mais dolorosa de todas. Eles relatam que este é um constante estado de inconsolável tristeza e aflição, que tem como consequência uma necessidade extrema de desabafar, dividindo com alguém uma dor que sozinhos não suportam carregar.

Os entrevistados declararam que raramente encontram o tão desejado acolhimento no ambiente familiar e no círculo de amizades. Isto porque a maioria procura “animar” os enlutados com frases de consolo e otimismo que, normalmente, apesar da positiva intenção, acabam ferindo ao invés de ajudar. E, ao buscarem ouvidos atentos para expressarem seus sentimentos, muitos pais são interrompidos pela família e pelos amigos com frases de estímulo para mudarem de assunto ou pensarem em outro tema. No intuito de fazer com que o enlutado reaja, volte a se alimentar, a sorrir, a se arrumar e a trabalhar, as pessoas mais próximas acabam não ouvindo o que realmente ele precisa dizer. A consequência disto é que o enlutado passa a se sentir inconveniente na intenção de querer tocar no assunto da perda. E, ao se calar, sente-se completamente sozinho.

Na visão dos participantes da pesquisa, o que ocorre após alguns meses do falecimento do filho é que eles passam a viver uma espécie de “teatro”. Por fora, fingem que tudo transcorre normalmente, escondem o choro e os lamentos, demonstram força e procuram não falar do filho falecido por não encontrarem um interlocutor aberto a ouvir e ombros para chorar sem hora de terminar. Enfim, se

revestem de uma máscara que sorri para “a sociedade”, no intuito de ocultar a dor de sua realidade interior e satisfazer aqueles que cobram esta "recuperação da felicidade". Mas, por dentro, só eles sabem o quanto a dor ainda os corrói. Com isso, vivem longas noites de insônia, choram quando estão sozinhos em casa e cultivam o desejo “secreto” de que a sua própria morte chegue em breve, acreditando que assim terão um breve reencontro com o falecido. Aqueles que possuem outros filhos declaram que procuram se reerguer e fazem um esforço para se manter saudáveis para cuidar dos mesmos. No entanto, admitem que o fato de ter outros filhos em nada alivia a perda daquele que se foi. Não vislumbram saídas para extravasar este peso emocional e, para piorar, as ondas de tristeza se acentuam nas datas comemorativas.

Eis que, em um momento neste vazio, descubrem um espaço que reúne todas as características que precisam: um lugar onde inúmeras pessoas, que já passaram por esta mesma situação, relatam suas histórias e contam como superaram os momentos mais críticos de sua perda. Um recanto onde é possível fazer visitas sem prévio agendamento, no momento que se desejar e passar horas e horas sem que existam cobranças para sorrir e “rapidamente voltar a ficar bem”. Um espaço onde são dadas palavras de ânimo e incentivo, diferentes daquelas que “os demais” falam. Palavras que adquirem importante valor porque são ditas por “quem entende do assunto” e por isso ganham credibilidade. Trata-se de um "esconderijo" que se torna especial, único, onde é possível interagir com o outro para falar incansavelmente sobre o filho falecido, compartilhar fotos e vídeos, contar como ocorreu a morte em detalhes ou como foi difícil o período da doença. Um “posto salva vidas” onde é possível encontrar apoio e interação vinte e quatro horas por dia. Um espaço que conscientiza o enlutado para o fato de ele não ser o único a viver este drama. Não se trata de encontrar apenas dez ou vinte pessoas que passaram pela mesma situação. Mas sim, mais de mil, três mil, sete mil que vivenciaram o mesmo tipo de experiência. E sobreviveram. São histórias multifacetadas que variam em relação ao tipo de morte e à idade do filho falecido, e que, apesar da sua diferenciação, reúnem inúmeras similaridades. Eles se reconhecem como membros de uma comunidade que se entende, que fala “o mesmo idioma”. Por isto, “Mães de anjo” ou “Pais de anjo”, como muitos se

denominam, afirmam que somente quem passou por isso conseguirá entender a linguagem desta perda.

Esta pesquisa permitiu concluir que as comunidades de apoio a pais enlutados na Internet desempenham um papel de extrema relevância para aqueles que as frequentam. A participação traz alívio, paz, sensação de solidariedade, emoção positiva por estes pais se sentirem acompanhados, acolhidos e compreendidos. É um local onde, segundo os participantes, é possível driblar o desespero, amansar a tristeza, sentir o calor de uma conexão solidária e, em alguns casos, encontrar forças para evitar o suicídio ou impedir que outros membros cometam este ato fatal. Um espaço onde desconhecidos se tornam íntimos pelo simples fato de trocarem confidências a respeito deste assunto que os une. Onde é possível fazer amizades profundas e valiosas.

Além da importância de receber mensagens de apoio e escrever para outros participantes, para muitos pais estes grupos são benéficos não apenas pela interação entre seus membros, mas também pelo processo de escrita para o próprio falecido. Eles entram nestes espaços para deixar declarações de amor para seus filhos por sentirem que, com este gesto, os homenageiam e a distância entre eles diminui. Mais reconfortante ainda é quando, após a postagem, verificam os recados de apoio, solidariedade, palavras de respeito ou elogios, deixados pelos demais membros do grupo.

Os participantes mostraram que a necessidade de desabafo não tem tempo estipulado para ocorrer ou terminar. Ela pode perdurar por anos. E as comunidades representam um espaço que permite que isto aconteça a qualquer hora do dia, em qualquer lugar, com qualquer um ali cadastrado, sem que os enlutados se sintam culpados ou envergonhados de expressar os sentimentos.

Concluo meu estudo falando sobre a enorme importância dos pais enlutados serem compreendidos em seus momentos de agonia. Para se ter uma ideia, o simples fato destes vinte pais terem sido entrevistados para esta tese fez com que todos eles se sentissem lisonjados e acolhidos. Alguém (no caso eu, como pesquisadora) queria ouvir sua história, entender em profundidade sua dor, conhecer detalhes do filho falecido, saber quais mudanças ocorreram em sua vida após esta perda. As perguntas abertas do roteiro e o meu real interesse de apenas ler o que respondiam, sem nada dizer a respeito, permitiram que estes pais

pudessem se desvincular de suas couraças e desabafar da forma mais autêntica possível. Muitos agradeceram a oportunidade de participar desta entrevista e se estenderam nos relatos até mais do que o esperado, fazendo com que a conversa fosse bem mais demorada. Todos se sentiram especiais porque falar do filho representa uma homenagem a ele e poucos têm esta oportunidade de fazê-lo por tempo prolongado.

Este estudo representa uma homenagem aos filhos que se vão e aos pais que ficam.

## Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, A. Viver e morrer no Orkut: os paradoxos da rematerialização do ciberespaço. **Intexto**, Porto Alegre, v.2, n.17, pp.1-17, 2007.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Novos poemas. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Reunião**: dez livros de poesia. Rio de Janeiro: José Olympio. 1973e. p. 154-162.

———. Noite na repartição. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1978.

———. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1977.

———. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

———. **Sobre a história da morte no ocidente desde a idade média**. Lisboa: Teorema, 1989.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

———. **O amor incerto**. Lisboa: Relógio d'Água, 1980.

BARBOSA, Aline da Silva Néto. Orkut: o espaço que possibilita a visibilidade e a imortalidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba **Anais eletrônicos ...** Curitiba, 2009b. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/premios/2009/AlineBarbosa.pdf>>. Acesso em: 8 out. 2011.

BOWLBY, J. **Cuidados maternos e saúde mental**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

———. **Perda**: tristeza e depressão. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

BROMBERG. **A psicoterapia em situações de perdas e luto**. Campinas: Livro Pleno, 1985.

CASSORLA, R.M.S. Como lidamos com o morrer: reflexões suscitadas no apresentar este livro. In: CASSORLA, R.M.S. (Org.). **Da morte**: estudos brasileiros. Campinas: Papyrus, 1998.

COLLETT, Jessica L. What kind of mother am I? Impression management and the social construction of motherhood. **Symbolic Interaction**, Hoboken, n. 28, v. 3, p. 327-347, 2005.

CIVILETTI, Maria Valeska Pardal. Sobre o abandono de crianças escravas. O cuidado às crianças pequenas no Brasil escravista. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 76, p. 31-40, 1991.

—————; PEREIRA, Ray. Pulsações contemporâneas do desejo: paixão e libido nas salas de bate-papo virtual. **Psicologia: Ciência e Profissão**, ano 22, n. 1, 2002, p. 38-49.

DA MATTA Roberto. A casa & a rua (espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil). Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1978. v.1 e 2.

EBEL, Ernst. **O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824**. São Paulo: Companhia Nacional, 1972. v. 351.

EWBANK, Thomas. **Vida no Brasil ou diário de uma visita à terra do cacauero e da palmeira, com um apêndice contendo ilustrações das artes sul-americanas antigas**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

FERREIRA, Aurélio B.H. **Novo dicionário Aurélio de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Pioneira, 1989.

FREITAS, N.K. **Luto materno e psicoterapia breve**. São Paulo: Summus, 2000.

FREUD, S. Luto e melancolia. In: FREUD, S. **Edição standard das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1988. v. 14 (Texto originalmente publicado em 1917).

—————. **Obras psicológicas completas**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1987. 23 v.

GÉLIS, Jacques. A individualização da criança. In: CHARTIER, Roger. **História da vida privada**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991. v. 3.

GENDRIN, Victor-Athanase. **Récit historique, exact et sincère, par mer et par terre, de quatre voyages faits au Brèsil, au Chili, dans les Cordillères de Andes, à Mendoza, dans le Désert, et à Buenos-Aires**. Versalhes: Gendrin, 1856. p. 63.

ILLICK, Joseph. La crianza de los niños en Inglaterra y América del Norte en el siglo XVII. In: DeMAUSE, Lloyd (Org.). **Historia de la infancia**. Madrid: Alianza, 1982.

KAPLAN, H.I.; SADOCK, B.J. **Pocket handbook of clinical psychiatry**. 2nd ed.. Baltimore: Williams & Wilkins, 1996.

KIDDER, Daniel Parish. **Reminiscências de viagens e permanência nas províncias do Sul do Brasil**: Rio de Janeiro e São Paulo: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias. Belo Horizonte: Ed Itatiaia; São Paulo: Ed. USP, 1980. 159 p.

KÓVACS, M.J. **Educação para a morte**: temas e reflexões. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

———. **Desenvolvimento da Tanatologia**: estudos sobre a morte e o morrer. **Paidéia**, Ribeirão Preto, vol.18, n.41, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2008000300004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000300004)>. Acesso em: 8 out. 2011.

———. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KÜBLER-ROSS, E. **A morte**: um amanhecer. São Paulo: Pensamento, 1991.

———. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LEBRUN, F. Um em cada dois recém-nascidos. In: LE GOFF, J. (Org). **As doenças têm história**. Lisboa: Terramar, 1985.

LEITÃO, C.F.; NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Psicologia clínica e informática: por que essa inusitada aproximação? **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 12, n. n2, p. 189-205, 2001.

LI, J. Hospitalization for mental illness among parents after the death of a child; **New England Journal of Medicine**, Massachusetts, v. 352, 2005. Disponível em: <<https://content.nejm.org/cgi/content/full/352/12/1190>>. Acesso em: 27 jul. 2008.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Tradução Therezinha Monteiro Deustsch. São Paulo: Manole, 2005.

MATOS-SILVA, M. **Teclando com os mortos**: um estudo sobre o uso do Orkut por pessoas em luto. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2011.

MONTICELLI, M. *Nascimento como um rito de passagem*. Ed. Robe, São Paulo, 1997.

MOREIRA, V.; CALLOU, V. Fenomenologia da solidão na depressão. *Mental*, v.4, n.7, p. 67-83, 2006.

NARODOWSKI, Mariano. (2001) *Infância e poder: a conformação da Pedagogia Moderna*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco.

NEGRINI, M. A morte no ciberespaço: um estudo etnográfico da comunidade do Orkut “Profiles de Gente Morta”. In: Celacom 2009, São Paulo, 2009. Disponível em:

[http://www2.metodista.br/unesco/1\\_Celacom%202009/arquivos/Trabalhos/Michele\\_Morte.pdf](http://www2.metodista.br/unesco/1_Celacom%202009/arquivos/Trabalhos/Michele_Morte.pdf). Acesso em 06 dez. 2012.

NENO, I.; KOVACS, M.J.; TADA, C. (2007) Conversando sobre a morte e o morrer na área da deficiência. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 27, n. 1, 120-131.

NESTOR, P.; IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino, 2011.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. A análise de discurso em questão. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 10, n. 2, 317-331, 1994.

———. O campo da pesquisa qualitativa e o método de explicação do discurso subjacente (MEDS). **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 20, p. 65-73, 2007.

———. Ciberespaço: nova realidade, novos perigos, novas formas de defesa. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 23, n.2, p. 66-75, 2003.

———. **Na malha da rede**: os impactos íntimos da Internet. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

———. Primeiros contornos de uma nova “configuração psíquica”. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 25, n.65, p.71-85, 2005.

———. Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 18, n. 2, 193-202, 2002.

———; A.M.; Leitão, C.F.; Romão-Dias, D. Como conhecer usuários através do método de explicitação do discurso subjacente (MEDS). In: SIMPÓSIO SOBRE FATORES HUMANOS EM SISTEMAS COMPUTACIONAIS, 6., 2004, Curitiba. **Anais ... Curitiba, CEIHC**, 2004. p. 49-59.

OLIVEIRA, J.B.A; LOPES, R.G.C. O processo de luto no idoso pela morte de cônjuge e filho. **Psicologia Estudos**, Maringá, v.13, n.2, p.217-221, abr./jun. 2008.

PARKES, Colin Murray. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

PENNA, Therezinha L. M. Dinâmica psicossocial de famílias de pacientes com câncer. In: MELLO FILHO, Julio (Org.); BIRD, Miriam (Org.). **Doença e família**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 379- 389.

PERUZZO, Alice Schwanke et al. A expressão e a elaboração do luto por adolescentes e adultos jovens através da Internet. **Estud. Pesqui. Psicol.**, v.7, n.3, p.0-0., dez. 2007.

PINCUS, L. **A família e a morte**: como enfrentar o luto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. (Original publicado em 1974).

REBELO, J.E. **Desatar o nó do luto**: silêncios, receios e tabus. Lisboa: Notícias Editorial, 2004.

———. Importância da entreajuda no apoio a pais em luto. **Aná. Psicológica**, v.23, n.4, p.373-380, out. 2005.

ROITMAN, A.; ARMUS, M.; SZWARC, N. El duelo por la muerte de un hijo. **Aperturas psicoanalíticas**. Revista de psicoanálisis, Madrid, n. 12, 2002.

SANDERS, C. **Grief**: the mourning after: dealing with adult bereavement. 2nd. ed.. New York: John Wiley & Sons, 1999

SHORTER, Edward. **A formação da família moderna**. Lisboa: Terramar, 1975.

SILVA, A.L.P. O acompanhamento psicológico a familiares de pacientes oncológicos terminais no cotidiano hospitalar. **Interação**, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 27-35, 2003.

SILVESTRE, J.C. e AGUILERA, N.V. Morte e luto no ciberespaço. **Anais do II Simpósio da ABCiber**. São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.cencib.org/simposioabciber/PDFs/CC/Nuricel%20Villalonga%20Aguilera%20e%20Jose%20Carlos%20Silvestre.pdf>. Acesso em: 8 dezembro 2012.

STEARNS, A.K. **Faça as pazes com a vida**: aprendendo a conviver com as perdas. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

SZAPIRO, A.M.; FÉRES-CARNEIRO, T. Construções do feminino pós anos sessenta: o caso da maternidade como produção independente. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Rio Grande do Sul, v.15, n.1, p.179-188, 2002.

TOMASI, Julia Massucheti. Com lembrancinhas de morte e homenagens ao ente querido: as práticas do luto na rede social do Orkut no Brasil (2004-2010). **RBSE** – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 11, n.31, p. 181-204, dez. 2012.

———. A morte no *Orkut*: as práticas do luto na rede social do *Orkut* no Brasil (2004-2010). In: Anais / organizado por MÁXIMO, Maria Elisa e BALDESSAR, Maria José. Florianópolis: ABCiber, 2011. Disponível em: <http://simposio2011.abciber.org/anais/Trabalhos/artigos/Eixo%204/4.E4/37-49-1-RV.pdf>. Acesso em: 16 set. 2012.

———. Dor de filhas, irmãs, mães e esposas: as mulheres enlutadas na rede social do Orkut no Brasil (2004-2011). Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/viewFile/14223/8151> . Acesso em Acesso em: 16 set. 2012.

TUCKER, M. El niño como principio y fin: la infancia en la Inglaterra de los siglos XV y XVI. In: DEMAUSE, Lloyd (Org.). **Historia de la infancia**. Madrid: Alianza, 1982.

VAILATI, Luiz Lima. As fotografias de “anjos” no Brasil do século XIX. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.14, n.2. 2006.

———. Representações da morte infantil durante o século XIX no Rio de Janeiro e na Inglaterra: um esboço comparativo preliminar. **Revista de História**, São Paulo, n. 167, p. 261-294, jul./dez., 2012

VIORST, Judith. **Perdas necessárias**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

WALSH, F.; MCGOLDRICK, M. **Morte na família**: sobrevivendo às perdas. Trad. Cláudia Oliveira Dornelles. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

WOLTERSTORFF, N. **Lament for a son**. Michigan: Eerdmand Publishing, 1987.

WORDEN, J.W. **Terapia do luto**. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

YOUNG, B.; PAPADATOU, D. Childhood death and bereavement across cultures. In: PARKES, C.M et al (Org.). **Death and bereavement across cultures**. Londres: Routledge, 1997.

### **Blogs, site, páginas no facebook e orkut e artigos visitados até dezembro de 2012.**

ANDY MEGAN CARTER (FACEBOOK). Disponível em: <<https://www.facebook.com/andymegan.carter#!/andymegan.carter/info>>. Acesso em: 16 set. 2012.

UM ANJO NO CÉU. Disponível em: <<http://umanjonoceu.zip.net>>. Acesso em: 11 nov. 2012.

ARARETAMAUMULHER. Disponível em: <<http://araretamaumamulher.blogs.sapo.pt/tag/morte+de+um+filho>>. Acesso em: 20 out. 2012.

DOR DE MÃE. Disponível em: <<http://www.dordemae.com.br/>>. Acesso em: 16 set. 2012.

THE COMPASSIONATE FRIENDS. Disponível em: <<http://www.compassionatefriends.org/home.aspx>>. Acesso em: 18 nov. 2012.

GENISMO. Disponível em: <<http://www.genismo.com/psicologiatexto29.htm>>. Acesso em: 21 out. 2012.

GONETOSOON. Disponível em: <<http://www.gonetoosoon.co.uk>>. Acesso em: 16 nov. 2012.

GRUPO MÃES CORAGEM (FACEBOOK). Disponível em: <<https://www.facebook.com/#!/groups/215715555206367>>. Acesso em: 1 nov. 2012.

LEGACY. Disponível em: <<http://www.legacy.com/NS>>. Acesso em: 15 fev. 2011.

MÃES QUE PERDERAM FILHOS. (COMMUNITY ORKUT). Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=1083599>>. Acesso em: 15 jan. de 2013.

MINHA VIDA SEM VC FILHO VAI SER ASSIM SEMPRE!!! (ORKUT). Disponível em: <<http://www.orkut.co.in/Main#CommMsgs?cmm=18786781&tid=5792987009584761540>>. Acesso em: 26 out. 2012.

MY DEATH SPACE LIVE JOURNAL. Disponível em: <<http://1my-death-space.livejournal.com>>. Acesso em: 15 fev. 2011.

PERDI UM(A) FILHO(A) (COMMUNITY ORKUT). Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=2064446>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

PORTAL CAMPA VIRTUAL. Disponível em: <<http://www.campavirtual.com/>>. Acesso em: 18 ago. 2011.

PORTAL JARDIN CELESTIAL CEMENTERIO VIRTUAL. Disponível em: <<http://www.jardincelestial.com/index.html>>. Acesso em: 11 out. 2011.

PORTAL MEMORIAL DAS ERINNERUNGS-PORTAL MENCHEN GEDENKEN. Disponível em: <<http://www.emorial.de/>>. Acesso em: 21 jan. 2012.

PORTAL LE CIMETIÈRE VIRTUEL. Disponível em: <<http://www.lecimetiere.net/index.php>>. Acesso em: 19 ago. 2011.

PORTAL MY CEMETERY. Disponível em: <<http://www.mycemetery.com/my/index.html>>. Acesso em: 17 fev. 2011.

5.1.PRADO, Antonio Carlos. Mães órfãs: como viver com a perda dos filhos. **ISTOÉ**, São Paulo, n. 2108, 1.abr. 2010. Disponível em:

<[http://www.istoe.com.br/reportagens/62181\\_MAES+ORFAS](http://www.istoe.com.br/reportagens/62181_MAES+ORFAS)>. Acesso em: 21 out. 2012.

RESPECTANCE. Disponível em: <<http://respectance.com>>. Acesso em: 16 nov. 2012.

SEBASTIAN. Disponível em: <<http://www.meusebastian.blogspot.com>>. Acesso em: 12 set. 2012.

TRINDADE, Eliane; CIRENZA, Fernanda. Luto do filho: a dor que não tem nome. **Marie Claire**, São Paulo. Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,EML428927-1740,00.html>>. Acesso em: 20 out. 2012.

## ANEXO 1

### Termo de consentimento livre e esclarecido

**Instituição de origem:** Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

**Título da pesquisa:** “Filhos que vão, pais que ficam: A web como recurso de comunicação durante o luto”.

**Pesquisadora:** Betty Carakushansky Wainstock

**E-mail:** [bettywainstock@gmail.com](mailto:bettywainstock@gmail.com)

Telefone: (21) 95675727

**Orientadora:** Ana Maria Nicolaci      Telefone: (21) 91392113 e 22872554

**E-mail:** [ananicolaci@globo.com](mailto:ananicolaci@globo.com)

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa por meio da qual pretendemos compreender melhor a questão da elaboração do luto entre pais que perderam os seus filhos e que participam das comunidades virtuais do Orkut criadas especialmente para pais enlutados. Esta pesquisa será realizada por meio de uma entrevista *online*, via MSN, permanecendo sob a responsabilidade da pesquisadora todo e qualquer dado de identificação. Todas as informações têm caráter confidencial, portanto sua identidade será mantida em sigilo. A entrevista será agendada no dia e horário mais conveniente para você. Sua participação é voluntária, estando livre para interromper a entrevista quando assim desejar; fazer as perguntas que julgar necessárias; recusar-se a responder perguntas ou falar de assuntos que lhe possam causar qualquer tipo de constrangimento. Caso seja o seu desejo, a entrevista poderá ser interrompida a qualquer momento. Com sua adesão, você estará contribuindo para conhecermos mais sobre o entendimento dos

pais enlutados hoje. Respondendo a esta mensagem *online* com o seu consentimento, você estará autorizando a pesquisadora a utilizar em ensino, pesquisa e publicação, as informações prestadas na entrevista, sendo preservada sua identidade e a dos membros da sua família.

Nome da entrevistadora: Betty Carakushansky Wainstock

Nome do entrevistado:

## ANEXO 2

### Perfil detalhado dos entrevistados

- Ada, mãe de Félix, que há dois anos faleceu em um acidente de carro quando tinha nove anos de idade. Ada tem 37 anos, é auxiliar administrativo e reside em Minas Gerais. É mãe de outro filho.
- Beto, pai de Suzy, que há quatro anos faleceu de leucemia quando tinha três anos e cinco meses. Beto tem 32 anos, é professor universitário e reside em Mato Grosso do Sul. É pai de outra filha.
- Cida, mãe de Sandro, que há seis meses faleceu de parada cardio-respiratória após uma cirurgia de hérnia umbilical quando tinha dois anos e onze meses. Cida tem 30 anos, é dona de casa e reside no Rio de Janeiro. Não tem outros filhos.
- Karla, mãe de Cléo, que há quatro meses faleceu de um tumor na cabeça quando tinha sete anos. Karla tem 35 anos, é comerciante e reside na Bahia. É mãe de outros dois filhos.
- Diva, mãe de Sílvio, que há onze meses faleceu de leucemia quando tinha três anos e quatro meses. Diva tem 30 anos, é analista fiscal e reside em São Paulo. Não tem outros filhos.
- Dália, mãe de Marcelo, que há três anos e meio faleceu de Linfoma de Hodgkin quando tinha vinte e seis anos. Dália tem 55 anos, é pedagoga e reside em São Paulo. É mãe de outros três filhos.
- Elisa, mãe de Enzo, que há dois anos e seis meses faleceu de choque anafilático após tomar uma anestesia quando tinha três anos e dez meses. Elisa tem 33 anos, é dona de casa e reside em Santa Catarina. Não tem outros filhos.

- Flor, mãe de Pedro, que há cinco anos e nove meses faleceu de uma infecção na garganta que tomou proporções graves quando tinha dois anos e dois meses. Flor tem 38 anos, é empresária e reside em Minas Gerais. É mãe de outros dois filhos.
- Hortência, mãe de Bertha e Natasha, que há cinco anos faleceram em um acidente de carro, quando tinham onze e seis anos respectivamente. Hortência tem 34 anos, é dona de casa, é brasileira mas atualmente reside na Holanda. É mãe de outro filho.
- Iracema, mãe de Liane, que há dezesseis anos faleceu de retinoblastoma bilateral, um tumor nos globos oculares, quando tinha três anos. Iracema tem 46 anos, é telefonista e reside no Rio Grande do Sul. É mãe de outra filha.
- Lavínia, mãe de Gyna, que há nove anos faleceu de leucemia linfóide crônica aguda, quando tinha quatro anos. Lavínia tem 30 anos, é empresária e reside em Mato Grosso. Não tem outros filhos.
- Magda, mãe de Valeska, que há quatro anos faleceu afogada na piscina, quando tinha três anos. Magda tem 37 anos, é diretora de uma escola e reside em Minas Gerais. É mãe de outro filho.
- Margoth, mãe de Thelma, que há três anos faleceu de um tumor na pálpebra, quando tinha onze anos. Margoth tem 40 anos, é balconista (no momento desempregada) e reside em São Paulo. Não tem outros filhos.
- Palloma, mãe de Cecília, que há seis meses faleceu repentinamente, vítima de uma bactéria, quando tinha vinte anos. Palloma tem 40 anos, é empresária e reside em São Paulo. É mãe de outro filho.
- Rosa, mãe de Leandro, que há um ano faleceu assassinado, quando tinha vinte e cinco anos. Rosa tem 50 anos, é enfermeira e reside no Rio de Janeiro. É mãe de outra filha.
- Rosanna, mãe de Gabriel, que há três anos e dez meses faleceu de câncer, quando tinha cinco anos e onze meses. Rosanna tem 42 anos, é comerciante, e reside na Bahia. É mãe de outros dois filhos.

- Ruth, mãe de Emily, que há oito anos e seis meses faleceu de ependinoma anaplásico, um tumor cerebral, quando tinha dois anos e seis meses. Ruth tem 47 anos, é advogada e reside em Porto Alegre. É mãe de outros dois filhos.
- Samira, mãe de Raissa, que há três anos e três meses faleceu repentinamente, vítima de uma virose, quando tinha quatro anos e dez meses. Samira tem 29 anos, é técnico de enfermagem e reside em Santa Catarina. É mãe de outro filho.
- Shirley, mãe de Junior, que há três anos e sete meses faleceu de dengue, quando tinha sete anos. Shirley tem 49 anos, é professora (mas atualmente não trabalha fora) e reside no Rio de Janeiro. É mãe de outros dois filhos.
- Tamara, mãe de Paulo, que há nove anos faleceu atropelado, quando tinha sete anos. Tamara tem 56 anos, é psicóloga (mas atualmente não trabalha fora) e reside em São Paulo. Não tem outros filhos.